JORNADA DO MARANHÃO

POR

Diogo de Campos Moreno

SARGENTO-MÓR DO ESTADO DO BRAZIL.

Depois que os Portuguezes inteutárão a conquista do Maranhão, segundo o refere João de Barros em suas *Decadas*, e nella se perdêrão muitos homens, e muitos navios, sempre esta empreza ficou espantosa, para os que quizerão olhar para ella, e tão desacreditada pela mesma razão diante de seu dono, que poucas vezes se achou conveniente só o fallar nisso: mas Deos, que das coisas em bem nosso tem differente cuidado, ordenou, que o anno de 1603 hum Pero Coelho de Souza, homem nobre, morador na Prayva do Estado do Brazil, no tempo que governou Diogo Botelho, quizesse intentar por terra o que já em outra occasião por mar tinha sabido desta conquista: da qual se dizião tantas grandezas que parecia fabuloso o sitio, as terras, as gentes, e tudo o mais que d'alli se promettia.

Não faltavão homens, que acompanhando esta tenção se offerecêrão á Jornada, á sua custa, não pedindo mais, que licença, a qual em fim se lhes deu o dito anno, e no mez de Maio. Por ordem do dito Governador, foi fazer esta expedição Diogo de

Campos Moreno, Capitão e Sargento Mór daquelle Estado, por obrigação do cargo; e porque juntamente foi visitar aquellas fortalezas; de modo que partio o dito Pero Coelho com oitenta homens brancos, e quasi oito centos Indios de guerra, e com outros homens práticos na lingoa da terra, e levou Provisões de Capitão Mór da dita Conquista, em virtude das quaes fez Capitães de Infantaria, e levou dois caravelões, e hum grande Piloto da costa Francez chamado *Otuimiri*, sem o qual não fizera nada.

Nas demais coisas do provimento, não foi largo como convinha, porque as forças erão poucas, e assim marchou até o Jaguaribe, donde no Siará ajuntou a si todos aquelles Indios moradores: com os quaes por necessidade da comida, e por passar avante foi até a grande serra de Buapava, e teve grandes recontros com os Tabajares de Mel Redondo, e deo-lhe Deos grandes victorias, e taes successos, que realmente se fôra sua tenção o Maranhão sómente, muitos assegurão, que chegára a ver suas terras. Porém o homem obrigado de cartas de seus mandadores, e do máo provimento, e soccorro, que lhe derão, pois nunca foi tal que passasse de promessas, se tornou a Jaguaribe com desenho de fazer alli nova povoação, e Colonia. Para a qual trouxe desde a Prayva sua mulher, e filhos, e deu nome á terra a *Nova Lusitania*, e ao lugar a *Nova Lisboa*.

Mas como todas estas obras erão sem ordem, nem braço de Rey, e o Governador tratava de que lhe mandasse parte dos Indios, como por cartas, e ordens suas hoje parece, discorrendo que como de captivos era gente devida ás primicias de seu governo, entendendo disto os homens, que a Jornada se havia feito sómente para captivar, e vender Indios, derão-se tão boa manha que em breves dias venderão até aquelles, que fielmente os havião ajudado e acompanhado na guerra.

Neste tempo succedeu, que os Hollandezes accommettêrão a Bahia de todos os Santos, sendo seu

General Paulo Wancarden, a qual se defendeu desta armada honradamente, não tendo fortificação, nem artilharia equivalente á semelhantes forças, e assim para avisar a Sua Magestade deste caso, como da necessidade, que aquelle povo tinha de fortificação, e Paranambuco de hum forte na sua barra, e de artilheria de alcance, e de munições de guerra, e armas, e assim para que avisasse ao dito Senhor das cousas da conquista da Costa de Leste oeste, e das muitas razões, que havia para se acudir áquella costa, da qual sabidamente se servião, e apoderavão os inimigos: foi mandado o dito Diogo de Campos á Hespanha a tratar estas cousas. O que fez partindo no fim do anno de 604, e no de 605, e 606, alcançou ordem para as fortificações do dito Estado, e outras cousas de importancia; porém nunca pôde alcançar, que lhe deferissem ás propostas do Maranhão: porque houve alguma opinião, que a *Jornada* era mais conveniente aos particulares, que desordenadamente se havião havido nella, que não ao commum do serviço de Deos, e de Sua Magestade, e que o Governador mais tratava della por se estar em Paranambuco, que para soccorrer a Pero Coelho, nem mandar tratar do que convinha.

E estes juizos, que podião ser temerarios, todavia se fomentavão com novas, que cada dia se escrevião destas desordens; que chegárão a estado a Pero Coelho de Souza, que desamparado dos seus, e quasi mais vendido, do que o forão os que elle vendeu, se veio deixando tudo miseramente a pé com sua mulher, e filhos pequenos, parte dos quaes perecêrão de fome fazendo tão lastimoso este seu passagem como o de Manoel de Souza na terra dos Cafres. E assim se acabou a boa tenção desta empreza bem começada em nome de Sua Magestade, e sem custa alguma de sua Real Fazenda, ainda que todos os particulares ficárão perdidos, e foi necessario, que o dito Senhor mandasse acodir á desordem dos captivos, tirando-os a quem os tinha, e

tornando-os a mandar restituir á suas terras vestidos, e contentes.

Acabado este successo pareceu ao Collegio dos Padres da Companhia de Jesus, que esta empreza era sua delles, e de sua opinião, e doctrina, como em fim pessoas dedicadas a descer, e ampatar os Indios. Pelo que havendo-se bem aconselhado na materia pedirão licença para dois Padres, e quarenta Indios irem até a grande serra da Buapava, e della ao Maranhão, ou ao menos ás partes a elle mais visinhas. Porque entendião, que os mesmos Indios havião de abalar-se para os receber, e levallos a tomar posse de todos aquelles mundos: porém Deos foi servido de outra cousa, e succedeu, que havendo os Reverendos Padres chegados já a Buapava deixando de novo quietos, e mui amigos os do Siará.

Passando avante fôrão no caminho salteados dos Tapuias da serra, salvajes, que a todos fazem o mesmo, andando como feras sempre no campo, foi morto o P. Pinto nesta envolta, homem de grande bondade e exemplo na vida, que alli perdeu por Deos, e está hoje o seu corpo venerado no Siará dos mesmos Indios, que dizem, que depois que o tem comsigo, que sempre lhes chove agoa do Ceo, e lhes vai bem. O outro P. Figueira escapou por entre o mato com alguns dos Indios, que o encaminhárão, e quando se vio no Siará não fez pouco, nem alli estivera muito seguro; mas neste tempo vindo outra vez o dito Sargento Mór do Estado visitar a fortaleza do Rio Grande, e achando noticia do aperto, em que o dito Padre estava, e vendo que o P. Pedro São Peros queria ir ao buscar, deu a sua embarcação, e Soldados, que fôrão ao trazer dalli cem legoas, donde estava enfermo, e consumido, e tal fim houve esta segunda empreza do Maranhão.

Já neste tempo governava o Estado do Brazil Dom Diogo de Menezes, cujo zelo, e christandade parecia assegurar as maiores emprezas delle, tendo entre outras muitas cousas de substancia alcançado,

praticado, e quasi assentado a fórma mais facil, mais breve, e menos custosa de aquella conquista desdenhada, e quasi de todos já aborrecida, e dando com sua costumada prudencia, e verdade conta da importancia da costa de leste oeste, e de seus portos até o Maranhão, e mostrando, que não só estava em perigo de Corsarios se valerem della, mas de outros tyrannos, que possuindo-a podião intentar grandes cousas contra o Perú, e todo novo mundo da America, ao melhor do qual ficavão de barlavento, juntando a isto a Relação de certos Francezes, que em hum pataxo se tomarão na boca da Bahia; os quaes descobrirão muito do que sabião: finalmente deferindo Sua Magestade aos avisos do dito Governador, lhe mandou, que com particular cuidado, e diligencia se tornasse a informar das cousas daquella conquista, e do modo melhor em que podião fazer-se.

Em virtude desta carta de Sua Magestade, logo o Governador o anno de 611 mandou ao Sargento Mór Diogo de Campos ao Rio Grande, para que como parte mais proxima ao Jaguaribe de novo se informasse do que convinha ao cumprimento da ordem do dito Senhor.

Tinha o dito Diogo de Campos hum parente seu, o qual de mui pequeno havia mandado com Pero Coelho de Souza, para que servindo naquella entrada aprendesse a lingoa dos Indios, e seos costumes, dando-se com elles, e fazendo-se seu mui familiar, e parente, ou *compadre* como elles dizem. Succedeu isto tanto á medida do desejo, que havendo-se Pero Coelho de Souza retirado em descredito dos Indios, e os Padres da Companhia com pouca dita, só o moço chamado Martim Soares Moreno sustentou o credito, e amizade destas gentes do Jaguaribe.

Pela qual opinião o dito Governador D. Diogo de Menezes o fez Tenente da fortaleza do Rio Grande, donde o achou servindo Lourenço Peixoto Sirne,

quando foi ser Capitão de aquella Capitania, fazendo que em seu tempo o dito Martim Soares fosse como foi trez vezes ao Jaguaribe, cada vez confirmando mais a paz, e amizade com Jacaúna, *Principal* de aquellas gentes, o qual lhe chamava filho: de que succedeu, que chegando o dito Sargento Maior ao Rio Grande, fez huma mui conveniente, e nova relação das cousas de aquella conquista, de modo assim guizada narração de seus fundamentos, que foi assignada por todos os Capitães de aquellas Capitanias do Norte até da de Paranambuco, asseguranto ser convenientissimo fazer-se a conquista, e irem-se assegurando, e povoando primeiro alguns portos de aquella costa com pequenos presidios.

Com estes pareceres se resolveu o dito Governador, não só de avizar a Sua Magestade, como fez cumprimento da ordem que tinha: mas de dar como deu principio á obra o dito anno; e assim despachou ao dito Martim Soares fazendo-o Capitão de Siará, e dando-lhe sós dois soldados, á fim que os Indios o não tivessem por hospede pezado, o vissem como não hia a lhes fazer guerra; mas antes a se fiar nas suas amizades, e forças: e que assim tratasse de fazer fortaleza, e Igreja para se baptizarem, e doctrinarem os ditos Indios. Para o que lhe deu Capellão, ornamentos, e hum sino, e outras cousas necessarias com que se partiu, e chegou a salvamento ao Siará. Donde fundou Igreja a Nossa Senhora do Amparo, e fez hum forte capaz de duzentos homens, soldados, e moradores, e nelle com amizade, e fé de Jacaúna. O qual fez vir a alojar-se meia legoa do forte com a sua Aldêa.

Succedendo para confirmação deste bom principio, que tomou o dito Martim Soares hum navio Hollandez com ajuda dos Indios, indo elle nú entre elles, e tingido de gimpapo, que faz a carne como negro de Guiné; matando em terra, e no dito navio 42 homens ficando senhores da nau, e do que tinha em si de mantimentos, armas, e artilheria, e muni-

ções, e com este successo augmentando-se o credito da dita Povoação, fizerão fugir do porto de Mucuripe outra nau, matando-lhe alguns homens do batel, o que foi causa de que a 15, ou 16 legoas daqui fosse dar á costa: onde dizem, que se perdeu além da gente, muito marfim, e ouro da costa da Mina, que com doença não havia quem mareasse as velas: tudo isto aconteceu já no cabo do governo do dito D. Diogo, e estando elle na Bahia de Todos os Santos, confiando que de Paranambuco se teria cuidado do que á nova Colonia importasse.

Mas succedeu, que se descuidárão tanto do dito Martim Soares, que quasi se viu desacreditado, e perdido com os Indios, que soberbos das prezas alcançadas, e não vendo, que se fazia conta de aquelles brancos, e não faltando hum máo Christão, que de secreto avisava aos barbaros, que os matassem, que sem ordem se havião ido alli para os captivarem. Estiverão mui em risco de perder as vidas, e o bom principio, que com justa quietação se havia dado: e succedêra damno, se o dito Martim Soares já mui pratico na lingoa, e modos de proceder dos Indios não se valêra de sua industria, até que lhe chegou soccorro.

Neste tempo sendo Sua Magestade já informado das cousas do Maranhão, e da importancia dellas, e do modo em que o Governador D. Diogo de Menezes lhe tinha dado principio, e havendo creado novo Governador do dito Estado a Gaspar de Souza, Fidalgo de tantas partes, e tão grande soldado, que para elle parece que guardava o Ceo este encantamento, e que delle se podião esperar todos os bons successos: mandou, que conformando-se com o que mais conveniente lhe parecesse para a dita conquista, assistisse sua pessoa em Paranambuco, e tratasse de eleger pessoas em cargo, quaes para a tal *Jornada* bem lhe parecesse.

Porque de tal sorte lha encarregava, que para a fazer lhe dava todo o poder necessario em assis-

tencia de dinheiro, como em effeito lhe deu, e passou todas as prevenções, e cartas necessarias, como se verá adiante, e assim tanto, que o dito Gaspar de Sousa entregou a Paranambuco, não só tratou de soccorrer como fez a Martim Soares em hum momento; mas para a conquista elegeu logo Capitão, nomeando no dito cargo a Jeronymo d'Albuquerque por ser experimentado nas cousas do sertão e dos Indios, como por ser grande Truxamante, ou lingoa entre elles, e com nome de seu bemfeitor, e parente ser mui acceito, e conhecido em toda aquella costa.

Nas quaes qualidades parece que consistiu o maior pezo da expedição, que sem Indios era impossivel fazer-se, antes o número delles quanto maior fosse, mais parece, que assegurava a *Jornada*, e assim se tinha o dito Governador persuadido nesta consideração, que com só este homem abalar-se, se abalaria todo o Gentio de todas as partes, sem despeza da fazenda de Sua Magestade, nem algum trabalho. Com tudo não quiz o Albuquerque partir-se sem muitos homens brancos, e tanto resgate, quanto pôde tirar da fazenda de Sua Magestade, dizendo que a bém da sua fama e das dadivas se havião de abalar todos os Indios de Jaguaribe, de Buapava, e os Tapuias do Parameri, chamados *Teremembés*: e em effeito vindo a contentar-se com o que lhe derão, que não foi pouco, se partiu, e chegou ao Siará o anno de 613, donde levou comsigo ao Capitão Martim Soares, que com facilidade se lhe offereceu para reconhecer tudo o que faltava da costa até o Maranhão, e que entraria no mesmo rio, e com toda a brevidade possivel tornaria a dar aviso se podesse, que entre tanto seria bem povoar-se o Camuri, que era um rio naquellas partes de muito nome, e muito proximo á grande Serra de Buapava, e dos Teremembés, com os quaes era muito necessario assentar pazes.

Partido Martim Soares, o dito Jeronymo d'Albuquerque se foi ao Camuri, e não achando com-

modo para povoar por ser toda a terra misera, secca, e sem agoa para beber, se tornou atraz cousa de oito legoas á bahia das Tartarugas chamada *Peruquaquard*, e alli assentou huma povoação; na qual fundou hum Altar a nossa Senhora do Rosario, e tratou com os Indios da Buapava, que o seu principal, chamado o *Diabo Grande* o viesse vêr, e ouvir sua falla; mas o Indio dando suas escusas, mandou hum filho seu, offerecendo ao diante, quando elle tornasse, fazer o que lhe mandassem em nome de Sua Magestade, de quem era amigo, e dos brancos: com isto se acabárão os tratos, e obras de áquelle anno, e da despeza nella feita, que realmente, como dizia o mesmo Governador, já parece que pedia maior satisfação de obras; mas faltando Martim Soares, de que não havia mais novas, que as que havia mandado do Pará, dizendo, que tratára amizades com os Teremembês, e que passava ao Maranhão: e vendo que o *Diabo Grande* havia recusado vir a seu chamado, e que os mantimentos faltavão, e a gente padecia falta de todas as cousas, determinou de deixar nas Tartarugas 40 soldados com hum seu sobrinho, e partir-se por terra ao Siara com o resto da gente, mandando os barcos, que costeando a costa como melhor podessem, se tornarem a Pernambuco, para donde elle tambem logo caminhava, não lhe parecendo necessario para nenhuma cousa destas ordem do Governador; e assim foi este o fim da primeira *Jornada* de Jeronymo de Albuquerque o anno de 612, chegando a Paranambuco a salvamento.

Neste mandou Sua Magestade ao Sargento-Mór daquelle Estado Diogo de Campos, que logo se embarcasse em Lisboa, donde com licença do dito Senhor havia ido a levar sua casa e que se fosse a servir na *Jornada do Maranhão;* porque quando de lá viesse lhe mandaria fazer as mercês e honras, que por aquelle, e os demais seus serviços merecesse. A isto replicou por tres vezes com instancia

o dito Sargento-Mór, escusando-se de tornar ao Brazil, donde estava já despedido com licença do dito Senhor: mas estando nestas duvidas, succedeu, que chegou aviso á Côrte como os Hollandezes armavão para o Brazil ·Pelo que o Secretario Fernão de Mattos em Junho de 613, da parte de Sua Magestade, mandou ao dito Diogo de Campos, que logo se partisse a Lisboa, donde acharia huma armada até 400 homens, a qual se fiava só na diligencia, e partes de sua pessoa, com a qual, e com Ministros de guerra, e artilharia se havia de partir a soccorrer o Governador Gaspar de Sousa. Chegou a Lisboa o dito Sargento-Mór em sete dias, donde achou trinta soldados assentados no armazem.

Comtudo sustentou esta opinião como pôde, avisando ao Governador: do qual teve resposta, que a gente que se fazia era mui necessaria; porque quando para a Jornada do mar para o effeito não servisse, seria para a *Jornada do Maranhão,* donde ninguem se deliberaria ir por sua vontade. Com esta carta se tornou a aquentar a leva da gente. Porém chegou logo outro aviso do mesmo Governador, que a gente não convinha, porque se não achava em tempo aquelle Estado para os pagar, e que só tomaria artilharia, e armas, de que havia grande falta para o novo forte do Recife, e para os moradores. Com esta carta o Sargento-mór do Estado tratou de se partir com as náos da India, e assim alcançando duas colebrinas para o Forte da Lagem do Recife de Paranambuco, e algumas armas e munições, e cousas para a *Jornada do Maranhão,* se partio em huma urca em 8 de Abril de 1614 com até cincoenta soldados, para guarda de tudo sem levar outra cousa; porque conforme aos avisos do Governador, se entendia não haver mister nada.

A 26 de Maio do dito anno chegou o Sargento Mór do Estado ao Recife, donde no tocante á *Jornada do Maranhão,* achou hum caravelão da costa apercebido de 300 alqueires de farinha sómente para

levar soccorro aos das Tartarugas, que havia trez mezes, que comião hervas do campo, padecendo notavel necessidade de todas as cousas: e achou que os ditos soldados havião sido accommettidos de Tapuias barbaros daquellas comarcas, que em numero de até 300 vierão huma madrugada a dar na cerca, donde os Portugueses se defendêrão honradamente, tratando-os de sorte, que os fizerão affastar, e depois os obrigárão a ser amigos.

Com este soccorro estava o caravelão, e á falta de gente não partia. Porque ainda que Jeronymo de Albuquerque que estava nomeado, e se passeava na Villa, estavão tão frias as suas prevenções, que foi necessario mandar o Governador hum substituto com o soccorro, até que a armada fosse, e assim foi Manoel de Sousa de Eça, natural das Ilhas naquella Provincia, e Provedor dos defuntos, e ausentes em Paranambuco. Finalmente para o caravelão partir se tomárão quatorze soldados, dos que trouxe o Sargento Môr, e dezeseis Castelhanos arribados allí das Filipinas.

Com este apresto aos 28 de Maio partio o dito soccorro, levando por culpa dos Officiaes menores tão pouca polvora, que não chegou a dois arrateis. Chegarão a salvamento ás Tartarugas a tempo, que logo a 12 de Junho chegou áquelle porto huma náo de 400 toneladas com 300 Francezes, de que se dirá adiante, os quaes hião de soccorro ao Maranhão. Mas parecendo-lhe conveniente desfazer aquelle presidio, lançarão em terra até 100 homens, com os quaes os Portuguezes vindo as mãos fóra da sua cerca os escozerão de feição, que com hum morto, e sete feridos, os Francezes se retirárão á sua náo, e se forão seguindo sua viagem, ficando dos do Forte morto hum, e feridos quatro.

A causa desta gente se embarcar sem fazerem mais força aos da cerca foi porque não trazião mais ordem, que para seguir sua viagem. Com tudo quizerão provar a mão para chegar honrados; mas como

virão mais resistencia, do que lhes havião dito, logo desistirão seguindo seu caminho.

De tudo isto teve o Governador geral aviso, e de que em Siará tambem a mesma não lançára gente em terra, a qual levava Frades, e houve cartas suas delles em latim, a que se não deo credito. Isto se soube por avisos dos Presidios, os quaes ainda que distantes 200 legoas, já se aventuravão os soldados por terra a levar cartas a Paranambuco em menos de hum mez. E assim este ultimo aviso, de que se trata, levárão Jorge Corrêa, e Jorge da Gama, soldados do Siará, que chegárão a Paranambuco em 15 de Junho, e Manoel de Sousa d'Eça, chegou com o soccorro áz Tartarugas a 9 do dito mez, segundo depois se soube.

O Governador Gaspar de Sousa, com o empenho desta gente, a qual com os de Siará chegava a 90 soldados de paga, parecia-lhe não dilatar o resto, por não fazer vans as despezas de cada dia, e os soccorros, que andavão, e devião de andar na carreira: pelo que desejava a sahida de Jeronymo de Albuquerque; e d'outra parte como as cousas do Maranhão, e da sua Costa andavão tão escuras, não havia pessoa alguma, que daquellas partes désse a conveniente noticia, tendo-se Martim Soares por perdido por faltar recado seu, já quasi passando hum anno, determinou com tudo de não estar parado, antes lhe pareceu como prudente, que aquella Costa, ou por terra, ou por mar se acabasse de reconhecer até o mais proximo ao Maranhão, que se podesse, fazendo-se no Pará, ou no Ototoy huma grande povoação, a qual fosse abrigo da *Jornada*, e de todas as outras; assentando-se em parte, que houvesse terras para cultivar, por vêr se poderia forrar-se á custa, e trabalhos dos mantimentos, que com tanta difficuldade se achavão, quando convinha.

Pelas quaes razões, e por huma natural confiança, que tinha em dar bom fim á empreza, mandou a Jeronymo de Albuquerque, logo se partisse

a abalar os Indios, para que conforme a quantidade delles se aprestasse o necessario: mandou juntamente, que ao dito se lhe passassem novas Provisões, e Regimento, e ao Sargento mór do Estado do Brazil, Diogo de Campos, nomeou por Collega, e collateral do dito Jeronymo de Albuquerque á igual voto nas cousas, para que nem se escusasse da ida donde Sua Magestade o mandava por estar nomeado o outro, nem já que fosse, houvesse differenças nas resoluções das ordens, que como havião de ser por votos, sempre a publicação dellas de necessidade havia de ser em nome do Capitão da Conquista, que a ninguem se ficava subordinado mais que ao Governador, e ao Sargento Mór do Estado por seu cargo: tão pouco de outra pessoa naquellas partes, que do Governador Geral podia tomar a ordem.

Assim foi mui conveniente a traça para Sua Magestade ficar melhor servido, como depois se mostrou nos effeitos.

Tendo isto assentado, mandou que se embarcassem 2.200 alqueires de farinha da terra, em cinco barcos, ou caravelões da costa com ferramentas, e coisas necessarias, parecendo-lhe, que para o que se havia de fazer, que bastava este apresto; por que cada dia esperava ir provendo como necessario fosse, de modo que Jeronymo de Albuquerque partio para as fronteiras dos Indios da Prayya a 22 de Junho; e Diogo de Campos começou de entender com as embarcações; e assentos dos soldados, advertindo do que mais conveniente lhe parecia para o tempo, e necessidades da *Jornada*, a qual com menos de seis mil alqueires de farinha não era justo intentar-se pela falta de Pilotos, que havia para levar soccorros, dos quaes não se podia ter confiança, até que dos mesmos navios tornassem alguns a barlavento, coisa que até aquelle tempo se tinha por infinita.

Fundava-se, que a junta havia de ser de mais de mil almas, entre os quaes o mesmo Governador

fazia conta de 300 homens de mar, e guerra, e de 500 frecheiros Indios, fóra suas mulheres, e creaturas, e os do Pará, e Buapava, que o de Albuquerque assegurava, que se abalarião com elle para a *Jornada*. E tudo isto mal podia em cinco caravelões fazer-se, e com a dita farinha, que não chegava a 3.000 alqueires, sem outro provimento de comida, vinho, e azeite, nem carne, nem mesinhas, nem Fysico, nem Barbeiro, nem coisa alguma das que Sua Magestade manda se dem a huma náo, que parte do porto, quanto mais a huma Conquista tão perigosa nestas coisas. Ainda que o dito Sargento Mór se mostrava solicito, não era mui agradavel ao pouco que se podia a respeito do dinheiro, que faltava, e da gente, que não havia, e dos avisos do Albuquerque tão varios, que se não podia sobre elles fundar mais que duvidas.

O Governador com sua prudencia a tudo satisfazia, mandando Ministros por todas as partes, ajuntar farinha, pedindo dinheiro emprestado para a leva da gente: tomando mais embarcações, mas de tal modo, que nem custosas, nem defendidas fossem de seus donos, e estas taes como são navios mancos, pequenos, e velhos não autorizavão, nem asseguravão a *Jornada*, antes no meio destas prevenções todos entendião de fóra, que a *Jornada* se deixasse. O Governador tudo isto fazia com o olho em Jeronymo de Albuquerque, que humas vezes avizava, que havia de marchar por terra, e logo tornava que não podia ser, senão por mar, e isto assim como com elle o praticavão os Indios, que huns querião, e outros não querião embarcar-se.

Os Padres da Companhia dizião, que por terra era impossivel fazer-se coisa boa por a larga distancia até o Siará, e caminho sem gota de agoa, nem folha verde em muitas partes, de modo que quando mais as coisas se mostravão tibias, e que como digo nem o mesmo Governador parecia fiar-se nellas, então largando a casa de Paranambuco

se veio ao Recife, desejando de huma ou de outra sorte lançar fóra o que junto tinha, promettendo ser mui continuo, e prompto cada mez em mandar os soccorros necessarios.

Alexandre de Moura, e quasi todos os homens praticos daquelle Governo tinhão comtudo o negocio por duvidoso, e não se contentavão dos fundamentos, nem da noticia, nem do cabedal daquella coisa; a qual estando assim chegou aviso de Portugal do Capitão Martim Soares Moreno ser vivo, e estar em seus trabalhos arribado por Indias, e que havia visto o Maranhão, e suas terras, e a grandeza, e bondade dellas, e que achava, que tinha muitos Francezes, e fortalezas, e infinitos Indios á sua devoção; pelo que julgava serem necessarias para aquella Conquista grandes forças, e excessivos gastos, e que para mais assim se informar do que passava naquellas partes mandava o Piloto Sebastião Martins, e alguns soldados dos que com elle se achárão, dos quaes se poderia tomar mais larga informação, até que Sua Magestade mandasse o que fosse servido.

Esta gente, e aviso chegou a 24 de Julho a tempo, que o Almoxarife da *Jornada* tinha já recolhido assim todo o pagamento dos presidios de Siará, e Tartarugas, em fato, e alguma polvora, e munições de guerra, e sempre se recolhia, e embarcava a mais farinha, que se podia sem se tratar de outro algum mantimento.

Tambem estes dias á persuasão do dito Governador se acabárão de resolver os Reverendos P. Capuchos de darem para a *Jornada* os dous, que tinhão offerecido, os quaes fôrão nomeados, e tocou a sorte ao P. Fr. Cosme de S. Damião, que havia sido Guardião da Prayva; e assim ao P. Fr. Manoel da Piedade, natural daquella Provincia do Brazil, homem nobre Theologo, e grande lingoa dos Indios. A estes Reverendos Padres se não deu coisa alguma da fazenda de Sua Magestade, antes elles de esmolas se aviárão de calices, ornamentos, e tudo o mais

ao culto divino necessario, e da comida, com que fizerão infinitas caridades a todos os da *Jornada*, a que pozerão nome a *milagrosa*. Quiz o Céo mostrar que na maior pobreza dava o mór provimento, e na menor noticia o maior conhecimento. E assim que tambem havia de dar como deu no tempo da mór fraqueza o maior esforço. Isto só pela virtude destes dois Sacerdotes, sua vida, seu exemplo, e seu bom zelo.

Tambem neste tempo se offerecêrão alguns particulares para a dita *Jornada*, como foi o Engenheiro do Estado Francisco de Frias, que com grande louvor tinha acabado a fortaleza da Lajem do Recife, e assim o Capitão Gregorio Fragoso de Albuquerque, que acceitou á sua custa servir huma companhia, e foi exemplo aos demais Capitães; que tambem se contentárão com a paga ordinaria de soldados, até Sua Magestade mandar ordenar se lhes désse soldo, conforme a causa, e elles o merecessem, e assim se formárão quatro companhias de 60 soldados cada huma, afora os particulares Aventureiros, que em huma esquadra á parte acompanhavão ao Capitão Mór, quando convinha.

Com as novas de Martim Soares, e com a vinda de Sebastião Martins se acabou de deliberar o Governador a fazer mais alguma despeza, e mandar ganhar a barra primeira do Maranhão chamada Perejá; porque o dito Piloto se obrigava a metter nella os navios em parte segura com agoa, e terras boas para cultivar. Supposto que o homem huma só vez havia entrado naquelle porto, sendo já passado hum anno; mas a sua segurança, e o desejo do Governador que tinha de lançar fóra esta armadilha, fazião ganhado o Perejá, e a todos mui contentes se se vissem nelle: e assim mandou fazer assento, de que se fortificassem nesta barra, e déssem logo aviso a Sua Magestade, e a elle Governador do que convinha a seu Real serviço.

Já as ordens chegavão a este termo, e a cadeia,

e os fortes estavão cheios de presos para embarcar, e os voluntarios ubicados ás embarcações pedião que comer; mas a comida, e coisas mais necessarias não se achavão: pelo que o Sargento-mór do Estado não cessava de fazer lembranças, advertindo, que Manoel Mascarenhas Homem, e Feliciano Coelho de Carvalho, quando fôrão a conquistar, e povoar o Rio Grande sessenta legoas de Pernambuco, que o Governador D. Francisco de Sousa, antes de tratar na expedição, fizera o provimento da *Jornada* com 12 mil cruzados em dinheiro da náo da India, que foi ter á Bahia de Todos os Santos, e deu todos os direitos dos escravos de Angola, e pôz hum cruzado de tributo sobre cada caixa de assucar, que se carregava naquelle porto, e mandou, que se tomasse todo o dinheiro que estava recolhido aos defuntos, e absentes, afora os sobejos dos dizimos, e afóra o que gastárão muitos particulares por servir a Sua Magestade, em que houve homem, que só de sua fazenda gastou dez mil cruzados naquella *Jornada:* e que além disto Alexandre de Moura estava naquelle tempo no Recife assistindo a mandar ao dito Rio Grande todos os navios de provimento, vinhos, azeites, comidas, assim como chegavão do Reino; e que Sua Magestade tambem mandou em duas grandes urcas, pela grande diligencia, e zelo do Conde Meirinho Mór, que governava a Fazenda do dito Senhor em Portugal, nove peças de alcance de bronze, e muitas de ferro coado, com tantas munições, armas, e comida, que hoje parece coisa incrivel.

Tambem veio ordem ao dito Manoel Mascarenhas para nomear, e dar cargos, e ordenados, quaes lhe bem parecesse, como em effeito deu. E com tudo isto dizem, que a *Jornada* esteve tão arriscada a se a largar da mão, que tiverão feito assento disso, se Feliciano Coelho de Carvalho não chegára com o soccorro da gente da Prayya; sendo que os Indios erão em mui differente numero, que os do Maranhão; e os Francezes, que com elles andavão, não chega-

vão a 60 homens sem cheiro de nobreza, nem ordem de Rey: o que tudo he tão differente na *Jornada*, que se trata, que só de Paranambuco a Pereiá ha 300 legoas, sem remedio, nem de tornarem tão cedo os navios, que lá forem; e que he coisa mui assegurada serem as forças dos Francezes mui grandes; pois só huma náo, de que havia noticia, além do que avisava Martim Soares, era de 400 toneladas, e levava 300 homens, muitos Frades, e povoadores, o que tudo assegurava haver daquella banda alguma grande Colonia, contra a qual achava serem necessarias mui differentes forças das que ao presente sua Senhoria tinha, nem ajuntar podia sem outros particulares favores, e ordem de Sua Magestade, de quem era necessario aguardar-se aviso; pois o que estava apparelhado só servia para engrossar as Colonias da Costa, e lançar as balieas mais avante, o que a boamente faria se podesse, sem aventurar o todo da *Jornada*, a qual se esta vez se desacreditava, ou perdia, que para sempre o encantamento do Maranhão ficava mais cerrado, e mais espantoso aos olhos de todos pelas perdas já apontadas.

Bem via o Governador, que isto era fallar a proposito, ainda que não mostrava agradar-se de difficuldades, e mais quando as achava geralmente naquelles, que aconselhar o podião na materia; e para mais ajuda, chegou estando nestas duvidas huma carta de Sua Magestade, em que mandava, que sobre toda outra coisa se lhe carregasse o *pão brazil*, ás despezas do dinheiro dos dizimos, e que não houvesse nada, que isto estorvasse, sob pena de se haver pela fazenda, e bens de quem causasse o contrario.

Aqui acabou o Governador de se desgostar da *Jornada*, e sem dúvida a deixára, senão estivera tanto cabedal mettido. Comtudo tomando novo parecer, mandou fazer outro assento, que visto ter feito despeza de mais de 16 mil cruzados, e estar quasi prestes tudo o que a terra podia a boamente

dar de si, e Jeronymo de Albuquerque ser já parado ao Rio Grande com 300 Indios frecheiros conforme avisava em 29 de Julho dito, com muita gente branca com todos os quaes fazia, e tinha feito despeza de dinheiro, armas, e mantimentos, e que parte dos Indios já marchavão por terra, sem embargo do que dizião os Padres da Companhia, mandou, que logo se partissem dois caravelões da Costa dos cinco, que estavão destinados com 1200 alqueires de farinha, os quaes com a gente, que levar podessem, se fosse logo ao Rio Grande para assistir a Jeronymo de Albuquerque; o qual entendia, que sem dúvida marcharia por terra neste modo de empenhar as coisas.

Fundava o Governador hum grande atalho ao que se lhe presentava as difficuldades, esperando que Deos o desempenhasse, pois a *Jornada* era tanto de seu serviço, e comtudo não parava de aviar ao Sargento Mór, que sempre apertava por farinha para seis mezes pelo menos, pois dos soccorros não havia que ter confiança, como fica dito, nem nas partes donde chegassem, se havia de presumir, que havião de achar mais favor, que o que comsigo levassem; e o que o rigor da guerra lhes permittisse.

Emfim o Governador havendo chegado do Rio de Janeiro navios com farinha, e outros com peixe, mandou tomar até seis mil alqueires de farinha com a que estava embarcada, e 100 arrobas de peixe, e vinte canastras de sardinhas, e 20 quintaes de polvora: tres peças de artilheria de ferro coado, duas de 13 quintaes, huma de 13, com 200 balas de ferro coado, arcabuzes, e mosquetes, chumbo, e murrão; e tudo o que mais pode do armazem, com que logo mandou ao Sargento Mór do Estado, que se partisse pondo no Regimento da *Jornada* huma postilla, que a *Jornada* fosse ao Pará, ou Ototoy, ou ao Perejá, donde melhor podessem sem aventurar nada, antes que chegando ao Perejá, se fortificassem, e avisassem Sua Magestade ao Reino, e a elle Governador, por todas as vias; levando sempre

a mira a fazerem a Conquista do Maranhão sem se perder ponto, nem occasião, quando se offerecesse por ser este o ultimo fim de tanta despeza.

Com isto, e com outro aviso do de Albuquerque, que tinha 320 frecheiros com suas familias; além dos que por terra marchavão com o Camarão, Indio seu Principal delles, e homem de que fazião muita conta. Comtudo, que convinha serem as embarcações muitas, e mui capazes para embarcar-se estes, que com elle estavão com suas familias, e assim virem muitos mantimentos, e ferramentas, que era a sua oração, sem tratar de outra coisa.

O Governador vendo esta ultima petição, mandou se tomasse mais uma caravella, e hum patacho Francez, tambem navios mancos, e não mui capazes; donde se pozerão dois falconetes de bronze, que estavão em dois dos caravelões da farinha. Com isto feito em 21 de Agosto estando todos embarcados, mandou o Governador descer a armada para baixo; a saber, dois navios redondos, uma caravela, e cinco caravelões com até 100 homens de mar, e guerra, que com os que esperavão nos presidios fazião numero de até 300 Portuguezes; e esta foi a armada milagrosa, com que sahio o Sargento Mór do Estado, Diogo de Campos Moreno á Conquista do Maranhão aos 23 de Agosto de 1614, sabbado ás 7 horas da manhã, a se ajuntar no Rio Grande com Jeronymo de Albuquerque seu collega, Capitão da dita Conquista.

Este dia veio a armada a surgir no porto dos Francezes, defronte do rio Aviyajà, na Capitania de Itamaracá.

Deste porto em 24 do dito partio a armada com bom vento terral, e correndo a Costa veio a surgir á bahia da Treição no cabo da Capitania da Prayva, e na derrota encontrarão este dia o caravelão, que vinha das Tartarugas de levar a Manoel de Souza, e o já dito soccorro, o qual como parece tinha na viagem posto desde 8 de Junho até 24 de Agosto,

em que se mostra a difficuldade com que daquellas partes se torna para barlavento.

Em 25 do dito com bom tempo terral partio a armada na volta do Porto dos Buzios, e na derrota se tomou o sol em seis gráos, e se despedio o caravelão do Almoxarife para que fosse, como foi, a dar aviso no Rio Grande da vinda da armada; a qual este dia por chegar ainda com sol ao Porto dos Buzios, passou a surgir na Ponta Negra, que dista 82 leguas ao Sul da fortaleza.

Ao outro dia, que forão 26 de Agosto, veio por terra o Capitão Mór Jeronymo de Albuquerque a vêr-se com o Sargento Mór do Estado, e assentarão, que na maré da tarde a caravela, e todos os caravelões fossem a entrar no Rio Grande para alli se estibarem os navios, e se embarcarem todos; o que se poz em execução, indo nelles o dito Sargento-Mór para aprestar toas, e bateis, e ao outro dia metter na mesma maré os navios redondos, como em effeito entrarão a 27 do dito na maré da tarde com vento Sueste rijo, que naquella barra he mui ponteiro, mas os navios entrarão bem.

Logo aos 28 de Agosto fizerão resenha da gente dos Indios para vêr os que faltavão ao numero de 500 frecheiros, quantidade, que o de Albuquerque assegurava levar do Rio Grande, para que com os de Siará, e Buapava, com quem tinha grandes lianças, podesse metter na *Jornada* até mil Indios de guerra; e assim se tomou mostra, e parecêrão os *Principaes* que se seguem:

Da Aldeia de Ibatatan, Marcos Mariguy com. .	22
Da dita Aldeia, o Arco Verde com	9
De Paravasú, Alexandre com	10
De Tambepé o filho do Beijú D. Francisco com .	35
Da Pindauná, Jorge com	18
De Joacocá o Pao Secco com	22
Da mesma Aldeia o Mandiocapuá com. . . .	16
	132

Transporte. .	132
De Jacarcuná, André com	9
De Pirary, Mucurapirá com.	12
De Maritanguá, Minásu com.	7
De Guaramasio, o Beyjú com	16
De Tambásuramá, o Tambôr com	24
Do Rio Grande, o Patacú deu	20
Do Paranasú derão	14
Sommão	234

De modo, que como parece estes 12 *Principaes* não trouxerão mais que 234 frecheiros, e mais de 300 bocas de mulheres, e meninos. O Camarão que havia marchado por terra levava poucos mais de 30 frecheiros, como se verá adiante.

Tomada esta mostra se armou a gente branca, que até este lugar se lhe não havião dado armas; e se repartirão os soldados pelas quatro companhias na fórma, que o tinha o Governador ordenado: a saber, huma a Antonio de Albuquerque, filho do Capitão Mór; outra a Gregorio Fragoso de Albuquerque, seu sobrinho; outra a Manoel de Souza de Eça, que estava nas Tartarugas; outra a Martim Calado de Betancor, que do Reino vinha com o Sargento-Mór a se achar nesta *Jornada;* fizerão-se assi mesmo Alferes, Sargentos; e listas das companhias, nomeando de novo embarcações, e estancias; e dando polvora, e munições a todos, para a partida ao tempo de se embarcarem.

Pareceu totalmente a Jeronymo de Albuquerque cousa impossivel poder ir por mar, tanto pelo numero dos navios lhe parecer incapaz do que alli tinha, como por se temer, que se na viagem encontrasse qualquer corsario, ou vela inimiga, que não podia deixar de perder, preso com tão desguarnecidas, e captivas embarcações; e vendo que o queixar-se não dava remedio, determinou-se de caminhar por terra com os seus Indios, e com os demais, que

lhe parecesse, e assim começou de se apestar, e nomeou os soldados, que por terra havião de ir com elle: e assim fez falla aos Indios para que se aprestassem, porque não cabião nos navios.

Chegou esta nova ordem ao Sargento Mór do Estado, que mostrava não saber cousa alguma, e disse ao Capitão Mór, que lhe parecia muito bem o accordo; mas que para se dar satisfação ao Governador Geral, convinha que primeiro se embarcasse a gente, e constasse publicamente a todos, que não cabia, e que feito disto assento se tomaria o accordo, que desenhado tinha, pois d'outro modo não davão boa razão de si; pelo risco que corrião em se separar huns de outros; pois a armada ficava sem gente, e a terra era incapaz de lhes dar agua, nem comida em tão largos dias como havião de passar até se ajuntarem no Siará, donde se sobrevieesse qualquer pequeno accidente, ficavão sem poder dar aos presidios nenhum pequeno soccorro, quanto mais fazer a Conquista, donde os mandavão; com estas razões, e outras o dito Sargento Mór, e o mesmo Jeronymo de Albuquerque tomarão a gente branca, e Indios, e de sorte os accommodarão, que ao outro dia só a pessoa, e gente do Capitão Mór estava em terra; mas vendo roto seu desenho se embarcarão tambem, e se fizerão á vela, quarta feira 3 de Setembro ás 11 horas do dia.

Porém a Capitania que seguia o caravelão do Machado metteu tanto de ló por sugigar o recife, que deu em secco na corôa de arêa, que está defronte da fortaleza, e assim aquelle dia tornarão todos a surgir em seus postos. A' quinta feira ao amanhecer houve Junta sobre a sahida com todos os Mestres, e Pilotos da armada; porque a maré era mui matinal de agoa viva, e lua nova, o vento muito, a barra roim, de sorte que ao outro dia lhes parecia mais conveniente a sahida; porque o terral, e a maré vinhão em maior conjuncção, e que para se forrar a demora daquelles dois dias, podião sem to-

mar terra, chegar ao Siará em dois dias e duas noites, ou á bahia do Iguapecasy.

Com este assento se derão as ordens necessarias, e á sexta feira 5 de Setembro de 1614 ás 6 horas da manhã com vento fresco, partio a armada pela barra fóra do Rio Grande, e forão seguindo tres horas ao Nordeste para dobrar os baixos de S. Roque levando a terra sugigada a quatro legoas, e assim naquelle compaz governárão outra hora pelo Norte, e logo guinando ao Nornoroeste, e pelo Noroeste seguindo a derrota desviados da terra as legoas ditas, não virão baixos, nem pedras, nem escarcêos do mar, nem coisa, de que guardar se devessem: antes com esta navegação tirou esta *Jornada* o medo, que os caravelões da Costa publicavão daquelles baixos, fazendo que nas Cartas se désse de resguardo 25 legoas fazendo a serventia daquella Costa por hum canal, que fica a huma legoa de terra, pelo qual precisamente querião que houvesse de ser o caminho cedo, como dito he, o de fóra bom para quaesquer navios.

Tambem aquella noite foi o caminho da armada ao Noroeste; mas a Capitania havendo-se feito mais ao mar do necessario, amanheceu com alguns navios a dez legoas de terra, e achou-se menos da conserva o pataxo francez, em que vinha o Capitão Fragoso com a sua companhia, e o caravelão, em que Martim Calado vinha com parte da sua, e o caravelão em que vinha o Baracho, e assim sem elles com vento rijo forão correndo a Costa para entrarem no porto da *Ubaraná;* mas tanto que se chegárão bem á Costa, houverão vista dos ditos navios não sem algum rumor de armas até se assegurarem huns dos outros, por ser aquella costa mui continuada de cossarios.

Desta separação dos navios teve a culpa o Piloto Mór, que sem advertir aos demais, quiz dar resguardo a restingua de Guamaré, que está trinta

legoas do Rio Grande, donde se acabão os parceis de S. Roque, a qual bota ao mar duas legoas.

Este dia por esperar huns por outros, não houve tempo para se tomar a Ubaraná, e assim passando avante com boa vigia fôrão até o amanhecer pelo Noroeste, até que no quarto da ante-alva, indo todos com o prumo na mão, muito vento, e grande escuro, se achárão em trez braças; pelo que foi necessario guinar duas horas ao Norte, até que se acharão em sete braças fazendo conta ser este o parcel de Jaguaribe, que bota ao mar duas legoas e meia, que tanto podião vir naquelle tempo desviados da terra; mas entrando logo no caminho de Noroeste, fôrão a entrar na grande bahia do Iguapé, vespera do nascimento de Nossa Senhora hum Domingo ás dez horas do dia, o resto do qual se gastou em amarrar-se, e desembarcar o Capitão Mór, que vinha mui mal tratado do mar, e os Indios, e suas mulheres, que como gente descostumada destes transes navaes vinhão lastimosos, e assim caminhárão para as Aldeias do Siará, que dalli distão dez legoas, ficando com a armada o Sargento Mór com todos os soldados, com os quaes tratou de se partir a outra bahia mais avante chamada Mocuripé, e alli esperar seu companheiro, que por terra queria vir com os Indios; e assim fazendo-se a Armada á vela aos 8 do dito, veio a surgir a trez legoas da povoação do Siará; dondé está a casa, e forte de Nossa Senhora do Amparo, e em chegando se despedio hum caravelão com farinha para ir a Jeruguáguara, o qual levou a cargo Paulo da Rocha, soldado de boa experiencia, e chegado a salvamento, deu aviso da Armada naquellas partes.

Neste presidio de Nossa Senhora do Amparo estava com dez e seis soldados Portugueses o Capitão Manoel de Brito Freire, que com muitos trabalhos, e pouco proveito havia quatorze mezes, que aguardava naquelle lugar, tendo a cargo o successo da Conquista, para a qual o Governador lhe havia dado

entretenimento conforme sua qualidade, e partes; e assim tanto que a Armada chegou, se embarcou deixando o Sargento com presidio, e mudando daquelles soldados os que quizerão embarcar-se, ficando em seu lugar outros; porque o numero nunca he bem, que seja, nem pode ser menos, que de 20 homens de guerra para em companhia dos Indios poderem assistir á guarda da terra, e daquellas barras.

Proveu-se esta gente de vestidos, armas, e munições, e visitarão-se as Aldêas dos Indios para confirmação da boa amizade, e derão-se aos *Principaes* ferramentas, e casacas das que de Portugal para este effeito mandou Sua Magestade, tambem se fez diligencia, e se houverão destas gentes alguns mantimentos da terra, que derão a troco de resgates para ajuda de se sustentar a despeza da farinha da Armada, e nisto se gastarão até 6 do dito Setembro, no qual dia chegou o Camarão com sua gente, que como fica dito, havia vindo por terra desde o Rio Grande; e tal chegou do caminho, que mandou pedir licença para se ficar naquellas Aldêas com seu irmão Jacauná, o qual tambem fazia força para que lho deixassem, ou ao menos lhe dessem tempo para engordar, como quem diz, para se refazer, e tanto porfiarão, que pelos contentar, ficarão alli as mulheres, e alguns dos seus Indios.

Com este achaque, que não quizerão parar avante, com que o numero dos que na Armada vinhão, antes foi diminuindo se, que crescendo aqui no Siará, nem destas Aldêas o d'Albuquerque pôde tirar com todas suas fallas, e dadivas, mais que até 20 frecheiros com hum filho do Jacauná, moço de 18 annos, ficando por estes mais de 40 dos da Armada; nem tão pouco Jacauna dera nenhum dos seus, se não que Jeronymo d'Albuquerque deixando alli algumas criadas Indias suas, deixou hum menino seu de dois annos juntamente com que ficarão assegurados e contentes.

Daqui se póde ver o cabedal, que he bem fa-

zer-se das palavras dos Indios do Brazil, e quanto importa estarem obrigados continuamente mais do temor, e força dos brancos, que de palavras de *lingoas*, as quaes não guardão se não no que nos está bem. E aqui como escala de tantos Cossarios importa terem freio, por que lhes dão ambar, algodão, páo Cutiará, e outros, e pimenta da terra, e fumo, e comida, e agoa, com que refazendo-se caminhão ás Indias, ou donde querem.

Pela dilação, que houve em todas estas coisas, e por que os Indios não acabavão de embarcar-se, e os soldados com achaque de o Capitão-Mór estar em terra, andavão nella licenciosos, e as agoas daquelle sitio causarem maleitas, e o fundo da bahia ter pedra, que, roia as amarras, e as quebrava: pareceu, que recolhida a gente branca, a Armada se fosse ao Paramiri, donde dizião, que havia melhor commodo para se poder esperar a vinda dos Indios, que até aquelle lugar querião caminhar por terra com o Capitão Mór: feito este assento partiu o Sargento Mór do Estado a quarta feira 17 de Setembro, e foi surgir com toda a Armada ás duas horas da tarde no Paramiri, havendo caminhado com pouca vela até esta bahia, que está em 3 gráos 2/3, e tem para se povoar muitas mais commodidades, que todos os outros lugares até ali vistos.

Este dia se pôz a gente em terra com seus corpos de guarda, em fronte de armas, donde se começarão de adestrar os soldados entrando todos os dias nas Companhias, para verem o modo de proceder no serviço ordinario, e com os inimigos quando os houvessem, e foi de grande effeito o tempo que se tardou em vir por terra Jeronymo d'Albuquerque.

Porque muita desta gente em Paranambuco se havia embarcado por força, e outros desarmados, e mui bisonhos, e no Rio Grande não se lhes havião fiado as armas em terra, e no mar não havia lugar nem para irem deitados, aqui se ordenou o que convinha, e se aguardou com tudo mui a ponto

a vinda do Capitão Mór, que chegou aos 24 de Setembro; e logo aos 25 o Sargento Mór do Estado foi pelo rio Curú acima em hum batel armado, mais de cinco legoas por reconhecer aquellas terras, e agoas, nas quaes não achou coisa de consideração, ao longo do rio, mas achou infinita caça, e pescaria, de que tudo aquillo abunda maravilhosamente, e assim neste lugar sómente se pode dizer, que aquella gente não teve fome.

Em 28 do dito com a vinda dos Indios, se tornou a tomar mostra para saber o que o Siará havia rendido de ajudas, e parecerão em todos 220 frecheiros com a gente do Camarão, e Jacaúná, de sorte, que dos embarcados no Rio Grande ficarão mais de 50: os que vião, e sentião estas coisas entregues a paciencia, não fazião mais que encommendar o negocio á Deos, e ás boas orações dos Capuchos. Os quaes estes dias disserão Missas solemnes, que forão as primeiras que nesta paragem se disserão, em que commungou muita gente.

Aqui nesta parte do Paramiri se acharão no mato perto do mar as arvores, de que se distilla, e nasce o incenso chamado *Jataubá*, e se achou nellas, e no chão muito de muito bom cheiro, e tambem se achou muito anime, e outras gomas aromaticas de diversas arvores, e muita almecega, e huns busios no mar como botijas, com muito que comer dentro, de modo, que como dito he, o Paramiri pelo seu porto, terras, e boas agoas para beber, he o melhor de toda aquella costa.

Em 29, dia de S. Miguel estando todos embarcados, partio a Armada na volta das Tartarugas ás duas horas depois do meio dia, com vento Lesnordeste, que tal entrou a viração aquelle dia, havendo em toda aquella noite ventado o terral, e quasi todas as paradas de aquella minguante de Lua. No qual tempo melhor, que na crescente, se mostra aquelle mar navegavel para balravento ao longo da Costa.

Todo o resto do dia caminhou a Armada ao Noroeste quarta de Loeste correndo francamente a Costa, sem haver nella visto coisa de que guardar se devessem: tambem de noite se fez o mesmo caminho com pouca vela até o amanhecer, que se achárão a seis leguas da Costa com terral rijo do Sudoeste, com o qual pela bolina se vierão chegando á Costa, que já corria mais a Loeste, e sendo reconhecida se mostrou ser a terra do Acuracú, e seus parceis, que a uma legua ao mar não davão mais, que duas braças e meia de agoa, e pela banda do Loeste já se descobria a ponta, ou morro de Juruguaguará, para a qual chegando-se com o prumo na mão, e vendo mui claro o fundo, derão em quatro, e em cinco braças bem pegados á ponta, que já corria a Loessudoeste com grandes penedias ao longo do mar, e rochedos todos de marmore jaspeado finissimo de muitas côres.

Entrados, e surtos no porto se gastou o dia em desembarcar a gente, e em se alojar dentro na cerca, e os Indios de fóra em seus tigipazes, ou cabanas ao longo da agoa: com os navios ficárão alguns soldados para sua guarda, por ser este porto tambem mui demandado dos Cossairos, sem embargo que com a viração fica tudo tão desabrigado, e trabalhão tanto as embarcações, que não ha amarras, que durem, nem quem possa sahir a terra, até que o vento acalma de noite, e nas madrugadas até ás oito horas do dia, que com o Sol torna a viração.

E isto dizem ser alli de ordinario até os mezes de Janeiro, Fevereiro e Março, que os ventos cursão por cima da terra, e tem aquella paragem mais bonança.

Sendo tal como dito he esta enseada das Tartarugas esparcelada, perigosa, e de pouco abrigo pareceu bem que a Armada, e toda a gente della, e do presidio se parasse ao porto do Camuri oito leguas mais adiante para alli se tomar assento nas coisas da viagem, e no soccorro dos Indios Tabaja-

res da Buapava, com quem o Capitão Mór assegurava ter feito grandes amizades, e por que tambem os Indios Teremembés do Pará, ou Ototoy ficavão mais perto, com os quaes já Martim Soares havia tido fallas, e parecia nisto para o que se offerecesse deixar asseguradas todas aquellas gentes, e aquella Costa toda amiga para bem de se caminhar por terra, quando importasse.

Finalmente para em tudo sahir com o prumo na mão conforme ao Regimento do Governador, e as forças daquella Armada, e assim para este effeito tratarão de mandar reconhecer de novo o Camury por terra para se passarem á elle: mas como as seccas de aquelle anno fôrão mui grandes, achou-se, que não havia agoa para beber, nem folha verde com que se cubrirem, e que a barra era mui perigosa, e que na entrada tinha humas ruinas de pedra, e cal, como que em algum tempo houvesse sido povoada de gente de Europa; as quaes coisas denotavão não ser aquelle posto de cobiça. Se bem he verdade, que alli entravão algumas embarcações pequenas a resgatar o páo Cutiará, de que os Indios davão noticia haver alli muito.

Com estas novas foi forçoso aguardarem em Jeruguaguará tomando mostra a toda a gente Portugueza, e acabando de repartir aquelles soldados, e as suas companhias até o numero de 60 a cada huma, como o mandava o Governador; pagando-se a todos o seu tempo atrazado em fazendas pelos preços do contracto, que fôrão taes, e em taes coisas, que apenas houve com que os pobres se vestirem.

Entretanto mandou o Capitão Mór á serra de Buapava dois Indios para avisarem ao *Diabo Grande* da sua chegada, com os Portuguezes, para que descesse a vellos, e a dar o soccorro, que tinha promettido para a *Jornada do Maranhão*: desta embaixada se rirão os do presidio, que de raiz conhecião a natureza do Indio *Diabo*, e contarão, que havendo-os convidado em dias passados a huma guerra con-

tra certos Tapuias seus inimigos, que forão dois soldados daquelle forte, a dar-lhe ajuda: com a qual teve victoria, e comeu, e trouxe á sua serra quantidade de captivos; e como se vio em casa, por pagar a boa companhia, quiz tambem comer os soldados, e sem duvida o fizera, se sua mulher chamada *Itabá*, os não avisara, dizendo-lhes, que se fossem; porque seu marido tratava de os matar fingindo certo aggravo de hum delles; mas que ella não queria, que tal passasse. De modo que com esta paga se retirarão ao presidio a salvamento, em que não fizerão pouco.

Em 3 de Outubro foi Lua nova á sexta feira, muito ventosa do vento Loeste na crescença do Sol, como fica dito; de noite houve terral do Susudoeste, que durava até ás 7, e oito do dia: ao quinto da Lua se mostrou o tempo nubloso, e o vento foi mais sobre a terra com alguns chuveiros, e o mar andou mais brando nesta quebrança das agoas.

Sabbado dia do beato Padre S. Francisco 4 de Outubro, houve Missa solemne do canto de orgão, e frautas naquelles desertos de Jeruguaguara com summa devoção, e grande alegria, em que commungou muita gente; este mesmo dia á tarde chegarão dois Indios da Buapava com embaixada do *Diabo Grande*, o qual por elles se desculpava dizendo ser impossivel de presente vir ouvir a falla do d'Albuquerque, nem dar-lhe gente para a *Jornada* por falta da saude, que todos os seus, e elle tinhão tal, que havião queimado as casas, e Aldêas, e vivião no campo até se passar a contagião de aquelle mal que os affligia.

Isto dizião os Indios, os quaes tambem trazião huma carta de hum de dois soldados, que o Capitão Manoel de Sousa mandára á dita serra, para que avisassem da vinda da Armada, e elles pedião nella barbeiro, e mesinhas para se curarem, que tambem o mal os tinha apalpado.

Com esta nova verdadeira, ou fingida, que fosse,

ficou desenganado o Capitão Mór, e bem enganados os que se vião mettidos entre taes ajudas, e palavras de Negros para darem fim a huma *Jornada* tão arriscada, e de tanta importancia.

Deixemos o que tinha custado de dinheiro, e resgates este pensamento, e tratemos como ao Domingo dia de nossa Senhora do Rosario se celebrou sua festa com Missa solemne, e pregação, que foi a primeira que fez, que se pregou nesta Costa, e a primeira que fez dos seus estudos o P. Fr. Manoel da Piedade, filho de aquella Provincia: na tarde deste dia houve alardo geral, esquadrão, e escaramuça por honra da Festa daquella Senhora nossa. No qual se acharão 220 soldados effectivos das companhias, e da gente do mar 60, de que se fez outro, de sorte, que com os enfermos chegou o numero dos Portuguezes a 300, e com os Indios não passarão de 200 Frecheiros, de modo que todas as forças com os desenganos do Siará, e da Buapava se rematárão nisto, e as de todo o campo em 500 homens de mar e guerra. A estas Festas assistirão os Embaixadores da Buapava, por amor dos quaes foi necessario juntarem-se a conselho, assim para responder ao *Diabo*, como para fazerem viagem.

Sobre o qual houve grandes altercações e debates, assim pelos desenganos, e faltas de tudo, como pela pouca confiança, que se podia ter nas ajudas do Maranhão, pois estas tão de casa, e tão obrigadas aos favores Portuguezes tão mal acudião a seu fiador.

Todos vião este damno, e outros que se derivavão delle, quanto mais se chegavão ao Maranhão, sem deixarem atraz coisa alguma, que asseguradamente fosse amiga; mas como doutra parte o ficarem alli, não era honroso, e passar ao Camury era impossivel; chamarão á esta junta os Mestres, e Pilotos da Armada para que dissessem o que sabião da entrada do Pará, ou do Ototoy, donde tratava o Regimento, que se melhorassem para se irem assim

chegando ao Maranhão, ou Perejá sem risco notavel da *Jornada*. A isto responderão todos, que não sabião naquella Costa porto algum, mais que o Perejá, donde o Piloto Sebastião Martins, que alli estava presente, assegurava, que metteria toda a Armada: mandando-se de tudo fazer um assento, para que constasse a todo tempo, que mais por necessidade, que por razão de guerra se partião ao Perejá, donde não tinhão reconhecido o que convinha ao total empenho: e isto feito se tratarão de partir, mandando que á serra de Buapava se avisassem os soldados, que tanto que a saude lhes désse lugar se fosse ao presidio de Siará, para que no primeiro barco, que viesse de soccorro podessem juntar-se com o campo, despedir os Indios.

Gastou-se o dia de segunda, e terça-feira, em accommodar os repáros dos falconetes, e das peças de ferro, que vinhão no porão do Pataxo abatidas; por que as embarcações não erão capazes de as soffrer, fizerão agoa e lenha: e assim á quinta-feira, sendo a Lua mais crescida, e as agoas mortas, que em tal conjunção sempre naquellas partes o vento he mais bonança, dando-se signal de recolher, gastando-se o tempo de sexta-feira, e Sabbado em embarcar, e repartir a gente com infinito trabalho, porque com os de Jeruguaguara crescia a impossibilidade, e faltavão lugares nos navios; mas foi cousa maravilhosa, que sem se dar de queixa huma só palavra, todos se embarcarão, donde era impossivel irem deitados, nem havia mais, que comer farinha, e agoa; porém era tal o desejo de todos sahirem daquelles degredos, e de vêrem, se mais avante podião melhorar sua sorte, que todo o outro trabalho lhes parecia gloria.

Domingo 12 de Outubro ás seis horas da manhã sendo tudo a ponto derão fogo aos quarteis de Jeruguaguara, e a Armada se fez a vela com terral de Sueste, e assim fôrão correndo a ribeira com boa ordem, até que com a crescença do dia entrando

a viração do Leste com furia, e grandes mares, foi necessario navegar com balseihos, correndo em popa com muito trabalho, e grande perigo; indo sempre a gente dos caravelões por debaixo do mar: sobre a tarde abonançou o vento algum tanto, e assim com o Lua da noite, e bôa vigia se foi fazendo o caminho pelos perigosos parceis do Pará, e Ototoy, e ao amanhecer se achou a Armada toda junta, coisa que parecia impossivel por ser tão differentes generos de embarcações tão carregadas, e tão captivas: em fim aclarou o dia, chegou a Armada bem á terra, a qual não foi conhecida de nenhum Piloto; Sebastião Martins affirmava estar trez legoas de Perejá.

Pelo que chegando-se á terra mais do que convinha, se o vento não fôra todo bonança áquellas horas, custára caro o desengano, em que dalli a pouco confessou, que entrava; por que o Perejá ainda lhe demorava ao Leste mais de 16 legoas.

Pelo que fazendo força de vela para de dia se alcançar a barra, com tudo não foi possivel, e assim chegou a Armada com huma hora de noite a querer embocar, e a tempo que a maré descia para baixo, sem haver donde de noite podessem aventurar a surgir navios tão carregados, e entre tantos parceis, e alfaques ainda não conhecidos, donde até ás nuvens o mar andava; de modo que mettido o negocio nestas duvidas, fundados no luar, e na agoa morta, e vento em popa, com o qual contrastavão a maré, que descia, fôrão com milagroso, ou barbaro atrevimento entrando para dentro com faroes, e fuzilando huns aos outros; e mais que tudo foi notavel, que houve navios, que hião tocando, e dando grandes pancadas nos bancos ao entrar da barra, e por não atemorisarem os que vinhão de traz, calavão, e paravão sem se ouvir huma palavra de rumor, que turbasse a viagem, e assim com o prumo na mão forão todos surgir a salvamento ás dez horas da noite dentro do rio Perejá, trez legoas por elle acima da banda de Leste, donde em

hum pensamento saltando em terra o Capitão-Mór, e o Sargento-Mór do Estado com a mór parte da gente fazendo fronte de armas, até que se reconhecesse, e assegurasse o campo; succedeu, que em quanto se reconhecia e o Capitão Francisco de Frias, e os demais buscavão sitio para a fortificação conveniente, que o Alferes Pestana da bandeira de Martim Calado esquecido da ordem, que se havia dado a todos de não sahirem a terra as bandeiras, senão já de dia, elle com a sua ás costas em que estava figurado o glorioso Patrão de Hespanha, foi o primeiro que saltou em terra, o que vendo os soldados tendo-o por bom prognostico, acclamárão *Viva Santiago*, e este nome se deu a este primeiro quartel, de que se tomou posse ao outro dia com acto solemne em nome d'El-Rei de Hespanha nosso Senhor Emperador de aquelle Novo Mundo, e se plantou huma grandissima Cruz de forte madeira, por padrão, e posse tomada desta primeira barra do Perejá.

Aos 13 do dito havendo-se buscado sitio para a fortificação, para em tudo se dar cumprimento ao que convinha, todas as agoas para beber se achavão distantes dos sitios convenientes; verdade seja, que abrindo poços na areia tiravão agoa doce, que podia servir em necessidade; mas os Soldados escarmentados das cacimbas, ou poços de Jeruguaguara, desejavão boa agoa, pois só isso, e farinha tinhão, e sobre isto já tratavão mal do Perejá, e fazião corrilhos, e se descompunhão em absencia dos superiores, de que o Sargento-Mór do Estado mandou tirar devaça para se castigar alguns dos causadores.

O Capitão-Mór em lugar de acudir a isto lançou-se de fóra, e esquecido do pouco, que havia medrado com os Indios do Siará, e da Buapava sem lhe valerem dadivas, nem lingoa se persuadia, que em chegando á outra barra dentro do Maranhão defronte da *Ilha dos Topinambás*, que sem duvida em fallando com hum delles, todos se havião de vir á

sua obediencia; e de sorte lhes gabavão os seus esta opinião em favor dos Soldados, que já a elle mesmo lhe aborrecia o fortificar-se no Perejá, de que tudo estava suspenso sem se fazer mais, que perder tempo, e dizia, que pois em toda a Costa em até alli não havião apparecido Francezes, nem coisa que désse sinal de guerra, que realmente os não devia de haver no Maranhão, e se os havia, que devião ser mui poucos, e sem defensa, pois não havião guardado aquella barra; pelo que determinava ir-se logo ao Maranhão, ainda que fosse com os caravelões sómente; porque este era o fim da *Jornada*, e de seu desejo.

A isto se oppunha o Sargento-Mór do Estado, dizendo mui ao contrario, que em nenhum modo convinha largarem o Posto do Perejá, por ser barra de barlavento das outras, e já com bom principio ganhada conforme a ordem do Governador, que alli convinha seguir-se em tudo; pois no demais havia tempo, quando fosse assim o que dizia o Capitão-Mór; porque tambem podia a não grande estar no outro porto, pois sabidamente era passado a elle, e que não estaria sem outros navios com artilheria, e gente de mar e guerra, quiçaes differente da dos Portuguezes na pratica naval; o que sendo assim, que mais era doidice, que esforço irem-se lá metter sem primeiro estar tudo mui bem reconhecido no Maranhão; pelo que era de parecer, que se fortificassem logo, e juntamente que mandassem reconhecer a Ilha e sitios a ella visinhos, e que dalli avisassem ao Governador de como estavão no Perejá a salvamento, para que soubesse com tempo donde havia de mandar os soccorros; e que tambem era importantissimo avisarem a Sua Magestade, despedindo para huma, e outra coisa aquelles navios, que havia tantos dias que estavão carregados, que já as bombas os não podião sustentar sobre as agoas: e que olhasse que se os Francezes estavão assim fortes, como a fama soava em Paranambuco, e avisava

Martim Soares, que já a sua força não podia estorvar a fortificação do Perejá, nem a amizade dos *Teremembés*, Indios alli visinhos tão inimigos dos da Ilha.

Antes elle o Capitão-Mór havendo-se alli fortificado lhe ficava facil o podellos persuadir, e juntar as pequenas forças daquelle campo para assim se fazer igual, ou superior a seus inimigos, e assegurar as espaldas para qualquer successo; pois os da *Ilha Topinambás*, ou acompanhados, ou sós, que estivessem, sempre havião de temer esta liança; pelo que em modo algum havia nunca de ser de parecer de largarem o Perejá sem ser mui bem primeiro tudo o de mais reconhecido, assim como he costume de Soldados praticos, e gente de guerra, como todos os que alli estavão presumião ser: e que olhasse, que aquillo não era *Jornada* de sertão, senão de Sua Magestade, e que já agora tinhão obrigação de lha sustentarem, pois estava tomada posse em seu Real Nome: pelo que era necessario caminharem mui a tento.

Com isto se socegaram algum tanto os curiosos de caminhar, e se mandou um batel equipado com dois Pilotos, seis marinheiros e seis soldados particulares a reconhecer o Maranhão, e sua barra, e a Ilha grande; e isto pela parte mais occulta, que fosse possivel, vendo se podião tomar lingoa. Foi por cabo desta obra Melchior Rangel, natural do Rio de Janeiro, mancebo de boas partes, e grande lingoa dos Indios; com elle forão o Alferes Estevão de Campos, e Pedro Teixeira, Francisco de Pavares, e Manoel da Silva: os Pilotos forão Sebastião Martins, e João Machado, os quaes partirão a 15 de Outubro, ás 7 horas da manhã.

Entretanto o Capitão-Mór, e o Sargento-Mór do Estado por mar, e por terra não paravão de buscar agoas, e reconhecer sitios, e accommodar ferramentas para o que se offerecesse, tendo de continuo toda a gente ao pé das armas, e das bandeiras,

e os navios abicados á terra muito, como á defensa de tudo convinha; mas sem se dar principio á fortificação, de que o Sargento-Mór do Estado andava desejoso, e sollicito; mas não tinha poder para forçar o seu companheiro, antes aguardava, que o tempo desenganasse a todos do que lhes convinha, como depois succedeu.

Erão já passados quatro dias, que do batel não havião novas; pelo que já se duvidava do bom successo, e tão adiante foi esta imaginação, que aquella noite sendo já mui tarde se foi o Capitão-Mór a buscar o Sargento-Mór do Estado ao seu rancho, e lhe disse: «Amigo, tratemos de nos fortificar logo, e em sendo de dia, faça-se disto assento; porque tenho máo conceito do nosso batel, e quando venha, nenhum mal faz estarmos preparados, e olhai que ainda que todo o mundo seja contra nós, que em nenhum modo deixemos de nos fortificar.» O Sargento-Mór lhe louvou a resolução, e de novo lhe repetio as causas que tinha para já tudo estar feito, e assim logo áquellas horas chamando a Francisco de Frias, se fôrão em um batel á boca da barra a ver outro posto, e uma agoa a elle visinha de uma legoa; e assentarão, que o mais perto da barra, e da agoa se começasse a fortificação em amanhecendo, e que antes se dissesse uma Missa ao Espirito Santo. Andando nisto virão fuzilar ao longe da entrada da bahia, e tocando-se á lerta, mandarão dois bateis a reconhecer, os quaes avisárão ser o batel que vinha fazendo festa.

Com esta nova cresceu na gente tal rumor, que sem saberem o que os outros dirião, começarão os soldados em corrilhos com palavras atrevidas a dizer, que não querião aquelle sitio, senão o que mais perto houvesse dos inimigos, aos quaes ao pelouro havião de tomar a comida, e a agoa se faltasse. Emfim como a primeira se não castigou, esta com a chegada, e festa do batel com boas novas, passou por alto, e os reconhecedores disserão: que não

havião visto não, nem Francezes, nem côisa em todo o Maranhão que damno podesse fazer, e que havião achado defronte da ilha hum sitio bom, e eminente, com hum rio de agoa doce pelo pé, e terras bellissimas para toda a sorte de mantimento, e tudo tão bem assombrado, e o caminho até lá tão escuso, e facil por entre as Ilhas, que tinhão por grande erro deixarem semelhante parte.

Com este aviso não somente o Capitão-Mór se fez com os demais, mas sem se lembrar do que estava assentado, mandou subitamente, que se embarcassem todos, e que quem quizesse ficar alli que ficasse.

Com isto parárão as cousas do Perejá, disse-se Missa, embarcou-se a gente, e ao outro dia, que forão 22, se fez a Armada á vela com huma pressa tão fatal, que realmente ninguem da terra naquillo parece que concorria; porque cada qual dos adjuntos do Capitão-Mór, antes da imaginação já lhes gabavão os effeitos: e assim ao tempo de darem á vela, disse o de Albuquerque ao Sargento-Mór do Estado:

«Apostemos humas meias de séda, que antes de Sabbado tenho Indios do Maranhão em minha companhia. «Sou contente de as perder, disse o do Estado, a troco de que todos tenhamos esse gosto; porém de as ganhar lembro que m'as ha de dár Vm.»

Com isto partirão, e forão surgir aquella noite a huma ilha, passando por entre outras infinitas, que por serem tantas, e o dia ser das *onze mil Virgens*, a todo aquelle posto se poz este nome.

Ao outro dia seguinte os Pilotos, que nos dois caravelões mais ligeiros caminhavão diante, forão navegando emquanto durava a maré por huma grande bahia toda cercada de ilhas com barras ao mar grande, a que os Francezes chamavão *Grandança*, na qual em descabeçando a maré, logo minguando o mar 19 palmos de agoa se acharão os navios grandes em secco, de modo que calçados, e vestidos os homens se sahirão a passear na areia, que quasi

ficou enxuta, e andarão de huns em outros navios, que parecia encantamento sendo de quilha, e não tendo escoras, estarem direitos sem cahirem á banda, dando fim a taes desordens, as quaes para quem as entendia sem lhes poder dar remedio, erão tossigo, que consumià a vida e o gosto.

Tornou a maré, nadarão os navios; a noite entrou escura, tanto que com infinito trabalho, e perigo entrarão pelo canal de Mamuná, dando de novo em secco no lamarão o navio do Sargento-mór do Estado; mas como subia a maré, logo chegou donde estavão os caravelões, que sem esperar havião seguido seu caminho por gozar da agoa doce daquella Ilha, donde alojados em terra estavão como em Toledo sem cuidar, que no mundo podia haver inimigos.

Deu-se a isto subito remedio fazendo, que se embarcassem todos para navegarem, mas o navio de Gregorio Fragoso deu em secco de feição, e a taes horas, que houve votos de o deixarem assim como estava com munições, artilharia, e comida, o que succedêra, se não fôra a grande diligencia dos Ministros da Fazenda, com o Sargento-mór, tirandolhe parte da carga, e com força de tóas o fizerão sahir donde os demais estavão, sem haver em todo aquelle caminho de dia, nem de noite huma hora de repouso.

Ao outro dia sexta-feira fazendo-se a Armada á vela pelas angusturas, ou interrompeduras de aquellas Ilhas tão estreitas e de mato tão alto e cerrado, que cada huma promettia um esquadrão de perigos. Indo pois nesta parte, começarão os navios a dar de novo em secco; mas porem movendo-se por cima do lamarão, pelo qual resvalando com toda a força de vélas, podemos diser, que mais de seiscentos passos navegarão por terra, até que derão em mais fundo, e fôrão seguindo os caravelões, que se adiantarão tão desordenadamente, quanto a necessidade os obrigava; porque a gente era tanta, e tão apinhada, que não havia agoa, que os sustentasse con-

tra a excessiva quentura do Sol, nem o mantimento era mais que huma pouca de farinha de guerra séca, de modo que todos desejavão chegar aquelle lugar, em que tinhão sua esperança.

O Capitão-Mór doutra parte com achaque de vêr ir sondando adiante, metteu-se em hum batel com poucos companheiros, e foi-se a Ilha de *Sant'Anna*, chamada *das Guayavas*, donde se fazia a praça d'armas para entrarem no Maranhão.

Desta ida succedeu, que como os caravelões perderão de vista o batel da sonda, tomando por diversos canaes, cada hum foi por seu caminho, e os navios grandes como lhes faltarão os caravelões dando em secco a cada passo, tambem se apartárão sem haver Piloto, que tomasse o remediar isto; até que já mui noite, em huma jangada chegou o Machado, e foi por hum canal muito mais estreito, que os até ali passados encaminhando os navios, que pôde: e assim em toda aquella noite, e no outro dia chegarão á Ilha dita de *Santa Anno*, contra as correntes dos mares atoando-se pelas arvores na terra, até que finalmente se vierão ajuntar na boca da barra, da qual Domingo ao amanhecer que fôrão 26 de Outubro se fizerão á vela por entre aquelles parceis, e bancos perigosissimos para bateis, quanto mais para navios tão carregados, e assim ao expedir da barra derão taes pancadas os navios grandes, que se teve a *Jornada* por concluida; porém Deos, que milagrosamente guiava o negocio, foi servido, que sem damno algum ás 10 horas do dia se achassem todos no *Guaxinduba* á salvamento, que assim se chama o posto que occuparão dentro nesta grande barra do Maranhão: as embarcações erão oito, como está dito, e tanto que sahirão ao mar, postas em ala com todas suas bandeiras tendidas fizerão tal apparato, que subitamente em toda a Ilha grande, a qual a duas legoas e meia estava defronte, se fizerão fumaças por toda a costa dando aviso, que durou espaço grande, pelo que o Sargento-

mór do Estado disse ao Capitão-Mór: Cuido, Senhor, que ganhei as meias, e que não sómente não terá V. m. Indios de paz, mas que terá Francezes de guerra; por que aquelles fogos não são feitos acaso, nem por barbaros; pelo que será bem, que sem dilação nos fortifiquemos, e descarreguemos os navios, que este porto não he para se conservarem muito nelle.

Era aquelle sitio vaza de lama com algumas pedras, e a partes areia, e todo esparcelado ao mar mais de meia legoa, que de maré vazia ficava sem gota de agoa, e tão desabrigado, que entrando a viração não havia remedio de se chegar aos navios, nem de desembarcar nada delles. Além disto he este porto desviado da barra mais de quatro legoas, de sorte que com grande facilidade lhe podem tirar o favor, e serventia da Costa quaesquer navios, de modo que tirando ter agoa para beber, e boas terras, e madeiras ao redor de si, tudo o demais que se busca em razão de guerra lhe falta; mas já chegados alli, e descubertos, não havia outro remedio.

Gastou-se o dia em reconhecer o sitio, em amarrar os navios, e pôr a gente em terra com fronte de armas; cada qual ao pé da sua, que assim convinha.

Logo sobre a eleição do sitio, e forma da fortificação teve Jeronymo de Albuquerque alguns debates com o Engenheiro Francisco de Frias, querendo que se fizesse entre o mato huma casa, como fazem os Indios no sertão, que he huma cerca de mato cortado com a rama para fôra com folha, e tudo como quem cerca o gado, dizendo, que bastava aquillo, que cá nestas partes não se usavão outras fortalezas: além disto, que determinava de se passar dalli ao *Muny*, rio quatro legoas avante daquelle posto, junto donde desemboca o *Tapucurú* chamado *Maranhão*, de que tudo alli toma o nome; porque lhe dizião os Indios, que lá havia melhores terras, e agoas para engenhos; porém nestas praticas

chegou o Sargento-Mór do Estado, e tomando comsigo ao Capitão-Mór, se foi a lhe mostrar o sitio, que alli melhor havia para se fazer a povoação com as qualidades á terra necessarias, já que as do mar lhe faltavão, e disse, quão fóra do sentido estava, quem em tal tempo fallava de se metter a dentro dos perigos, que ainda não sabião, pois naquelle lugar se houvesse inimigos, como cuidava, que havia, nem alli havião de ser senhores de tomar hum caranguejo; pelo que deixasse ao Frias fazer seu officio, e que todos ajudassem sua traça, que assim convinha.

Finalmente depois que bem virão, e reconhecerão tudo, dando parte ao Frias do que estava assentado, logo traçou destramente hum sexagono perfeito, capaz de alojar em si toda aquella gente, e se defender com mui pouca, accommodando-se com o terreno, e assim aos 28 do dito se disse Missa, e nella os Padres Capuchos lançárão sorte ao nome da fortaleza, e sahio o Nascimento de Nossa Senhora, e assim se chamou o forte *Santa-Maria*, o qual este dia se começou com todos os soldados, cada companhia seu lanço, e na descarga dos navios andava a gente do mar, e de serviço, quando virão vir correndo á ribeira huma canôa grande com muitos Indios, a qual chegada á terra forão recebidos de Jeronymo d'Albuquerque, e de todos com alegria; porém elles mostrando mui pouca, estavão com tanta turbação, que ao *Principal* lhe tremião quantos ossos tinha descompostamente, e não de frio.

Derão-lhe dadivas, vestidos, e coisas de resgate; mas com o receio de ser esta vinda movida de outra causa mais que de sua vontade: nas perguntas tambem variação; houve delles que disserão, que na Ilha havia muitos francezes; outros disserão que já erão idos, e que não havia ninguem: pelo que elles havião vindo a saber, que gente era esta, que havia chegado para serem seus *compadres*: em fim o Capitão-mór levado de suas imaginações, e cre-

dito, que se persuadia ter com todos os Indios do Brazil, em lugar de reter a estes, até saber pontualmente a verdade, os largou pedindo-lhes, que o viessem ver a miude, e que dissessem a seus parentes de sua vinda; e mandou, que com elles fossem dos nossos cinco, para fazerem suas fallas aos da ilha; e em lugar destes, fez que lhe ficassem dois da canôa, filhos de um *Principal* da Ilha, chamado *Birampitangud*, moços de boa feição; o mais velho se chamava *Ipecutingá*, o outro *Guiraytapavá;* dos nossos que forão, o Principal se chamava *Mucurapirá*, Indio velho, e de importancia.

Nesta obra dos indios não se quiz metter ninguem; porque o Capitão-Mór não tomasse achaque a dizer, que lhe estorvavão as pazes, que elle tanto assegurava, em fallando com um Indio do Maranhão.

Partida a canôa logo se assentárão as trez peças de artilheria em huma esplanada, que para isso fizerão com seus cestões, em quanto os baluartes, e cortinas da obra se formavão de grossas vigas, assentados sobre grade, e cruzados de per alto com fortes travessas, e logo atè o meio altura de hum.

Estando feita huma trincheira com seu entulho de oito palmos de largo por dentro toda a roda; e cada baluarte duas guaritas no alto da cerca para as sentinellas, de modo que com 12 soldados se vigiava, e descortinava tudo, porém o trabalho era grande, e o terreno mui duro, e secco. A comida sómente agoa, e farinha, porque do mar, nem da terra inda não podião valer-se, e assim cada dia dos soldados de Joruguaguará morrião, e dos demais adoecião sem nenhum humano remedio, ou consolação alguma.

Andando pois todos occupados nas obras ditas aos 30 de Outubro ao amanhecer, derão os Indios da Ilha em humas Indias, e moços, que desviados do Quartel andavão mariscando, e com terrivel brutalidade despedaçárão quatro moças, e matarão hum Indio, que acaso acudio aos gritos, e captivárão al-

gumas outras Indias, e meninos, os quaes recolhião na canôa, em que havião vindo.

Tocou-se alarma, e acudio a gente com tal presteza, que não sómente lhes tirarão o que tomado tinhão; mas pelo valor de hum Principal de nação Tabajar, chamado o *Mandiocapúa*, o qual sentindo, que lhe levavão sua mulher, e hum filho captivos, correu com tal ligeireza, que foi forçoso arremetter só a todos os contrarios, dos quaes matando dois, pôz os demais em tal desordem, que quando chegarão os que vinhão com elle assim Portuguezes, como Indios, já tinha rendido a canôa, e preso o Capitão della, e sua mulher, e filhos livres, a qual abraçando-se com o marido naquella furia, lhe pedio, que não matasse, nem consentisse matarem aquelle Principal, que a defendera a ella, e a seu filho da furia dos outros, o que o marido fez: e depois da prizão, que em ferros derão ao da canôa, esta mulher tinha cuidado de lhe mandar de comer todos os dias: tanto pode hum beneficio feito em sugeito nobre, por barbaro que seja!

Este successo foi causa de que os praticos no sertão do Brazil começárão de murmurar da confiança, que se havia feito na primeira canôa, e dizião que sem dúvida a Ilha estava cheia de Francezes, os quaes havião mandado reconhecer os navios, e gente com a primeira canôa, e sabendo que erão Portuguezes, mandárão logo conforme ao costume, e ritos de suas guerras a segunda canôa, que viesse a quebrar cabeças para se romper todo o signal de paz entre huns, e outros Indios, assegurando-se mais por este meio de seus alliados; e que logo traz este effeito se seguirão os de mais da guerra, sem a qual, e sem se lhes dar huma grande rota, não cuidasse ninguem, que havia de haver pazes.

Isto dizia huma, e muitas vezes o Capitão Simão Nunes Corrêa, que fazia o officio de Ajudante de Sargento-Mór de aquella Conquista, homem de experiencia em aquellas guerras do Brazil, e nas de

Bumpava companheiro de Pedro Coelho de Sousa; mas com todas estas coisas, praticas, e discursos em publico, e secreto, o Capitão-Mór sempre esperava pela paz, que lhe havião de trazer os Indios, que havia mandado á Ilha, e quasi desgostava de ver fazer as obras da fortificação, em que o Sargento-Mór do Estado trazia mettido todo o cabedal; mas tudo ao de Albuquerque parecia desnecessario em comparação do que estimava a palavra dos Indios, em que não consentia, que se posessem duvidas: e assim de continuo estava olhando com grande bondade, se vinhão canôas de paz.

Porém o Indio preso, que já via ser-lhe necessario agradar a seus amos revelando segredos, não já que ninguem com força o constrangesse, por que o Capitão-Mór estava de permeio, que era seu Pai, e seu parente de todos, como elle dizia, emfim disse, que na Ilha havia muitos Francezes, e muitos fortes, e muita artilheria de ferro, e de bronze, e muitos navios, em particular huma náo muito grande, a qual sabia de certo, que estava para vir contra aquelles navios, e que partiria sem duvida em dando lugar o tempo; e que disto dava por signal que duas embarcações pequenas appareceriáo ao outro dia ao longo na Ilha, e que tinhão os ditos Francezes tomado todos os principaes portos, e occupados com gente de guerra, e que todas as canôas dos Indios de aquellas Comarcas estavão debaixo de sua potencia, de feição que nenhuma se bolia sem particular ordem do seu Major; e que os Indios que havião ido de paz com a primeira canôa, que todos estavão em ferros, e que havião sido apertados com cordeis para dizerem o que se passava entre os Portuguezes.

Ouvidas estas novas, logo tratarão de mandar aviso a Paranambuco por duas vias; começando de arrecear que antes de muito nem por mar, nem por terra seria possivel fazer-se: e assim se aprestárão Bastião Martins com o seu caravelão, e o Machado

com o seu por serem os mais ligeiros, e melhor velejados: em hum se embarcou o Almoxarife Francisco Mendes Roma, e em outro o Capitão Martim Calado mui enfermo para darem conta a Sua Senhoria de tudo o que passava, e solicitarem, e trazerem o conveniente soccorro.

Andando nestas prevenções appareceu ao longo da Ilha huma lancha grande, e após ella outra, e logo dahi a pouco tempo desparárão em terra em duas partes artilheria á vista do forte *Santa-Maria*, do qual tambem responderão largando as bandeiras nas novas estancias; e lá sobre a tarde com a maré veio huma das lanchas a reconhecer os Quarteis, e os navios, d'entre os quaes lhe sahio o caravelão do Martins com 20 soldados, e os Francezes se recolherão depressa. Soube-se depois, que vinha dentro com 15 soldados Monsieur du Prat, grande soldado, e pessoa de substancia da Camara do Christianissimo Rey de França.

Este successo foi a 2 de Novembro, de modo que era passado o mez de Outubro, e não se desenganava o de Albuquerque esperando sempre Indios de paz da Ilha, e de lhe não virem todos dava por escusa terem-lhes os Francezes tomado os portos, e as canôas: com tudo com os principios, que havia visto derão se pressa aos despachos dos caravelões, e partirão em 5 do dito Novembro, indo-se-lhes fazer guarda até a boca da barra com os outros bem armados, que tornarão ao outro dia depois, que bem guiados os lançárão pela barra fóra.

Neste mesmo tempo a náo grande já se vinha chegando com tôas, por ser contravento, e aos bordos, e estava nas corôas de *Arasanhug*, quando os caravelões lhe passarão por balravento coisa de duas leguas, e assim não pôde ninguem fazer-lhes damno, e a náo querendo porfiar a chegar á barra grande do Maranhão para se pôr na Ilha de Santa Anna, quebrou duas amarras, e perdeu duas ancoras com a furia do temporal, que Deus mandou aquelles dias;

e assim á quinta-feira se tornarão arribados ao forte S. Luiz.

E este foi hum dos maiores bens, que teve a *Jornada* dado por Deos, a quem se devem as graças destas coisas; não se sabia nenhum no Quartel dos Portuguezes, antes aguardando cada dia a dita não se fazião prestes, e se trabalhava de noite, e de dia: coisa que se não póde crer de gente tão cansada, e tão mal provida, e que continuamente andavão com as armas nas mãos, e atravessando matos, e rondando os postos das praias, guardando postos, fazendo emboscadas, batendo varedas, reconhecendo pistas, vigiando lanchas, e trabalhando nas obras, e na descarga dos navios, de sorte que não havia sahir de um trabalho, sem se deixar de entrar em outro: de todos a guarda do mar, e dos navios dava mais cuidado, porque por momentos as lanchas, canôas, e patachos apparecião em diversas partes, e como nenhuma era segura aos novos hospedes de todas se arreceavão, e convinha guardarem-se, de modo que descalços, despidos, rotos do mato, transidos, pállidos, mas mui animosos andavão todos os soldados, e officiaes com huma conformidade grande.

Neste tempo, que foi a 7 do dito, os Francezes para ver se poderião tomar nova lingua, pozerão huma bandeira branca em huma corôa de area, que está defronte em meio canal do Forte Santa Maria, a qual em sendo vista do Capitão-mór, mandou logo, que sahisse hum caravelão com 20 soldados, e lingua dos Indios, dizendo que sem duvida os da Ilha a nado, ou como havião podido, se havião vindo áquelle lugar para se passarem a est'outra banda; por tanto que levassem huma jangada para os metterem no caravelão.

Foi em effeito a embarcação, e em chegando á corôa, foi a jangada até á lingua d'agua, e os Indios pouco a pouco se vierão chegando á falla; mas de mistura com elles vinhão Francezes com roupões

largos, dos quaes vendo que os da jangada não sahião a terra, desenvolvendo as armas, que trazião cobertas, começarão de dar huma carga, a qual se descobrirão de detraz da arêa outros mosqueteiros, que sem duvida tomárão a jangada, se o caravelão com hum barco, e com os mosquetes os não desviára.

Tornado o caravelão ao quartel, ainda Jeronymo de Albuquerque não podia crer, que estas cousas havião de levar outro caminho, que o da paz, que esperava dos Indios; e nesta conformidade aos 10 do dito havendo as sentinellas da emboscada do Muny descoberto huma canôa, se lhe armou de feição, que sós dous, que se lançarão ao mar, escapárão nadando como golfinhos mais de duas leguas; os demais fazendo, que vinhão de paz, quando se virão atalados, e a canôa veio ao quartel, donde o Capitão-mór sahio a recebe-los ao caminho; mas o Sargento-mór do Estado a quem mais doião estas cousas, disse: «Senhor, não sejão estes como os outros, mandem-se pôr a recado, e saibamos o que se passa, que tanta gente, nem tão bem concertada não vem senão a tomar lingua por parte dos Francezes.» A isto lhe respondeo o Capitão-mór publicamente: «Senhor, isto não he guerra de Frandes. Vm. me deixe com os Indios por me fazer mercê, que eu sei como me hei de haver com elles, que sei que me vem buscar de paz»; e assim fallando com elles à parte, lhes deu vestidos, espelhos, e resgate, e despedio a canôa deixando-os ir livremente; mas Deos que via esta innocencia, ordenou que de sua vontade se deixasse ficar hum Indio, que tinha sua mãi, e parentes em Paranambuco, o qual, tanto que a canôa se partio, disse ao Padre Frei Manoel: «Vêde como estais, que esta noite vos hão de vir a dar nos navios os Francezes; que para isso mandárão esta canôa a reconhecer como estavão, e tanto que os tomarem, ou queimarem, logo vos hão de vir pôr cerco por mar, e por terra, porque tudo está prestes.»

Ouvindo isto o Sargento-mór do Estado, por ser já boca da noite, tomou comsigo huma esquadra de soldados, e se foi marchando a se metter nos navios, mandando aviso a seu companheiro do que fazia, o qual acudio logo á praia, e disse ao do Estado, que nos navios não havia para que metter soldados, nem ir lá ninguem; porque não havião vindo elli a defender navios podres, senão a terra, de que estavão de posse. Houve sobre isto vozes de parte a parte, por que o Sargento-mór gritava.

« Os nossos navios são hoje os que nos authorizão, assim sem nada como estão, e se o inimigo os toma, ou os queima que credito nos fica com os Indios, nem com os Francezes, que andão apalpando nossas forças, e que descarga daremos, Senhor, de os perder sem sangue?» Eu a darei por escrito a Vm. cada vez que m'a pedir, disse o Capitão-mór; e não consentindo, que a gente fosse, se retirarão ao forte, mandando avisar a gente dos navios, que estivessem com boa vigia, e que vindo a maré se atoassem á terra todo possivel.

O Sargento-Mór do Estado com Francisco de Frias, e alguns outros particulares se pozerão com artilheria a ponto, e em vigia aguardando aos inimigos, os quaes no quarto da ante alva com a maré, que crescia, e com o escuro da noite se vierão chegando sem serem sentidos da gente do mar; mas os da artilheria, que os divisavão dando fogo a huma peça tocarão arma, e do mar tocando as trombetas, e dando uma carga investirão os Francezes a seu salvo com os navios, a gente dos quaes, como erão sós os marinheiros, lançando-se ao mar lhes deixarão a presa nas mãos: a artilheria do forte não cessava de jogar dando em huns, e em outros navios; porém não que se fizesse com ella effeito de substancia.

O rumor era grande, as arcabuzadas muitas, até que os Francezes desenganados da pouca força dos navios, e guiados por Monsieur de Pisiau, e Mon-

sieur de Prat, e o Cavalleiro de Raselli, da Ordem de S. João, tomarão a caravela, que estava mais ao mar, e o patacho Francez, e hum barco; os outros trez navios, ou porque já tocavão em secco, ou por mais abrigados da artilheria, escaparão desta envolta, que foi tão mal guiada, como fica dito, na madrugada da quarta-feira, 11 do dito Novembro.

Não se póde contar a soberba, com que o inimigo dalli em diante corria o mar livremente de huma a outra parte dos Quarteis Portuguezes, e como tinha occupado todo o canal com velas, dando tanta inquietação, e tão novos trabalhos aos do forte de Santa Maria, que nem comer, nem trabalhar deixavão a gente, antes armando as tres embarcações, que tomarão, com ellas vinhão a se metter debaixo da artilheria, tirando as mosquetadas aos que andavão na praia; e os Portuguezes, vendo o successo da levada dos navios, e reconhecendo o perigo, em que estavão sem remedio de soccorro por mar, nem por terra, e o poder das embarcações, artilheria, e gente do inimigo, e o innumeravel numero de Aldeias de Indios, que tinhão até o Pará, e as muitas canôas armadas de 60 e 70 palmos de comprido, e outras munições de guerra, e bastimentos de que estavão providos, já alguns se tomarão em Perejá, e começarão de vêr cumpridas as profecias do Sargento-Mór do Estado.

Os Indios amigos, vendo que os Francezes havião tomado os navios assim a mãos lavadas andavão tão encolhidos e espantados, que já lançavão novas, e fazião contas, e não parecião ao trabalho como dantes, nem o Capitão-Mór ousava a lhes mandar nada; e foi tanto que chegando-se a elle o Sargento-Mór do Estado seu companheiro, sempre seu amigo, disse: «Será bom, que por terra aventuremos alguns Indios com quatro soldados até a Buapava, para que dalli ao Siará, e a Paranambuco levem novas ao Governador de como estamos, e que o soccorro, que houver de vir, seja como convém a

este novo desengano, porque tenho medo, que se o não fazemos, que venhão alguns barcos da Costa, assim como nós viemos, e que sirvão de refresco aos que guardão a barra, que até agora mui como soldados, vejo que não perderão ponto, nem o perderão até nos consumirem, ou nós a elles; e isto convém, que seja com toda a brevidade, e segredo.»

O Capitão-Mór respondeu, que lhe parecia mui bem, mas que estava desconfiando dos Indios, aos quaes abrindo o caminho para que hum só se fosse, que sem duvida se havião de ir todos; pelo que em nenhum modo havia, que fallar no tal aviso. «Pois, Senhor, replicou o Sargento-Mór, se a vossa confiança com os maiores amigos está nesse estado, tratemos que no Perejá, que tão cedo largamos, haja huma guarda para que avise aos nossos barcos quando vierem; pois sem duvida não hão de vir a outra parte senão alli, porque não sabem outra; e se alli houver 20 soldados em hum reducto, podem fazer a paz com os *Teremembés*, que nós não fizemos; e por ella poderemos ter sujeitos aos nossos Indios, e os da Ilha seus inimigos com tremores; e se nos vier soccorro de gente, póde metter-se no reducto com os outros, e descarregarem alli o mantimento, e tornarem a despedir as embarcações, e a nós darem-nos avisos por terra, ou com hum soldado de noite em huma jangada: e nisto, Senhor, cuidai, porque por ora não temos melhor remedio, nem que mais nos assegure, salvo o de Deos, porque se perdermos o soccorro, assim como os navios, pouco val o que fica, pois com a morte não damos boa conta do que nos mandarão.»

Em fim ficarão em que se mandaria reconhecer o rio mais visinho no *Jaguarapim*, ou Ilha das *Guayavas*, para ver se por dentro havia algum canal, que se communicasse com os outros do Perejá.

Em quanto as cabeças andavão dando por estes conselhos, os demais tambem discursavão, e quasi que resolvião: e assim se chegou hum certo ao Sar-

gento-Mór do Estado, e disse: «Senhor, isto está de modo, que não temos outro remedio mais que o do mato, e para que não venha tempo, que nem desse valer nos possamos, ha neste quartel quem trata de dar fogo á polvora; e sei, que se deixa de o fazer, he porque está toda junta, e temem-se que falte para a viagem: porque neste achaque enterrada a artilheria fundão o poder sahir daqui; são mais de 70 homens os conjurados; mas por vos não darem mais desgosto do que tendes, dissimulão, até ver a resolução, que se toma no remedio destas coisas.»

Confessa o dito Sargento-Mór, que nunca em sua vida teve tal aperto de sentimento, pois gritar sobre o homem, que lhe fallava em segredo, não podia; matallo de qualquer modo, era a ruina de tudo; a respeito dos confederados, descobrillo peior, pois não havia a quem, pois a materia não era para todos; e assim resolvendo-se com o rosto mais alegre, que pôde, respondeu: «Quando esta polvora se houver de voar, ha de ser mettendo-a debaixo dos pés dos inimigos, e nos nossos depois, se as mãos nos faltarem. Vm. agradeça aos amigos o seu bom zelo, que eu não quero saber quem são, e os assegure, que antes de muito tempo terão em que empregar-se, sem aventurar tanto como he a honra; e se acaso isso se me avisa para que ponha na polvora mais cuidado, eu vos asseguro, que quem avoar, que ha de avoar antes della, e amanhã sendo Deos servido, mandaremos a reconhecer algum bom caminho para a communicação de nossos soccorros, com que tudo parará no que desejamos.»

Acabado este colloquio, logo aquella tarde se metteu a polvora entre todo o mantimento, e se lhe dobrarão as guardas sem dizer o porque, mais que por assegurar a farinha, e coisas do armazem, que não estava: acabado isto juntamente se nomeou Melchior Rangel com 60 arquebuzeiros, e 30 frecheiros Indios para ir a reconhecer a Ilha das *Guayavas*,

ou *Jaguarapim* para o effeito dito do canal, que desejavão; e porque os inimigos continuavão tanto aquella parte, que davão a entender terem em terra alguma gente, ou solta, ou fortificada.

Deu-se ao mancebo huma mui boa guia, e ao outro dia, que forão 17 de Novembro, partio levando ordem de reconhecer todos aquelles rios, a vêr se se communicavão por dentro com os que havia trazido á Armada, e que se achassem gente na Ilha das *Guayavas*, que a investissem no quarto d'alva encamisados, e que do successo bom ao longo da ponta fizessem hum só fogo, e se houvessem mister soccorro, que fizessem muitos, chegando-se para o rio mais visinho ao forte Santa Maria, donde logo acudirião todos.

Dada esta ordem, e despedidos todos, foi coisa maravilhosa que em todo aquelle dia, e em toda a noite, e grande parte do outro não acertasse esta gente, levando guia, o caminho de quatro legoas, pelas praias já outras vezes andadas delles; e foi que se entrárão no primeiro braço do rio proximo ao Quartel, e querendo atravessar por elle aos outros vasou a maré, e lodo era tal, que quanto se desviarão da praia, se impossibilitarão a sahir delle: em fim sem poderem ir adiante aos dezoito dias do dito para tornarem ao lojamento tão descompostos, e cheios de trabalho, como se todo o anno houverão andado na vasa.

Disto tomou notavel despeito o Sargento-Mór do Estado, e assim logo naquelle ponto mandou concertar dois bateis, nomeando dez Soldados para cada hum, e quatro Marinheiros todos com seus mosquetes, e fouces de roçar, machados, pás, e enxadas, e avisou ao Capitão Frias, Engenheiro, que na maré da madrugada se havião de ir a vêr os canaes, e cada hum em seo batel, e que em caso, que necessario fosse havião de abrir a terra de huns a outros para fazer o caminho por dentro, que desenhado

tinhão, pois era coisa possivel pela disposição do terreno.

Estando tudo prestes, e elles para se embarcarem naquella reponta de maré do dia 19, andando no quarto d'alva vigiando se andavão no mar as lanchas, virão que tudo estava coalhado de embarcações de vela, e remos, que vinhão com grande silencio chegando-se á praia desviados do forte hum tiro de falcão por detraz dos mangues: deu-se aviso, e com o novo dia começarão de se mostrar tantas bandeiras, e tanto numero de gente, que a uma grande Cidade poderá dar cuidado, o mais que começárão de saltar em terra com tantas trombetas, caixas, buzinas, e rumor, que não houve mais que fazer, que acudir os do forte Santa Maria, cada qual á sua estancia; e o Capitão-Mór Jeronymo de Albuquerque com até oitenta soldados por ver como desembarcavão se foi na volta do inimigo; mas dizem, que alguns dos que levava comsigo, vendo tanta gente o persuadirão, que sem mais tardar se retirasse; já quando elle vinha, o Sargento-Mór do Estado por ver como se alojava o inimigo, se foi com doze arcabuzeiros, adonde já a vanguarda do inimigo tomava posto, que dizem, que a guiava o Sr. du Prat, e entretanto desembarcava de batalha Monsieur de Pisiau, Lugar-Tenente General de aquella empresa, o qual vendo tão adiante seu Companheiro, parecendo-lhe que elle só havia de levar a honra daquella jornada, dizem, que com demasiada louçania se lançou á agua, e a seu exemplo muitos dos seus, que foi causa de haver frascos, e bandoleiras molhados, e os Indios das canôas vendo saltar na agoa os Francezes em hum momento cubrirão tudo; e elles vinhão cobertos de pavezes, e rodelas tintos de mil cores, e empennados de seu modo, que parecia estar alli todo o inferno.

Neste tempo com alguns arcabuzeiros, que se chegarão mais, começou o Sargento-Mór de travar a escaramuça a ver como se punhão, e havendo ca-

hido dous Francezes, e hum soldado dos Portuguezes, parou a obra, e o Sargento-Mór se veio ao forte, a ver o que determinava seu collega, o qual achou com hum oculo de longa vista olhando por huma bombardeira o que os inimigos fazião; ao qual disse:

«Senhor, não ha já que ver por oculos, que nem os trabalhos hão de diminuir, nem hão de fazer os inimigos menos.»

«Pois que havemos de fazer, Senhor Capitão? respondeu o de Albuquerque.»

«Valer-nos de Deos e de nossos punhos, disse o Sargento-Mór, que já aqui não ha outro remedio. O inimigo se fortifica, e vio que nos retiramos, e entende que queremos aguardar o sitio, e assim trata de se alojar primeiro, e desembarcar suas coisas, se agora sem dilação formos com toda essa gente por duas partes, sem duvida os desbarataremos, e nos dará Deus hoje hum dia muito formoso; pelo que Vm. com a metade desta gente branca, e Indios sem se deter, vá pela montanha, e eu com os demais irei pela praia; e tanto que Vm. chegar aos inimigos faça signal tocando arma os tambores, que até alli hão de ir com muito silencio, e investindo eu por esta banda farei o mesmo, e Deus nos ha de ajudar a todos.»

Não replicou palavra o Capitão-Mór, antes movendo-se logo, mandou dar em pé aos Soldados hum bocado de biscouto, e huma vez de vinho; e com isto sahirão todos marchando para fóra da cerca sem tocar caixas, e sem bandeiras.

Está diante do forte de Santa Maria hum oiteiro eminente a distancia de hum tiro de falcão, immediato ao mar pela parte do Norte, o qual tem hum rio de agoa doce pelo pé, que pela banda do Sul participa de agoa que bebem os Portuguezes. Neste sitio desembarcou o inimigo de preamar, como está dito, lançando em terra ao pé do monte de 50 canoas mais de dous mil Indios frecheiros da Ilha, e de Tapiterá, e com elles 200 Soldados Francezes em

duas tropas, como está dito, nos quaes entravão muitos fidalgos de casas conhecidas de França, e dos mais bravos soldados della, com peitos, e rodellas d'aço, morriões, e colladas; e muitos, e bons mosquetes, alguns de nova invenção, que sendo curtos, tiravão 500 passos aos Indios, além de suas costumadas rodelas, e espadas, arcos, e frechas: trazião cada qual seu feixe de varas atadas a modo de faxina, com que os que vinhão destinados a este effeito em hum momento, como erão tantos, fizerão huma cerca no alto do monte, a qual se guarneceu de mosqueteiros á ordem de Mr. de la Fos Benart, com mais 400 Indios Topinambás, com o lingoa Turcou, aos quaes deu ordem Mr. de Pisiau, que ainda que sentissem tocar arma, e resolver-se tudo, que não largassem o posto, antes mais cada vez o fortificassem, cerrando-se nelle.

Logo mais abaixo desta corôa, ou cerca fizerão outra ajudando-se do sitio, e do mato, a qual como barbacan da outra lhe dava resguardo, por ser levantada duas braças do terreno da praia. Esta barbacan com soldados Francezes, e Indios se deu a cargo de Mr. de Canouvilha, soldado velho, e de muito nome, assegurando o monte nesta forma:

Atulharão todo o espaço de terra, que havia entre a maré, e o monte com sete trincheiras de pedra em sosso altas, e grossas, que fazião rosto ao forte Santa Maria, e a estas se retirarão os Francezes, quando a escaramuça do Sargento-mór porque estavão guarnecidas da sua melhor gente, até donde batia o mar com suas sentinellas; e as canoas todas estavão abicadas ao pé da montanha, e cobertas das ditas trincheiras, e todos os mais Indios occupavão tudo o que o mar vasava, guarnecendo a ilharga das trincheiras; em todos os navios daquelle campo serião mil e quinhentos frecheiros, que todos fazendo os seus motins, e momos se vinhão chegando para a praia do forte *Santa Maria*, que era a parte sómente, donde temer se podião.

O Capitão-Geral, Monsieur de la Ravardiere estava no mar com outros 200 soldados Francezes, á ordem do Cavalheiro de Raseli, da Ordem de S. João, e do Capitão Mathieu Malharte, que com outros 100 frecheiros de Comat, havião de sahir com a artilheria em se assegurando o sitio.

Já havia marchado o Capitão-Mór por huma vereda secreta da montanha com 75 soldados Portuguezes, gente escolhida, que levavão em suas companhias o Capitão Manoel de Sousa d'Eça, e Francisco de Frias, aos quaes tocou ir por estas festas.

Levava mais 80 frecheiros Portuguezes, gente velha, e destra nas occasiões, e guerras do Brazil, e o Sargento-Mór do Estado já estava pegado aos inimigos com só Antonio d'Albuquerque, filho do Capitão-Mór, moço de 20 annos, que aquelle dia quiz seu Pai, que fosse com a sua companhia pela praia com o Sargento-Mór, a quem o encommendou: com esta companhia, e com o resto dos Indios, em que entrava o *Mandiocapúa* com os *Tabajáras*, se foi melhorando o de Campos coberto com um pouco de mato por não mostrar a gente ao inimigo; mas os soldados, que viáo o que tinhão diante, movião-se mui tibiamente, querendo antes estar-se ao socairo do forte *Santa-Maria:* e nisto se houverão de modo não obedecendo aos Sargentos, que o do Estado, virando-se a elles com uma pistola na mão, disse:

«Não me persuado que tão valentes homens duvidem de vencer aquelles inimigos, e mais quando hontem no Perejá vos amotinastes por chegar a esto ponto, no qual se agora houver algum infame, ou covarde, o que não cuido, e como tal torcer o rosto, cuide, que me tem aqui para seu verdugo: fazei, Senhores, e irmãos, o que me virdes fazer, advertindo, que a minha vida, e a vossa está na morte de aquelles que logo hão de fugir, se hum pouco lhes temos a barba tesa á sua primeira furia.»

Dizendo isto virando-se ao Capitão Madeira, valente soldado, e Capitão dos Indios todos, disse-lhe:

«Mettei-vos, Senhor, com toda essa gente detraz daquellas embarcações nossas, que já estão em secco, e não arremettais se não depois que me virdes, que vou investindo, e então cerrai com os Indios da praia, que guardão a ilharga das trincheiras, e fazei como costumastes sempre.»

E dando esta ordem, disse ao Alferes Diogo da Costa, soldado velho, e de honra, natural das Ilhas: «Vm. se vá voando ao forte, e diga ao Capitão Gregorio Fragozo, que com toda a sua companhia venha logo marchando pouco a pouco sem bandeira, e sem tocar caixa, e se ponha na retaguarda dos nossos Indios, e tanto que nos vir arremetter, entre pela praia de soccorro com a sua arcabuzaria, para que os nossos Indios o sintão nas espaldas, e o inimigo se descomponha pela ilharga.» Ordenando assim o que convinha, aguardando o sinal dos da montanha, saltou em terra de huma canôa hum Trombeta com as Armas Reaes de França bem concertado, e tocando, e chamando, se veio até que hum tambor dos Portuguezes com ordem do Sargento-Mór do Estado o foi recolher, e vindo á sua presença lhe deu huma carta em Francez do seu General, ao qual em quanto se via, lhe mandou o Sargento-Mór tapar os olhos ao Trombeta, e pôr boa guarda, e lendo a Carta para si sómente vio, que dizia assim:

«Ao Senhor Jeronymo de Albuquerque.

«Senhor de Albuquerque, o vosso atrevimento he incomparavel vindo accommetter em minha pessoa ao maior Monarcha da Christandade, com seu povo, e Reino, do qual eu tomei posse por Sua Magestade, com meus companheiros a perto de trez annos, tendo Commissões, e Letras patentes do meu Rey para este effeito, e tendo tambem para este effeito vinte Capuchinhos guarnecidos de mui boas Missões do Pará.

«Por tanto eu te peço, ó Albuquerque, donde

está a justiça da tua causa; e se Deos te quer ajudar, vindo sem algum direito a turbar nossos limites, e a transtornar por hum tempo os bons effeitos, que aqui se fazem em todas as coisas; eu não deixo de rogar á Deos, que te não mande o castigo, que tu mereces turbando-te em tal sorte o espirito, que tu não acceites a graça, que como Christão, e como Nobre eu te quero fazer por duas razões principaes; a primeira por tua coraje de haver ousado vir dentro aos limites Francezes accommettendo hum numero de bravos Fidalgos, onde eu sou o menor, e incapaz da honra, que tenho de os mandar: a outra razão mais forte he a prevenção, que faço á perda do sangue Christão, que não posso estorvar, se não guardares as condições seguintes, assim como o desejão todos os meus; porque tenho hum numero infinito de selvagens, que não desejão mais, que de te abocanhar a tj, e ás tuas gentes, e de executar em ti, e nos teus todas as sortes de carnicerias, gozando dellas, e de outras mortes: e com tudo eu por desviar estas inevitaveis maloras, porque as não desejo; olha, se te queres render por meu prisioneiro de guerra com todos os teus Fidalgos, e soldados, e selvagens, porque fazendo-o, te prometto sobre minha honra, e a elles todos de vos fazer todas as cortezias em vossas pessoas, que podereis desejar de hum verdadeiro Christão, e Fidalgo Francez; e não querendo tu acceitar este favor, dando-me a pena de pôr os pés em terra, e de te plantar a bateria das minhas peças, não tens que esperar de mim nada mais, que o que as Leis da nossa arte promettem: assim que pois não és ignorante, e tens as qualidades, que eu hei visto em teus passaportes, não confies no soccorro, antes assegura a vida tua, e dos teus, que está hoje posta no vento, e mais quando tu vês o estado em que estou para lhes romper a cabeça, antes que vejão o teu forte, e antes que venhão a mim, tem que fazer com huma não de 400 toneladas, que tenho na entrada da barra

com hum seu patacho, assim que eu te concedo termo de quatro horas para receber a lei de teu bemfeitor, e servidor, se fizeres para teu bem o que te digo acima.

Ravardiere.»

«Se desejas de me mandar hum de teus Cavalleiros, póde vir seguramente; porque te dou minha fé, e palavra de to tornar a mandar, em fallando com elle: e porque não ignores tu, e os teus o estado em que estou, e vós vos achais Ahi vos mando parte das cartas, que elles escrevião pelos navios tomados por meus companheiros. No campo Francez diante do forte S. Simão dos Portuguezes no Maranhão a 19 de Novembro de 1614.»

Havia passado a palavra ao Capitão-Mór da vinda do Trombeta; o qual para mais não era vindo, que para reconhecer, e empachar os Portuguezes em quanto os Francezes se fortificavão, e espantar com aquellas palavras aos que sabião pouco: emfim o dito Capitão-Mór fez alto sonido já ao pé do monte da outra banda de Leste, e para saber a novidade, mandou hum Alferes a informar-se; mas o Sargento-Mór do Estado, a resposta que deu foi metter a Carta no uco do chapéo, e ao Alferes por nome Manoel Vaz de Oliveira disse: «Diga ao Capitão-Mór, que a Carta vem em Francez, e que sua mercê a não ha de poder ler; mas que lhe aviso, se não quer ser captivo dos Francezes, que arremetta logo, como está assentado: porque aqui estamos prestes para fazer o mesmo: e que pedem, que nos rendamos a Sua Mercê dentro de quatro horas, se não que seremos postos ao cutelo.» Foi o Alferes voando com este recado, o qual tanto que o Capitão-Mór o ouvio, arremetteu como mui esforçado Cavalleiro, e ao signal o Sargento-Mór dando por nome: *Virgem de Guadalupe*, e gritando *Sant-Iago* correu com as trincheiras da praia, e apoz elle arremetteu o Madeira

com os Indios amigos, que não chegavão a cem homens: o soccorro com o Capitão Gregorio Fragoso entrou assim como lhe estava ordenado, dando a carga pela banda do mar.

Já neste tempo a gente estava abarbada com a primeira trincheira, donde os mortos, que cahião de huma, e de outra parte fazião duvidoso espectaculo: mas a virtude do soffrimento nos Portuguezes, foi grande, pois sem torcerem o rosto, sempre levados do exemplo, e vozes do Sargento-Mór, apertarão tanto, que ganharão a primeira trincheira, e isto a tempo, que os Indios do inimigo, que erão em multidão grande, como nelles se não perdia hum tiro, e a gente Portugueza os hia entrando, virarão as costas a tempo, que o Capitão-Mór já chegava á praia, e o Sargento-Mór gritava: *Victoria, que fogem.*

Com tudo os Francezes pelejando galhardamente, ainda que com pouca fortuna, entretinhão o impeto de huma, e de outra parte, até que de todo vendo desamparada a sua ilharga dos seus selvagens, e occupada dos Portuguezes, que derramados destramente lhe fazião o officio, e que os seus Indios occupavão o lugar da retirada; tomando a carga começarão juntos de tropel de caminhar, para se valer dos navios, porém forão dar com o Capitão-Mór, que como dito he, vinha sahindo do mato, e arremettendo quasi só. Porque os seus, ou porque elle se adiantasse, ou porque elles marchassem menos, chegarão descompostos, mas mui valerosos, e honrados, e como taes, ainda que o Capitão-Mór esteve em perigo, logo foi soccorrido de huns, e de outros, e nesta envolta foi morto Monsieur de Pisiau, Lugar Tenente-General, Fidalgo Catholico, e de tantas partes, que sempre será chorado dos seus.

Era primo com irmão da Princeza de Condé, o qual vendo cahido seu companheiro Monsieur Duprat, e tudo em rota com mais pressa, do que a barafunda dava lugar, se retirou, e escapou a nado com a espada na boca. Todos os demais Fidalgos Francezes

elegêrão antes morrer pelejando junto do seu General, e assim quanto mais em Francez o Sargento-Mór do Estado lhes gritava, que se rendessem, tanto mais se defendião. Pelo que em menos de huma hora, que durou a força da batalha, ficou todo o campo coalhado de mortos Francezes, e Indios.

Monsieur de la Ravardiere, vendo do mar o que se passava, mandou na furia do conflicto aos navios mais ligeiros, que se apresentassem á fortaleza para divertir o damno, que á d'outro modo remediar não podião; mas o Capitão Manoel de Brito Freire, que com o Alferes Diogo da Costa com quasi trinta Soldados Marinheiros, e doentes fizerão tão bem seu officio com a artilheria, que desviárão de si este perigo, dando a entender differente força da que havia, de modo que no mar, e na terra, e no monte, e na praia tudo erão bombardadas, cutiladas, e arcabusadas, com tanto fervor, qual no Estado do Brazil já mais foi visto, nem que tanto se aventurasse como este dia: no qual para mais espantosa tragedia dos Francezes, mandou o Sargento-Mór do Estado dar fogo a todas as canôas, que estavão varadas em terra, que erão quarenta e seis com todo o seu maçame, remos, em que havia algumas de setenta e cinco palmos de comprido, que vogavão vinte cinco remos por banda, o que se fez por tirar o pensamento aos fugidos de se salvarem nellas, e por quebrar o animo aos alliados dos Francezes, que nisto perderão seu regalo e remedio, e mostrar aos do mar sua Armada feita cinzas, e aos da terra, que todavia se fortificavão na montanha, que não tinhão que esperar soccorro pois as canoas ardião.

O Capitão-Mór Jeronymo de Albuquerque tanto que vio o bom successo da rota, em que como está dito, peleijou como quem era, foi-se ao Forte a descançar do trabalho passado, deixando que a seu alvedrio cada qual despojasse, e saqueasse tudo o que achasse de mantimentos, e munições, e armas, de

que estava o campo coberto; mas o Sargento-Mór do Estado, que trazia outro pensamento, tinha sempre junta, e firme huma tropa de sessenta Soldados, e todos os Officiaes comsigo, sem consentir, que se desviassem hum ponto, até ver o inimigo de todo roto, e a montanha desoccupada; e assim cada momento provia com esquadras de refresco, para que sem parar lhes tivessem a escaramuça em tezo aos Capitães Francezes: a saber, a Monsieur de la Fos Benart, que como está dito guardava o monte, e ali se defendia valerosamente, e a Monsieur de Canonvilha, que se havia ajuntado com elle, tanto que vio a rota: e era de temer, que se o negocio se esfriava, que se podia mudar a fortuna, e mais se os do mar entendião que a sua gente estava fortificada.

Pelo que o Sargento-Mór do Estado buscando seu companheiro o Capitão-Mór, lhe foi dito, como estava na cerca em sua casa, e assim se foi a o buscar deixando com a gente o Capitão Frias, e chegando aonde estava Jeronymo Albuquerque lhe disse: «Meu Senhor, não temos feito nada, se logo nos não tornamos a ajuntar, e vamos desfazer a cerca da montanha, donde os inimigos que fugirão estão recolhidos, e bem sabeis, Senhor, que se falta qualquer de nós do campo, que a metade dos Soldados hão de desapparecer.»

O Capitão-Mór com muita vontade tornou a tomar as suas armas, e levando seu filho comsigo se tornárão á praia, donde repartidos sem que houvesse Indios, que levar de ajuda, porque todos andavão encarniçados em quebrar cabeças, e despir os mortos, se foi o Capitão-Mór por huma banda, e o Sargento-Mór ficou na da praia, e pelo mato cerrado chegando-se bem á cerca, houve huma contenda mui desigual; porque os Portuguezes a coronha rasa descubertos querião ás mãos desfazer tudo, e se mettião nas bocas dos mosquetes inimigos, tanto que com o fogo lhes queimavão o fato, e os derrubavão, como fizerão a hum sobrinho do Sargento-Mór do

Estado chamado Luiz de Guevára, que de duas arcabuzadas cahio em terra morto pegado nos páos da cerca, e Antonio Grisante moço nobre, que á porfia se arremeçou da banda de dentro, tambem ficou morto de mil feridas: logo ferirão a Antonio de Albuquerque, filho do Capitão-Mór, e ao seu Alferes Christovão Vaz, e outros soldados, e nesta pressa e bateria mais atrevida, do que dizer-se póde, derão huma mosquetada ao Turcou, *Lingoa Mór* dos Indios, que estavão na cerca, os quaes tanto que o virão ferido, e alguns delles mortos, não havendo quem os exhortasse a estar firmes, e havendo a polvora faltado já aos Francezes, e Monsieur de la Fos Benart tendo huma arcabuzada em hum braço, começárão os Indios, ao seu modo, de bater as palmas, e dando atravez com o canto contrario da cerca, se lançárão fugindo pela montanha abaixo, levando traz si as arvores, como se fôra algum caudal de rio, porque erão mais de 600 homens.

Os Francezes havendo feito o seu dever, como mui bons soldados, se misturarão com os indios de Tatuasu, que era o *Principal* daquella tropa, e com o Caranguejo Branco outro *Principal* da Ilha, e assim se salvarão pela espessura do mato. O Sargento-Mór tanto que vio arrebentar aquella gente, poz o joelho no chão, e disse aos companheiros: «Demos graças a Deos, que nos ha dado inteira victoria.»

E logo recolhendo-se a gente, não quiz consentir, que mais se desmandassem pelo bosque, antes mandando tocar a recolher se veio marchando para o Forte *Santa Maria*, já quasi noite, havendo-se recolhido todos os mortos Portuguezes, e feridos.

O Capitão-mór já tinha feito outro tanto, sentido porém das feridas do filho. Sepultárão-se aquella noite, e ao outro dia os mortos, que em todos forão onze, e tratou-se de acudir aos feridos, que erão muitos, e no Quartel, a Deos louvores! não havia Cirurgião, nem mezinha alguma, que hum pobre moço, que ainda que soubesse atar huma ferida, não

tinha cousa, que lhe pôr mais, que azeite commum, ou de copaiva, e pannos d'agoa com empsalmo, que para tão terriveis feridas, como alguns tinhão, era cousa lastimosa: e por que he bem saberem-se os nomes dos que honradamente servindo a Deos, e á Sua Magestade, morrêrão nesta batalha, e fôrão feridos: os mortos são os seguintes:

Luiz de Guevára, natural de Tangere, filho de Gonçalo de Guevára, Cavalleiro da Ordem de Christo.

Antonio Grisante, homem nobre, natural de Braga.

Francisco de Bessa, Castelhano.

João da Mata, natural do Brazil.

Pedro Alvares, de Viana.

Amaro do Couto, natural de Lisboa.

Bartholomeu Ramires, natural das Ilhas.

Manoel de Loureiro, natural de Abrantes.

Matheus Gonçalves, natural de Mondego.

Domingos Corrêa, natural da Ilha Graciosa, Mestre de hum caravelão da *Jornada*.

Os feridos na batalha:

O Capitão Antonio de Albuquerque.

O seu Alferes Christovão Vaz.

O Alferes Estevão de Campos, sobrinho do Sargento-mór do Estado.

Pedro Bastardo.

Domingos Martins.

Encenso Fernandes.

João de Oliveira.

O Sargento Rodovalho, que se assinalou muito.

Francisco Páes.

João de Mendiola, Castelhano.

Manoel Lopes.

Gonçalo de Souza.

Bartholomeu Carrasco.

Francisco de Velasco, Castelhano.

Braz Mendes.

Jorge da Costa.
Roque de Mesquita.
Melchior Rangel.

Do inimigo se contarão mortos no campo cento e quinze Francezes, entre os quaes os Fidalgos, e principaes de nome são os seguintes:

Mons. de Pisiaus, do Delfinado, Tenente-General desta Empreza.
Mons. de Longueville, de Paris.
Mons. de Chavanne, primo-irmão de Mons. de la Ravardiere, natural de Xavanha.
Mons. de S. Gil, de Normandia.
Mons. de Hautnouesa, Normando.
Mons. de Rocheforte, Normando.
Mons. de la Hey, Normando.
Mons. de la Benuviera, Normando.
Mons. de S. Vicente, Normando.
Mons. de Batallá, Normando.
Mons. de la Praeria, Normando.
Mons. de Magnihi, Borgonhão.
Mons. de Fossé, Picardo.
Mons. Vanet, Astrologo de la Franqua.
Mons. de la Roche, Limosine Conte.
Mons. da Sablon, primo de Mons. de la Roche Depuis, Normando.
O Sargento la Verdura.
O Sargento Bixot, da Companhia de Mons. Du Prat.
Mons. de Sauvensi, Bolonhez.
Mons. d'Ambreville, Borgonhão.
Mons. de la Ruelle, Secretario do Condestavel.
Mons. de la Crux, de Paris de França.
Mons. Margot.
Mons. de Basserua, de Paris.
Mons. Chateau, de Paris.
Mons. de Balchiler, de Paris.
Seu Irmão le Balchiler, de Paris.
Vicente Grande, Mestre de Navios.

Mons. Bridu, natural de Dieppa, famoso.
Hum Lingua dos Indios chamado o Minguão.
Mons. Gatignat, de Paris.
Mons. Des Marais, de Ruão.

A fóra estas pessoas particulares, que aqui morrerão, dizem, que com os affogados, e perdidos chegarão a 150, mas os que se contárão no campo, como dito he, fôrão 115, a fóra os prezos, que forão nove.

Aquella noite depois da batalha não consentirão que da Fortaleza sahissem Soldados fóra, tanto por dar aos inimigos ponte de prata, como porque na verdade a gente estava tal, e havia tanto em que entender com feridos, e mortos, e com vivos mortos de fome, e juntamente tendo a armada á vista, na qual os prezos, dizião, que havia mais de 200 Soldados, e que estava grande soccorro de Indios para vir ao outro dia, os quaes vinhão da terra firme de Comat.

Tambem os Indios da Ilha, que como está dito, fugirão aos primeiros encontros, e assim os da montanha, era de crer, que não devião de estar mui longe, e que vendo as canôas dos amigos, que se poderião animar, e refazer com ellas, e mais se tinhão em sua companhia alguns Francezes, os quaes avisando a Monsieur de la Ravardiere poderião fazer, que outra vez se tentasse a fortuna, e mais quando os ditos Francezes tinhão as suas forças do mar inteiras, e os Portuguezes nem hum batel para seu serviço, que tudo estava varado e tiradas as taboas, e rombas; porque das embarcações que havião ficado, se não valesse ninguem até que o tempo mostrasse melhor o rosto.

Todavia aquella noite houve grande vigia, e guardas dobles, a causa de que em toda ella sempre se sentio rumor de gente, assim nos matos visinhos, como na baixamar da praia, na qual se fuzilava ás vezes por signal dos que pedião favor aos navios.

Nesta noite se veio a render á Fortaleza hum Indio, Principal dos da Ilha, que declarou o grande medo, que em todos os fugidos, e escapados da batalha, e a grande tristeza, que havia pelos mortos, e perda de armas, e canôas.

Tudo isto mais se certificou em sendo de dia; porque em toda a Armada não havia bandeira alguma, e arvorada a Capitania tinha abatida, e desarvorada a sua Real, e a do mastro grande; nem se tocou trombeta, nem caixa na alvorada, nem se disparou arma de fogo, tudo pela morte do Tenente General de Pisiau, e pelos demais parentes, e amigos do Senhor de la Ravardière, o qual aquelle dia, nem o outro fallou a ninguem, encerrado em seu camarote, como homem pouco costumado a ser veneido.

Estas coisas ainda que se viáo, e entendião no Forte Santa Maria, não erão tão solemnisadas exteriormente, porque todavia se viáo com o porto tomado como dantes, e sabião de raiz, quaes erão as forças do inimigo, e quam poderosos em gente, navios, e artilharia, e o pouco poder, que de presente havia para acabar de consumir tudo isto.

Sómente entre os Indios havia ao seu modo bailos, e cantos toda a noite, e as mulheres apregoando pelo Quartel andavão cantando das proezas de seus maridos, publicande o nome dos homens de guerra, que havião tomado nos contrarios, quebrando-lhe as cabeças, cerimonia notavel, e de muita graça pelo fervor, com que as mulheres Indias de aquellas partes dão a execução este rito.

Estando pois huns, e outros desta sorte, apparecêrão pelas sete horas da manhã do dia 20 de Novembro 16 canoas grandes, que huma tras outra em largo gyro, vinhão chegando-se á terra, e á Armada, as quaes trazião de soccorro da terra firme de Comat 600, para 700 Indios Topinambás, e vinhão á assentar o quartel da banda do rio Muny, para que os Portuguezes perdessem a esperança de remedio de nenhuma parte.

Tanto que apparecêrão as canôas logo o Sargento-Mór do Estado lançou fóra cem arcabuzeiros com o Capitão Manoel de Souza d'Eça: os quaes marchando á vista da Armada pela baixamar fôrão a pôr-se adonde as canoas apontavão, e os Indios amigos ao longo do mato fôrão sempre reconhecendo o bosque, até ao mesmo posto, donde aguardavão o que fazião as canôas; as quaes tomando terra da outra banda do rio, fôrão advertidos dos Indios, que lá andavão (buscando em que salvar-se), e assim tanto que tiverão noticia do estrago passado, e virão que já os Portuguezes da outra parte do rio esperavão pela baixamar para se verem com elles, não lhes parecendo bem provar-se com gente que antes delles chegar, já os buscava, embarcando depressa os escapados, que á boamente levar poderão, se tornarão na volta de suas terras sem fallarem á Armada, nem ao Principal da Ilha, que nella estava com o General Ravardière chamado o *Brazil*, nem lhes darem a obediencia, ainda que da Capitania lhes tirarão huma peça, e os foi chamar huma lancha.

Com este successo se recolherão os Portuguezes, vindo de caminho ás cercas do inimigo, queimando-as, e desbaratando-as de todo, e desmanchando as trincheiras da praia, mandando juntamente dar sepultura a todos os mortos, Francezes, e Tupinambás, em que todos os escravos, e gente do serviço gastarão todo o dia; e assim acabarão de saquear-se os Quarteis, em que houve muita farinha, e legumes, e muitas redes de dormir, e grande cópia de armas, arcabuzes, mosquetes, pistolas, peitos, rodelas, morriões, e celadas, infinitos arcos, e frechas, pavezes, e rodelas dos Indios, alguma polvora em cabaços, murrão, pelouros. Tambem este dia se tomou huma India moça, a qual havia vindo á guerra com seu marido, o qual ao tempo de fugir a deixou, esquecendo-se dos amores; mas ella teve tanta astucia, que disse aos que a acharão que era Tapuia, escrava de hum Principal da ilha, para que assim a capti-

vassem, e a não matassem ; como succedeu, que sendo levada por escrava de huns Tabajares, que a tomarão, passada a furia, disse quem era, e foi restituida a seu marido dahi a poucos dias.

Passadas estas cousas, a 21 do dito mandou o inimigo hum Indio dos que lá tinha da primeira canôa, quando forão de paz á Ilha, e lhe deu huma Carta em Francez, cerrada para que désse aos seus Portuguezes: a qual traduzida dizia assim:

«Senhor d'Albuquerque, eu te mando esta para saber a verdade da guerra, que fazes, e queres fazer aos meus; porque até aqui não quiz praticar-te nada de aquillo, que toca á nossa arte.

«Porque tu quebras todas as Leis praticadas, em todas as guerras assim Christãs, como Turques quas, ou seja em crueldade, ou seja na liberdade das seguridades, que os homens tomão huns com os outros para seus parlamentos; e tu retendo os Trombetas, que te mandão pessoas livres, pelo meio de todos os inimigos fazes que em ti vejamos, e pratiquemos Leis novas em nossos officios.

« Pelo que tu nunca terás jámais para com pessoas de merecimento, nem farás mais, que abocanhar a carne Christã; mas a Justiça Divina te castigará como tu mereces, e me dará graça, que tu, e os teus proveis a cortezia Franceza, cahindo nas minhas mãos, a qual eu te prometto em vingança de taes crueldades, que eu poderei executar sobre ti, e sobre os teus, que cá tenho no Forte de S. Luiz sendo doze selvagens, a que faço melhor tratamento, que posso.

«Por tanto não te ensoberbeças havendo espantado huns poucos de selvagens, os quaes te deixárão nas mãos alguns oitenta homens dos meus Francezes, governados pelo meu Tenente mancebo, e bravo Capitão, e experimentado na guerra, se jamais o houve, que foi morto na primeira occasião em que aqui se achou.

«Tambem havia outro bravo e experimentado na guerra chamado *Mons. du Prat*, o qual me veio achar depois da defensa, que fez fazer aos Francezes, e Selvagens, de que não tirassem em modo algum do mundo em quanto durava o parlamento, e esta foi a causa, que tu a tão bom preço os tomaste com toda a Lei de Guerra, violando tudo o que nella se pratica.

«O Senhor du Prat virou o rosto álarma, e vendo a desordem se pôz a resistir, e vendo o atrevimento dos teus, e sua audacia acompanhou os seus pelejando até que te vio senhor do campo, e depois se salvou, e está com saude, donde me assistirá bravamente a tomar razão de teus crueis effeitos.

«Tu tens somente a honra de ficar com a praça, a qual eu espero haver bem cedo porque ainda me ficou assaz gente de bem para executar meu desenho, sem ter necessidades daquelles, que mandei ao Pará, os quaes espero cada dia, e outros muitos de França; e assim esperarei tambem tua resposta, sobre o que acima te digo, a qual me pódes mandar sobre minha fé, e palavra, que eu nunca jámais quebrei, nem o farei.

«Porque tenho vinte e cinco annos de Governador de gentes, pelo que se te mostrares Christão, faze boa guerra aos meus, e manda-me o meu Trombeta, se não queres, que á tua vista te faça enforcar em 54 horas todos os teus assim Portuguezes, como Salvagens.

«Este teu mortal inimigo—*Ravardiere.*

«Diante do Forte S. Simão aos 21 de Novembro 1614.»

Lida e declarada esta Carta pelo Capitão, e Sargento-Mór do Estado, pareceu, que respondesse a ella, mostrando aos Francezes a pouca razão, e pratica de guerra, que tinhão, e assim lhe se escreveu a seguinte em nome do Capitão-Mór, e por elle assignada:

«Senhor Ravardiére.—El-Rey Catholico de Hespanha nosso Senhor me mandou a este Rio Maranhão com o Capitão, e Sargento-Mór de todo este Estado do Brazil Diogo de Campos meu Collega, e muitos homens Nobres, Fidalgos, e Cavalleiros de diversas gerações de Portugal, de que geralmente eu tenho muita honra, e tanto me fio de sua companhia, que tenho dois filhos comigo nesta empreza, na qual nunca me persuadi, que tinha parte o Christianissimo Rey de França, nem os Francezes Nobres, que se me nomeão.

«Pois he de crer, que sendo o meu Rey Imperador deste novo mundo ha mais de cento e doze annos, que não dará parte delle a outro Principe, e se lha der, que lha não tornará a tirar: pelo que sobre o titulo de nossa vinda não ha que disputar, que se os Reys o hão de averiguar, mal faz quem faz a guerra, e se as armas, escusadas são palavras.

«Por averiguar duvidas, e saber quem estava nesta Ilha, mandei os dias passados os meus Indios com paz á mesma Ilha, e tomarão-mos os Francezes, della vierão outros o buscar-me com engano, dissimulei, e mandei-os livres; depois disto vierão os Francezes de Itapary a esta corôa de arêa, que me jaz defronte, e pozerão bandeira branca de paz, a que logo acudí com hum barco, em que hia hum filho meu, e hum Capitão da Caza Rangel, para vêr sua falla: vierão com armas cubertas os Francezes, e tanto que entendêrão poder danar aos meus, lhes tirárão cruelmente muitos golpes de arcabuz, e mosquete.

«Eis-aqui, Senhor Ravardière, quem por trez vezes rompeu, e violou a lei das gentes, e do primor da guerra, e que se fez incapaz de fidelidade: passadas estas coisas vierão os Francezes a tomar dois pobres cascos de navios desarmados a meus pobres marinheiros, os quaes estavão á boa fé no mar d'El-Rey nosso Senhor sem fazerem mal a pessoa, e foi a interpreza a honras, e termos pouco valentes, em

fim ficamos lastimados de tanta ousadia, e má vizinhança.

«Passado isto, Senhor Ravardière, vierão os Francezes em numero grande com todas as forças do Estado dos Indios destas Comarcas enganados para nos comerem, e tirarem a vida á fome, e sede, e ao cutelo, e andando-nos apercebendo para nossa defeza, mandárão hum Trombeta não sei de quem, o qual queria que dentro em quatro horas nos rendessemos; e em quanto fallava com meu companheiro Diego de Campos, a gente Franceza desembarcava, e os Selvagens se chegavão, os Francezes astuciosamente se fortificavão: sendo assim, que cada crime destes he intoleravel.

«Pelo que, seguindo-se o effeito pela nossa parte, começando, a Deos graças, o Trombeta ficou salvo, e a vosso serviço, e vos dou palavra de o mandar quando fôr tempo por minha cortezia, e vossa boa tenção; não pelo merecimento da causa, que já vai declarado para diante dos que da nossa arte mais entenderem.

«Do sangue, que se derramou de Francezes, e Portuguezes, Deos he testemunha; que não tenho eu a culpa, a quem a tiver elle dará a pena.

«Por tanto se os meus, que lá estão, enforcardes, mal fareis aos vossos, que cá tenho, que são nove com o Trombeta, e hum vosso Tambor, mas *il será, comme vous plairá.*

«Todos os mortos Francezes fiz enterrar como pude, não como merecem, se delles algum he necessario, ou os ossos pódem livremente vir por elle, sem nenhum interesse: a muitos salvei a vida, mas os Salvagens, que vem comigo, confesso, que são mais crueis, que os vossos, não para comerem carne humana, e assim he fabula, que faltou perna, nem braço a nenhum Francez, e isto sobre minha honra, antes a hum Soldado meu valeroso de casaca grisante, que morreu peleijando dentro já na cerca, os vossos Tapuias, ou Salvagens lhe cortárão hum braço,

e sem elle foi á terra; nem me maravilhei disso; porque sou velho, e ha muitos annos, que ando nestas coisas, e por derradeiro sei, que será o que Deos quizer.

«Dada no Forte Santa Maria no Rio Maranhão, a 21 de Novembro de 1614.—*Jeronymo d'Albuquerque.*»

«Andava fóra á caça, por tanto não mandei a resposta mais cedo: as cartas dos meus vi, fallão verdade; mas póde alguem enganar-se com ellas, torno-as a mandar, para que se vejão mais d'espaço.»

Esta Carta se mandou pôr em hum pau na praia com huma bandeira branca, porque o Indio, que trouxe a outra, não quiz tornar com a resposta; mas elles sem perder ponto, ao outro dia mandárão a que se segue, e ha-se de advertir, que as Cartas de que fallão atraz, fôrão as que os Soldados Portuguezes escrevião ao Reino nos navios, que os Francezes tomárão, em que cada hum conforme seu talento contava da Jornada, e significava as necessidades do estado presente; nas quaes, e na tomada dos navios o inimigo havia feito juizo certo das forças Portuguezas, e para que soubessem, que não ignorava nada do que convinhá, mandava as Cartas originaes; mas os Capitães Portuguezes não dando dellas a entender nada a pessoa alguma, por não lastimar, e escandalizar aos que com simplicidade as havião escrito, as tornárão ao inimigo, dizendo que fallavão verdade, mas que podia alguem enganar-se com ellas: e tornando á carta do Ravardiere dizia deste modo:

«Senhor d'Albuquerque.—Tenho visto pela tua a boa guerra, que tens feito aos meus Francezes, que eu governo, e assim estou mui alegre, e crê de mim hum natural, que jámais ficará vão de cortezia, e que assim tudo te pagarei em dobro, quando Deos me der a occasião.

«Peço-te, que me mandes os nomes dos meus, a quem tu salvaste a vida, e não creias, que se te

dará por isso hum só enojo, e assim me avisa, quando me dás tua palavra, e tua fé para que eu mande hum Fidalgo dos meus a vêr o corpo do meu lugar Tenente General, homem de Caza illustre, e se tu mo queres mandar buscar por alguem, eu te dou minha fé, e minha honra, que póde vir, e tornar seguramente; e assim se algum dos teus Padres quizer vir, eu lhe farei, que veja os nossos, e responderei de viva voz a todos os pontos da tua Carta á pessoa, que mandáres, ou a quem lá fôr sobre tua palavra, na qual me fio tanto, como tu te pódes fiar da minha, pois que ta dou como Christão verdadeiro, e servidor fiel do meu Rey, e teu amigo.

« Manda-me dizer, se me dás a palavra para ir lá o Capitão Malharte, que tu já viste em Paranambuco; e assim te rogo, que me faças escrever em Francez, ou em Hespanhol pelos teus, que tu tens, que sabem de tudo.

« Dada em 22 de Novembro 1614.—*Ravardière.* »

A esta Carta cortez, cheia de rogos se dispuzerão com parecer de todos a lhe mandar o Trombeta livremente, para que mais se desenganasse do animo, e das forças dos Portuguezes, e com o dito Trombeta foi a Carta seguinte:

« Mi Señor de la Ravardiere, más obligua a los Caballeros Portuguezes un termino cortes que la fuerça de las armas, y assi doy mi palabra, que de nuestra querella en fuera, que a todo lo que fuere de gusto, y servicio de Monsieur de la Ravardière de lo hacer mui a punto.

« Luego que recebi este segundo mensaje imbió dos Capitanes con dos Francezes, y el Trompeta a buscar el cuerpo de Monsieur de Pisiaus: y mal aya la fortuna, y desconfiança, que de mi se tuvo, que si ellos nó pelearen tan valerosamente, y dar se quisieran a mi persona, que se lo rogava tiniendo el impetu de los mios sobre mis armas, todos oj fueran bivos, ó a lomenos si el mismo dia de la baut-

lha y o tuviera aviso como se acostumbra en las occasiones, para enterrar los muertos, pudiera estar hecho lo que á la amistad y lealdade de los tales hombres se deve, y por vida de mis hijos, que yo los sepultara mui de otra manera.

« Pero como cosa sin noticia los hize enterrar como a los mios, a quien todo el bosque es mui honrada, y dichosa sepultura, e assy en lo de los muertos tengo hecho la devida diligencia.

« El Trompeta dirá como quedamos, yo diré que mejor le trataramos, se estuvieramos en nuestra patria: pero como somos hombres, que un punho de harina, y un pedaço de culebra, quando la ai nos sustenta, quien a esto nó se accomoda, siempre rehusará nuestra companhia.

« Con los demás prisioneros hago cierta diligencia conveniente, a quien ha de dar cuenta a su Rey, hecha que sea, se tratará de dar gusto a todos.

« Entretanto si pareciere conveniente puede venir a tierra un personaje Francez, de los de mas principales para que vaya un Caballero Portuguez de los mios a tratar de los más puntos en vox viva, como se me promette, advertiendo, que está la fee de Monsieur de la Ravardiere, y de Hieronymo d'Albuquerque de permedio, e que no avrá quien haga macula en ella.

« Fecha en el fuerte S. Maria en el rio Maranhon a 22 de Noviembre 1614.—*Hieronymo d'Albuquerque.*

« Los hombres de los Franceses, a quien salvé la vida por Dios, que a todos la salva, son:

Noé de la Motte.
Antonio Lancluro.
Martin Bartier.
Chretien Marixal.
Jean Pagier.
Pierre Laleman.
Abrahan (le fundítor).
Un tambor garçon. »

A esta Carta que com a pressa foi sem assinar, mandou o Francez o Trombeta logo com a que se segue:

« Meu Senhor d'Albuquerque.—A clemencia de aquelle grande Capitão d'Albuquerque, Vice-Rey da Magestade D. Manoel nas Indias Orientaes apparece em vós na cortezia, que fazeis aos Soldados Francezes méus, e a sepultura, que haveis dado aos meus mortos, entre os quaes tenho hum que amei em vida como a irmão, porque era bravo, e de boa caza: eu louvo a Deos com tudo esperando, que se tornarmos ás màos, tomará minha justa causa, e minhas coisas nas suas.

« Para responder á vossa Carta, como vier assinada, a mandarei communicar ao resto dos meus Capitães, e lida se vos dará a resposta, fiando-me inteiramente na vossa fé, e palavra, tanto que vier o vosso sinal posto assi, como vós vedes na minha: eu vo-la mando, e não digo por hora outra cóisa, senão que honrarei a caza, e o nome dos d'Albuquerques.

« Feita ante o forte Santa Maria a 23 de Novembro 1614 no Maranhão.—*Ravardière.* »

Mandou-se-lhe logo a carta assinada, e por estar indisposto o Capitão-Mór, respondeu o Sargento-Mór do Estado com duas regras, que continhão esperar-se o assento, que tomavão os Senhores Francezes.

Com a qual resposta se levantárão todos os navios de defronte do forte, e se fôrão á entrada da barra de Jaguarapim ou das Guajavás, adonde estiverão dois dias e meio, tratando do que lhes convinha.

Entretanto o Sargento-Mór do Estado tirou sua informação authentica dos prisioneiros, sendo perguntado cada hum por si, e achou que de presente os inimigos tinhão onze navios de alto bordo, em que entrava a não Regenta de 400 toneladas, e quatro fortes na Ilha com muita boa artilheria de bronze,

e ferro coado, e que tinhão muitas munições de guerra, e comida, e que dos Indios da outra Costa esperavão soccorro com copia de canoas, que sem dúvida virião com os Francezes, que lá andavão da banda do Pará, e de Cayetêe, e que se devião de achar inda com 300 homens de mar, e guerra.

Disserão tambem outras coisas ácerca da viagem até o Maranhão; e dos Capuchos, que chegavão a 20 Frades, os quaes começavão na Ilha hum Convento, e Seminario de importancia: de modo que com esta noticia, e com a miseria presente de fome, e falta de tudo, a que a victoria em modo algum per si só não dava remedio, e com a dúvida que tinhão de os barcos de aviso haverem passado a Paranambuco, em que de presente, depois do favor Divino, estava o bom successo, sem haver remedio de se mandar outro, nem por mar, nem por terra, nem á Sua Magestade, a quem tanto convinha dar-se conta, como o tinha mandado o Governador: todos estavão esperando se Deos lhes administrava algum bom meio, como já milagrosamente se havia começado a mostrar, e bom sabião todos, que se houvera embarcações depois do successo, com que os Portuguezes poderão communicar-se com os Indios da Ilha a despeito das guardas, e diligencias Francezas, que sempre dos Indios se presumia alguma novidade em favor dos Portuguezes; mas estava tudo tão cerrado com a ronda das lanchas, e assistencia dos navios, e persuasão dos *Lingoas*, e finalmente com a força dos presidios, que não era possivel nenhum honesto meio, que do mar dependesse; e bem sabião, que o espanto dos Indios era tal, que os que fugirão pela banda do Tapucurú rio, com a desordem, e medo se affogárão mais de duzentos ao passar do rio a huma Ilha, entre os quaes se affogou Caracantim de Cayeté, Principal dos longos cabellos, que havia vindo se offerecer elle, e a sua nação, assim chamados a vir contra os Portuguezes: e como a coisa foi tão bem açodada, os seus não

vierão, e elle ficou affogado: e outros houve, que não parárão menos que pelo rio Meari dentro mais de 200 legoas, tendo os Francezes, e a Ilha, e tudo por perdido, e com elles forão trez Francezes, porque já á sua sombra se havião escapado da batalha; mas tudo isto com o mar cerrado, tanto que nem se podia tomar hum caranguejo, nem huma jangada podia tomar hum peixe, era confusão, e miseria grande.

Pelo que faltava o gosto, que de razão se devia a tamanha victoria.

Passados dois dias e meio, tornárão os navios a surgir defronte de Santa Maria, e mandárão a terra o Trombeta com a Carta, que se segue:

« Senhor d'Albuquerque.—Tenho considerado os pontos principaes da vossa Carta, e conforme aos discursos, que vós tendes feito ao meu Trombeta, parece que tudo não attende mais que á paz.

« Por esta banda de cá, como os nossos Reys tem pela parte della com muita estreita liança, e como me fallárão em Suas Magestades, logo me resolvi com meus Capitães, que não he possivel terdes soccorro por mar.

« Todavia vos quero ouvir sobre o que me quereis propôr á cerca do de cima, e isto tanto de palavra, como por escrito por aquellas pessoas, que me mandardes, sejão quem forem, eu vos dou minha fé, e minha honra em penhor, que podem vir seguramente, e tornar quando quizerem; e se fôr servido o Senhor Diogo de Campos de vir, eu serei contentissimo, porque falla Francez, e nós havemos feito a guerra hum contra outro servindo nossos Reys, quando elle andava com o Principe de Parma, segundo me disserão.

« Eu lhe beijo as mãos com vossa licença, e o mesmo faço a vós ambos.

« Vosso servidor.—*Ravardière.* »

« Peço-vos que sempre me escrevais em Fran-

cez, ou bem Hespanhol, porque não podemos ás vezes achar de pressa o sentido de vossas cartas.

« Feita diante do forte Santa Maria, a 25 de Novembro de 1614. »

A esta Carta se respondeu a que se segue, para dar conclusão aos Parlamentos:

« Monsieur de la Ravardière.—Yo soy contento de vos embiar el Capitan Dieguo de Campos mi Compañero, y otro Capitan de Infantaria para tratar los puntos a que por hora no respondo confiando, que se los hará la cortesia, em tales casos acostumbrada; mas para que guardemos el estilo de la guerra, supuesto que de nuestra fé, y palabra mucho me fio, conviene, que vengan a tierra de vuestra parte un Caballero de S. Juan, que teneis, y el Capitan Mallarte, que deve conocerme, y con estos se tratará lo que conviene.

« El Capitan de Campos, y yo os besamos las manos muchas vezes: quanto á la siguridad de mi parte siempre la daré, y doi con los terminos devidos.

« Dada en el fuerte Santa Maria, en 25 de Noviembre de 1614.—*Hieronymo d'Albuquerque.* »

Logo que tiverão esta Carta ao outro dia, que forão 26 do dito, mandárão á terra ao Cavalleiro de Rasilly da Ordem de S. João, e ao Capitão Matheus Malharte, mui acompanhados até a lingoa d'agoa, donde em terra forão recebidos com a devida ceremonia e cortezia, sem entrarem no Forte, antes fazendo-se huma tenda perto do mar, no campo, forão alli servidos e festejados como o tempo deu lugar.

O Capitão e Sargento-Mór do Estado, Diogo de Campos, tanto que os deixou em poder do Capitão-Mór, tomando licença se foi á bordo da Capitania, levando comsigo ao Capitão Gregorio Fragozo d'Albuquerque; foi em chegando mui bem recebido de Monsieur de la Ravardière e Monsieur du Prat, e

de muitos Fidalgos, que com elles estavão com mostras de grande gosto, sem se tratar de cousa alguma do passado, mais que das damas, e saráos de França, quando foi tempo se apartárão o Sr de la Ravardière com o Sr. du Prat a tratar do porque se havião juntado, e antes de se discursar muito avante, disse o Sr. de la Ravardière:

« Que estava mui sentido dos seus, em sua absencia, porem a bandeira branca de paz na corôa, para fallarem, e depois fazerem máo trato, que juraria por vida de Sua Magestade, que se vivos forão, que os houvera de enforcar; mas que bem castigados estavão, pois erão mortos na batalha ás mãos dos Portuguezes, de sorte que nenhuma culpa era, bem que lhe imputasse a elle, da tal desordem. »

« Huma sempre traz outra, respondeu o de Campos, e assim não ha tão pouco, que maravilhar da tomada do Trombeta, nem do assalto subito; porque bem alto, e claro era o dia. »

« Passemos ávante, disse o Sr. du Prat, e tratemos do que convém.

« Estamos todos tão desejosos de vos servir por vosso valor, que já agora fazemos tudo o que á honra e vida de todos fôr mais conveniente: e parecendonos, que como gente apertada, e que carece do mar, podeis desejar a paz

« Vêde a fórma, e o como vos parecer pedi-la, que Monsieur de la Ravardiere está de animo de vos fazer todo o favor. »

O do Estado fez a todos hum comedimento grande, e disse:

« Em verdade, Senhor du Prat, que a minha vinda cá, não foi, nem he mais que por vos ver, e conhecer a todos pela affeição antiga, que tenho a esta Nação, e assim no que toca á paz, nem á guerra não posso dizer palavra, que se a Monsieur de la Ravardière, e vós, meus Senhores, tendes entendido, que está bem fallar nella: assim como fizestes a

guerra sem nos amoestardes, assim pedi a paz, sem nos metter em mais, que em ver se está bem aceitarmos as condições, que propozerdes, advertindo que somos gente, que não podemos nadar tanto mar como ha d'aqui a Hespanha.

« Pelo que, ainda que hoje tendes a barra, nós temos a terra, que pizamos, a qual sempre será de nossos corpos até que Sua Magestade d'El-Rey de Hespanha nosso Senhor, cujo tudo he, outra cousa ordene: e alem disto na guerra melhor ás vezes, que na paz se achão os remedios. »

A isto se rio muito o Sr. de la Ravardière, e abraçou o Sargento'Mór, dizendo:

« Vamos a comer, Companheiro. »

E com isto se chegárão á meza, donde não faltou de comer, e musica naval bem concertada, mostrando na autoridade e no trato hum vestigio honrado, em que se enxergava despeza mais que ordinaria.

Nisto se praticou hum pouco, e de como Sua Magestade El-Rey Catholico de Hespanha nosso Senhor pagava bem, e grandiosamente aos que o servião, maravilhando-se, que até o Tambor dos Portuguezes tivesse de praça dez cruzados cada mez.

Em discursos familiares, e de gosto foi passando parte do dia, até que ao tempo de despedir-se, tornou o Sr. du Prat a dizer:

« Ora sús, sobre nossos negocios como ficamos?

« Como mandar o Sr. de la Ravardière, respondeu o Sargento-Mór, e assim póde, sendo servido mandar hum Papel ámanhã com o Capitão Malharte, para que os nossos Capitães saibão o que passa, e vejão o que lhes parece, que todos façamos. »

Com isto despedindo-se com mil modos de cortezias, e signaes de amor, ao desamarrar do batel toda a Armada disparou a artilharia, com grande ruido de trombetas, e vozes a seu modo:

Neste mesmo tempo embarcados em terra os Capitães com semelhante estrondo, que fes o forte, se forão cada qual aos seus, e Jeronymo d'Albuquerque

ajuntando os Capitães, com a vinda do Sargento-Mór, se propôz a todos o que havia passado, para que estivessem advertidos para ao outro dia verem os Capitulos ou Artigos que os Francezes pedião, e se antes de se assentarem, ou firmarem pazes se tinhão elles autoridade para as fazer como gente Real, ou se como Piratas banidos de França?

Erão quiçá homens, com quem Deus, e as gentes tinhão roto todo o genero de tregoas, que com os taes mandava Sua Magestade, que se não uzasse clemencia, e que assim era bem, que todos com muito tento se houvessem nesta materia.

Acabado o dia ao outro, que forão 27, veio à terra o Capitão Matheus Malharte, e trouxe escripto os Capitulos, que se seguem em Francez da mão, e letra de Monsieur de la Ravardière, e disse:

« Que sendo conformes ao que convinha a todos, que o Sr. de la Ravardière os viria firmar e sellar a terra, e ver, e servir a todos, como bom e leal amigo; e que entretanto os ditos Capitulos ou Artigos se traduzissem na Lingua Castelhana, para que em huma, e outra Nação se entendessem de todos claramente » e dizião assim:

« Artigos acordados entre los Señores Daniel de la Tousche, Señor de la Ravardière, Lugar-Tiniente General en el Brazil por el Christianissimo Rey de Francia, y de Navarra, Agente de Misire Nicolas de Harlei, Señor de Sansi, del Consejo de Stado del dicho Señor Rey, y del Consejo Privado, Baron de Molé, y Grosbués, y por Misire Francisco de Rasilli, Señor de las Haumellas, e del dicho Lugar de Rasilli, entre ambos Lugar-Tinientes Generales por El-Rey Christianissimo en las tierras del Brazil con cincoenta leguas de Costa, con todos los meredianos en Illas incluesos, y Hieronymo d'Albuquerque, Capitan Maior por la Magestad Catholica del Rey D. Philippe d'España de la Jornada del Maranhon, y ansi del Capitan, y Sargento Maior de todo el Stado del

Brazil, Dieguo de Campos Moreno, Collega, y Collateral del dicho Capitan Maior por la Magestad del dicho Señor en esta Tierra.

Item. « Primeiramènte la paz se acordó entre ellos dichos Señores dende el dia de oy hasta en fin de Deziembre de mil y seiscientos y quinze, durante el qual tiempo cessarán entre ellos todos los actos de inimistades, que fueron, y han durado dende 26 de Otubre basta el dia de oy por falta de saber las intenciones los unos de los otros, y de nó se entender, donde se seguió gran perdida de la sangre Christiana de ambas partes, y grande desgusto entre los dichos Señores.

Item. « Se acuerda entre los dichos Señores, que embiaran a Sus Magestades Christianissima y Catholica dós hidalguos, cada uno para saber sus voluntades tocantes á quien deve de quedar en estas tierras del Marañon: a saber dós Cavalleros, uno Francez, otro Portuguez, iran à Francia, y otros dos Cavalleros de la misma suerte iran à Hespaña.

Item. « Durante el tiempo, que los dichos Cavalleros tardaran en bolver de Europa, y traer de Sus Magestades à este lugar el acuerdo, y orden de lo que se deve seguir, se advierte, que ningum Francez, ni Portuguez nó passará à la Isla del Marañon, ni Salvajes de los Indios, ni à la tierra firme de Leste, ni de una parte à otras sin Passaportes de los Señores nombrados arriba.

Item. « Los Señores d'Albuquerque, y de Campos prometten al Señor de la Ravardière de nó tratar alguna cosa con los Salvajes de la Isla, ni de Tapitaperá, ni Comat, la qual nó sêa tratada por las *Lenguas* del Señor de la Ravardière, ni los consentiran poder los piés en tierra à menos de diez leguas de sus fortalezas, di de sus puertos, sin la permission del dicho Señor.

Item. « Que tanto que las nuevas venieren de Sus Magestades para aquellos, que deven quedarse en la tierra, la nacion destinada à se partir se apres-

tará dentre de tres mezes para dexar al otro la tierra, y los Salvajes, que queiran quedarse dentro de la tierra, y haziendo-se todo con buena orden, amistad, y intelligencia, seguiendo la intencion de las allianças de Sus Magestades, à las quales los suso dichos se remetten enteramente por todo aquello, que pertence à esta Colonia del Marañon.

Item. « Se acuerda, que los prisioneros tomados tanto de una parte, como de otra quedem libres, assi los Christanos, como Salvajes, los quales se bolveran sin ninguna rançon; y si algunos dellos por algun tiempo queiran quedarse en la parte, que se hallan, les será permittido com licencia dellos suso dichos.

Item. « Todos los actos de inimistades passadas hasta el dia de oy quedaran olvidados, y extinctos, sin que los unos, ni los otros puedan ser buscados por ninguna via, que sea quedando cada uno dellos libre en el estado en que son.

Item. « De aqui en delante los dichos Señores, y sus gentes biviran en paz, y buena amistad, y concordia los unos con los otros, dandose poder por sus personas, y de sus criados solamente para poder ir, y venir à los fuertes de la Isla, y tierra firme todas las veces, y quando bien les pareciere.

Item. « Ninguno accidente en controversia de lo que arriba está assentado por estes Señores, será capaz de hazer romper ests dicho Tratado de paz, a causa de las grandes lianças, que oy tenemos, entre nuestros Reyes, y por el perjuyzio, que puede venir à sus Magestades alterandose tales amistades, y concordia; y si succiedere alguno caso entre los Christianos, y Salvajes de una, y otra parte; la otra Nacion offendida hará su queixa à su General para se lhe dar remedio, el qual promette sobre su fé, y honra de le dar satisfacion como el caso pedire.

Item. « En consideracion de lo que queda dicho, y por testimonio de la buena intelligencia, que dende esta hora avemos como Christianos, y Caballeros de

honra, el Señor de la Ravardière promette debaixo de su fé de dexar la mar libre á los Señores d'Albuquerque, y de Campos, y llevar sus navios para la Isla tantos aquellos, que estan delante el fuerte Santa Maria, como aquellos, que estan en la entrada desta baya, á fin que los dichos Señores d'Albuquerque, y de Campos puedan hazer venir todas suertes de vituallas para ellos, y sus gentes tantas, quantas les pareciere con toda seguridad, y se succediere, que les venga soccorro de gente de guerra, ó que nos venga a nos otros durando el tiempo de nuestra paz, los dichos Señores nombrados se obligan sobre sus honras, y fé, de que cada uno tendrá su gente en paz assi como esta acordado, sin alteracion alguna durante el dicho tiempo de la paz, y para esto se obligan de hazer guardar en todo, y por todo, y delante todo el mundo; y quanto à otras cosas de menos substancia los dichos Señores nó las especifican, porque se confian en sus palabras verbales, en las quales no faltaran ya más, como gente de honra, y para seguridade de todo lo arriba declarado, mandaron hazer esta, que todos tres los suso dichos Señores de la Ravardière, y d'Albuquerque, y de Campos firmaron, y sellaron con el Sello de sus armas.

« Hecha en la Armada de los Portuguezes, en el Río Marañon, em 27 de Noviembre de 1614.—*Ravardière, Hieronymo d'Albuquerque* Marañon, *o Capitão Diegno de Campos Moreno.* »

Mostrárão-se os Capitulos referidos antes de se firmar aos Capitães Portuguezes, e fez-se hum Auto, em que todos assignárão em como era bom, e serviço de Sua Magestade, visto não poderem continuar a guerra por mar, faltando os meios necessarios á Conquista por agua, em que tão superiores erão os inimigos, e quanto importava ter o mar livre para avisar a Sua Magestade sem dilatar tempo, na perda do qual estava a de todos; e assim ficarem ca-

pazes dos soccorros do Brazil entrarem seguros, dos quaes tinhão tão fraco conceito, que nunca passarião de ser barcos da Costa com só alguma farinha; e que esses conforme as promessas do Governador de os mandar cada mez, que já tardavão havia cinco mezes, e que realmente as pazes, que com tanta instancia dissimulada, o inimigo pretendia, devia ser para despedir a nao grande, a qual devia de lhes fazer grande despeza, e que se para isto erão, que isto mesmo parecia ser o que mais á occasião presente convinha; porquanto a não havia de levar a maior, e melhor parte de suas forças, e que nas que ficavão, já não se podia presumir mudança; e que assim tambem os mortos de tanta gente principal em huma só occasião de guerra, se em França se soubesse, que de força havia de esfriar os animos aos que quizessem vir buscar a vida, e que Sua Magestade poderia mandar com mais commodo o que fosse servido; pois o tempo se limitava pondo-se tudo em suas Reaes mãos; e que assim sem duvida por estas, e outras muitas, e mui urgentes necessidades era bem, que as tregoas se acordassem, e assim se formou hum escripto, para em virtude delle ao outro dia vir á terra o Sr. de la Ravardière para mostrar os Poderes e Patentes, que dizia ter do seu Rey de França; e assim tambem as Missões dos Padres Capuchos, que tinhão de Sua Santidade, ou do seu Geral, as quaes offerecião mostrar aos Padres Portuguezes, e para os obrigar, que tambem se lhe mostrarião as Ordens de Sua Magestade Catholica de Hespanha, nosso Senhor.

Com isto se tornou o Capitão Matheo Malharte á bordo, e na madrugada daquella noite houve fogos de alegria, e cargas de mosqueteria, que durárão muito em que pareceu, que se solemnizava a passada victoria.

Aos 28 do dito, segundo estava acordado, veio á terra o Sr. de la Ravardière, e o Sr. du Prat, e o Sr. de Petresi bem vestidos todos, e acompanha-

dos, e em sua companhia trazião ao Padre Commissario Frei Archangelo de Pembré com dous Religiosos da sua Ordem dos Capuchos tão venerados, e de taes mostras, que realmente parecião Santos, e como taes forão recebidos dos Religiosos Portuguezes, entre os quaes sobre a benção houve ceremonias, e entre os Capitães cortezias, em que forão até chegar a Infantaria, que bem concertada, e armada estava desde muito fóra do forte em duas alas, que chegavão até o lugar do alojamento, que estava feito aos Srs. Francezes de palmas e ramos, e assentos do campo; as bandeiras por se não abaterem, estavão pelos baluartes arvoradas: e entrando o Sr. de la Ravardière da porta do forte para dentro, se lhe fizerão com muita lealdade as honras militares, que a taes cargos se costumão até entrar no lugar, que lhe estava prevenido, em que sempre elle, e os demais tratárão com admiração do muito que havia trabalhado a gente da fortificação; e havendo descançado, e comido com mais musica, que manjares, porque os não havia, tratárão de assignar os Acórdos, e assim se mostrárão as Patentes, e se derão os traslados authenticos huns aos outros para mais firmeza do que á boa fé fazião; pois sempre a vontade, e honra dos Reys, e seu melhor entendimento ficava reservado, e elles todos sujeitos á ordem, que se lhes désse.

A Provisão, que se leu primeiro era do Christianissimo Rey de França, do theor seguinte:

« Luiz, pela graça de Deus, Rey de França e de Navarra, a todos aquelles, que as presentes letras virem, saude.

« Fazemos saber, que pelo aviso, que nos deu o nosso Christianissimo, e bem amado Primo o Sr. Dampuille, Almirante de França, e de Bretanha, das muitas Costas e partes situadas além da linha equinocial, que ainda não são habitadas de Christãos alguns, nem de povos civilisados ou doutrinados, e que to-

davia são bem temperadas e de muita fertilidade, as quaes se poderão povoar em pouco tempo, e trazer os naturaes dellas a receber o Christianismo e bons costumes, usando com elles toda a brandura ordinaria em nosso tratamento, assim como usamos com nossos sujeitos, e assim havendo tambem ouvido a advertencia sobre isto a nós feita por nosso carissimo, e bem amado Daniel de la Tousche Sr. de la Ravardière, o qual tendo por prática expressa, e navegação alcançado o conhecimento das ditas carreiras navegadas por elle, e juntamente pela digna relação a nós feita por nosso dito Primo de seus merecimentos e coraje, virtude, sufficiencia, experiencia, inteireza e predominação em o effeito das armas do mar, e boa diligencia além das provas singulares já por elle feitas de sua fidelidade e devoção; e além disto vista a Commissão do nosso dito Primo, segundo o poder que tem no dito cargo, e depois de ter sabido nossa intenção, e vontade sobre este caso, e que o tinha feito seu Vice-Almirante nas Costas e Terras, que podesse habitar:

« Confirmando nós a dita Nomeação havemos de nosso abundante, e pleno poder, força e authoridade Real dado ao dito Sr. de la Ravardière todo o poder, e permissão de poder armar, e provêr tal numero de navios de tal grandeza, e em taes de nossos portos, e tantas vezes quantas bem lhe parecer debaixo da licença particular do nosso dito Primo, e os poder fornecer de todas as sortes de pessoas de guerra, de mar e de mecanica, e outras cousas necessarias ao dito descobrimento, e estabelecimento de Colonias, como tambem de artilharia, polvora, armas e munições de comida, provisão e cousas necessarias fazendo seu caminho além da dita Linha em taes partes, quaes achará a seu commodo, e que julgará expedientes para o accrescimento da Christandade, e bem do nosso serviço:

« E asim fará naquellas, que não são ainda descobertas huma diligente reconhecença de todas as

suas avenidas ou barras, e praticará todos os lugares, e entradas donde houver alguns habitantes, buscando por todos os modos de brandura e bom tratamento de os reduzir, e chegar ao conhecimento de Deus debaixo da nossa autoridade, e não querendo, lhes poderá fazer toda instancia por todas as vias de armas, e de hospedage, para tudo reger e governar, conforme as Ordenanças de nossos Reinos: ou outros meios differentes, que servir possão para o commodo das pessoas e das cousas, e lugares, e essas poderão fazer e publicar em nosso Nome, e de nosso dito Primo, e guardar, observar e sustentar diligentemente, e assim punir, e castigar os contravenientes, ou lhes fazer perdão, como melhor lhe parecer bom e necessario, e para recompensar aquelles, que lhe haverão dado ajuda, ou que se haverão ajuntado com elle para effeito desta empreza, accrescentando-lhes a vontade de perseverar, e dar exemplo aos outros de o seguir, e de segundarem.

« Pelo que damos, e havemos desde a presente dado ao dito Sr. de la Ravardière todo o poder para lhes dar, e repartir todas as Costas que poderá conquistar cincoenta leguas de huma e de outra parte, de seu primeiro forte e morada, e tanto avante nas ditas terras quanto poder reduzir debaixo de nossa obediencia, em que fará as repartições, dons e bemfeitorias, que poderão gozar, e gozarão elles, e seus descendentes para sempre em todos os direitos e propriedades, a saber, aos Fidalgos, e gentes de merecimento as dará em Senhoria, e Feudo, e em todos os titulos, e dignidades a condição, e cargo conveniente á nossa honra, e serviço conforme suas obrigações, para a defensa das ditas terras debaixo de nossa authoridade; e aos trabalhadores em tal obrigação annaes, que elle os avisará; como tornando assim das ditas viagens por elle serão partidos todos os ganhos, e proveitos por aquelles, que o haverão, assistindo a cada hum segundo seu dever, qualidade, e merecimentos, e nas avenças já dias se reservárão:

« *Primeiramente* nossos direitos, e os do noseo dito Primo, e os outros devidos, e costumados; e reconhecendo além disto que no effeito suso dito poderão occorrer diversas occasiões de passar Cartas, Convenções, Artigos, Acórdos, Titulos, e Provisões, nós havemos validas, e confirmadas, validamos, e confirmamos todas as que serão feitas, e passadas debaixo do Signal e Sello do dito Sr. de la Ravardière, e des de agora considerando, e provendo os diversos, e não esperados acontecimentos, que podem acontecer em mar, e em terra na expedição do tal desenho, nós lhe damos todo o poder de se ajuntar, ou metter com outros, seja por Companhia, commissão, ou por tenencia com igual poder, que aquelle por nós a elle outorgado, ou da parte delle, que quererá igualmente dar, ordenar, e dispôr em todas as cousas suso ditas, e suas circumstancias, e dependencias, tudo aquillo fazendo, que nós fariamos, ou fazer poderiamos se presente em pessoa nós estivessemos, e como nosso Lugar-Tenente-General em absencia de nosso dito Primo em todas as ditas Costas da distancia de 50 leguas de huma, e outra parte do seu primeiro assento, tanto avante nas terras quanto habitar possão, como o havemos nesta hora feito, ordenado, e estabelecido, fazemos, ordenamos, e estabelecemos por esta presente, seja, que o caso requeira mandamento mais especial, e particular, ratificando e approvando desde a presente tudo o que pelo nosso Lugar-Tenente suso dito, ou seus ditos Lugar-Tenentes, ou acompanhados será feito, tratado, e negociado para esta boa, e santa execução, com obrigação de bem, e devidamente observar por elle, e fazer observar pelos seus nossos Edictos e Ordenanças; e se alguns lhe quizerem pôr impedimentos atravessando-se no effeito desta presente, nós retemos, e reservamos, e havemos retido, e reservado toda esta jurisdicção, e o conhecimento della para o nosso Conselho de Estado privativamente; e a todos os outros nossos Juizes, e Officiaes fazemos toda

a interdicção, e defensa, como da mesma maneira a todos os nossos sujeitos desta hora em diante; mandamos, que sem a vista, e sabedoria, e vontade do dito Senhor, e dos seus não possão fazer alguma viagem, trafego, ou commercio, negociação na quantidade de terras, que por elle serão escolhidas, e povoadas sob pena de confiscação dos navios, e mercadorias dos que contravierem depois da publicação de nossa dita defensa feita:

« E assim damos, e mandamos a todos os nossos Lugar-Tenentes, Mestres, Guardas nos Portos, e obras, e a todas outras nossas Justiças, e Officiaes, e sujeitos, a quem pertencer, que ao dito Sr. de la Ravardière (do qual temos tomado o Juramento para isto devido, e costumado) fação, soffrão, e deixem na dita qualidade de nosso dito Lugar-Tenente-General em absencia do nosso dito Primo o Sr. Dampuilla, deixando-o gozar, e uzar plenariamente, e aprazivelmente do pleno, e inteiro effeito destas ditas presentes, dando-lhe nisto todo o favor, e ajuda; cessando, e fazendo cessar todos os rumores, e impedimentos ao contrario; porque tal he nosso gosto; e porque das presentes poderá ter necessidade em muitos, e diversos lugares, queremos, que ao *vidimus* desta, feita por hum de nóssos amados Officiaes, Conselheiros e Secretarios, ou por Notario Publico, lhe seja dada toda a fé como ao presente Original.

« Dada em Pariz, ao primeiro dia de Outubro, anno de graça de 1610, e de nosso Reino o primeiro, assim firmado.—*Luiz.* »

E sobre a outra parte, pelo Rey, a Rainha Regente, sua Mãi, presente *de Lomenia;* e sellada em cêra amarella do Sello grande, dobrada a ponta.

Traduzido do Francez, e assignado *Ravardière*, e o Secretario *Beauvallon.*

Esta Provisão do Christianissimo Rey de França, e outra do Sr. Dampuilla Charles de Momeransi, do mesmo theor, com todas as forças, que em seu car-

go passar a podia a hum seu Tenente-General, que por escusar leitura aqui se não apresenta; deu, e presentou o Sr. de la Ravardière aos Capitães Portuguezes, e o Rev. Padre Capucho Frei Archangelo de Pembroc, Commissario da dita Provincia do Brazil, apresentou a sua Patente aos Padres Portuguezes Frei Cosme de S. Damião, e Frei Manoel da Piedade, ácerca da Commissão que tinha do Revm. Padre Geral da dita Ordem, Frei Honorato Parisino, na qual com todos seus Poderes fazia Commissario da Provincia do Brazil ao dito Frei Archangelo: a qual Patente foi trasladada de Latim bem, e fielmente pelos ditos Padres Portuguezes, os quaes no pé do Traslado dizem assim:

« Os abaixo assignados certificamos, e damos fé pelo caracter de nossas Ordens, que o acima escripto he o traslado *ad litteram*, de huma Patente escripta em pergaminho com Sello ao pé, a qual pelo Rev. Padre Frei Archangelo de Pembroc nos foi apresentada.

« Maranhão, em 28 de Dezembro de 1614. »

Juntamente presentárão os ditos Padres outra em Francez, que traduzida bem, e fielmente pelo Sargento-Mór do Estado, dizia assim:

« Luiz, por graça de Deus Rey de França, e de Navarra, a todos nossos Lugar Tenentes-Generaes, Governadores de nossas Provincias e Cidades, Thesoureiros Geraes de França, Mestres de nossos Portos, Officiaes de nossos Tratos, e Fóros, Bailios, Ouvidores, Justiças, Juizes, ou seus Lugar-Tenentes, Capitães e Governadores, e Conductores de nossa gente de guerra, Presidentes de Camaras, e Conselheiros, Guardas de Portos, Pontes, Praias, Passagens e districtos, e outros nossos Officiaes de Justiça, sujeitos á nossa Jurisdicção, a quem pertença, e a quem estas presentes serão mostradas, saude.

« Mandamos de presente á *Nova França* doze Frades Capuchos, para nella instituirem a Santa Religião Christão Catholica e Apostolica Romana:

« E assim queremos, e mandamos, que os ditos Capuchinhos levem hum baúl de livros, dous bauis de calices, Casulas e Paramentos, e cousas de moveis da Igreja; e assim mais outro baúl de livros, e cousas de refresco para sua embarcação; e mais huma grande caixa de estamenhas, e de lenço para se vestirem os Religiosos; e mais huma caixa de papel, e de candeias de cêra, e de bugias para o serviço da Missa; mais outra caixa de cousas de refresco, e outras necessarias; trez caixas de arcabuzes e mosquetes; e huma pipa de bandulcíras, digo huma caixa, e assim huma caixa de espelhos, e huma caixa para o Capitão que os leva a cargo, dentro da qual vão seus vestidos; e outra caixa para o seu Tenente do mesmo modo: mais outra caixa para o seu Alferes, na qual vão seus vestidos: quatro ou cinco caixas para os Soldados, em que vai o seu fato; tres caixas para os Indios, e oito almudes de vinagre: e assim vos mando, que os deixeis livre, e francamente passar cada hum em vossas jurisdicções sem lhes dardes oppressão, nem impedimento, antes lhes dareis toda ajuda, e favor, e assistencia, que necessaria lhes fôr, que tal he nossa vontade: e requeremos a todos os Reys, Principes, Republicas, Potentados por donde passarem os ditos doze Padres Capuchinhos, ou em terras, e parte de nossa obediencia, que todos lhes fação favor; e lhes dêm ajuda, e lhes dêm todo o tratamento, que nós fariamos a seus sujeitos, se para isto fossemos requeridos.

« Dada em Pariz, em o 1.º de Fevereiro, o anno de graça 1614, e de nosso Reino o anno 4, assignada *Luiz*, por El-Rey, a Rainha Regente, sua Mãi, presente *Brubarte*, Secretario. »

Vistas estas Provisões, com a mesma lhanheza os dous Capitães Portuguezes mostrárão tambem as que de Sua Magestade Catholica tinhão, e do seu Governador, em seu Real Nome, e antes Jeronymo de Albuquerque quiz que vissem do dito Senhor a Carta

seguinte, para que se desenganassem do cabedal, e das veras, com que se tomava, e havia de tomar aquella empreza, de que sómente elles representavão a vanguarda:

« Gaspar de Souza, Governador do Estado do Brazil, amigo.

« Eu El-Rey vos envio muito saudar.

« Vi o que me enviastes representar em vossos apontamentos sobre as despezas, e cousas necessarias para o bom proseguimento da Conquista do Maranhão, que vos tenho encarregada:

« Hei por bem, que façais a despeza da dita Conquista do dinheiro mais propinquo, que houver nesse Estado, que pertença á minha Fazenda, começando pelo que sobejar da renda dos Dizimos delle, depois de pagar as ordinarias, e ordenados, fazendo hum Feitor, e Escrivão para esta materia, para que em livro separado se faça de tudo Receita e Despeza.

« E que sendo forçado para esta occasião valer-des-vos de algum dinheiro, o possais haver por emprestimo de pessoas particulares, que o quirão fazer por me servir, ou do das imposições, que os moradores pozerão sobre si para o feito de suas fortificações, e Igrejas, procurando primeiro have-lo dos particulares, e da imposição, consignando-lhes a huns, e outros os pagamentos em cousa certa, e precisa, sem que possa haver duvida em o haverem, o que particularmente ficará á vossa conta, e vos hei nisso por encarregada a consciencia; e tereis advertencia, que os emprestimos, que se fizerem hão de ser voluntarios, e sem haver nelles constrangimento algum.

« E quanto ao que apontamos, que por esta Jornada ser de tal importancia, e eu vo-la mandar encarregar a pessoa de confiança, como deve ser, e da mesma maneira os mais Capitães, Ministros e Officiaes adjunctos lhes devia mandar limitar Ordenado para haverem de vencer necessariamente não os havendo taes, que elles só por me servir o fizes-

sem, hei por bem de vos commetter tudo isto com declaração, que aos Capitães, e mais Officiaes de Milicia não dareis mais que o que eu tiver ordenado para os mais desse Estado, e que o mesmo façais nos Officiaes, em que nelle houverem exemplos, e que logo em fazendo a tal nomeação, e declaração de ordenados, me deis de tudo conta.

« E assim houve por bem de mandar passar Provisão na fórma, que lembrastes, a qual com esta se vos enviará; porque mando significueis, que me haverei por bem servido de todos os que forem na dita Jornada para lhes fazer as Mercês e Honras, que conforme a seus serviços e qualidades merecerem.

« E ao Sargento-Mór Diogo de Campos Moreno tenho mandado ordenar, que se embarque para ir servir seu cargo na mesma Jornada com os Ordenados, que tinha, e que acabada ella lhe mandarei fazer as Mercês, que merecer por esse, e os mais serviços, que me tiver feito.

« Escripta em Lisboa, a 8 de Novembro 1612. —*Rey.*

« O Conde Almirante *Presidente.*

« Para Gaspar de Souza, Governador do Estado do Brazil.

« Por El-Rey.

« A Gaspar de Souza, do seu Conselho, seu Gentil-Homem da boca, Governador e Capitão Geral do Estado do Brazil. *Segunda via.* »

Depois desta Carta se lhe mostrou a Patente do dito Capitão Jeronymo de Albuquerque, do theor seguinte:

« Gaspar de Souza, do Conselho de Sua Magestade, seu Gentil-Homem da boca, Governador e Capitão Geral do Estado do Brazil, etc.

« Faço saber aos que esta virem, que o dito Senhor me manda por sua Instrucção, e Carta de 9 de Outubro de 612, que está registrada nos livros da Fazenda desta Capitania de Paranambuco pelas cou-

sas de seu serviço, que nella representa, trate com muita diligencia em chegando a este dito Estado, da Conquista, e terras do Rio Maranhão, para o que me commette poder eleger a pessoa, que a mim pareça, a qual na dita Conquista faça o Officio de Capitão della e a tenha a seu cargo; e considerando a disposição das cousas, e como não convinha deixar perder o tempo sem trabalho, logo na dita Conquista na conformidade, que me Sua Magestade manda

« Passei Provisão em 29 de Maio do anno passado de 613, a Jeronymo d'Albuquerque, Fidalgo da Caza do dito Senhor, para ser Capitão da dita Conquista, e Descobrimento, com que até agora desde o dito tempo foi continuado, e levando gente ao Rio Camusi, e Jaguaribe, fazendo pazes com o Gentio da Serra de Buapava, e tudo mais, que da minha parte lhe foi encarregado para melhor disposição, e effeito da Jornada: e porque hora vai o dito Jeronymo d'Albuquerque com a gente, e prevenções possiveis conforme ao tempo, e estado presente das cousas, para com o favor Divino proseguir a dita Conquista com todo o calor em fórma, que se consiga até se pôr sobre o dito Rio Maranhão, segundo leva por meu Regimento: me pareceu lhe devia mandar passar nova Provisão, como em effeito mandei passar a presente; pela qual em nome de Sua Magestade, e em virtude do Poder, que para isso me concede, como acima se declara, hei por bem, e seu serviço, que o dito Jeronymo d'Albuquerque pela confiança, que delle tenho, e ser experimentado nas guerras deste Estado, e a satisfação, que tem de sua pessoa os Indios delle, que he de grande importancia para o bom effeito, que se pretende, sirva de Capitão da Conquista, e de seu descobrimento das ditas terras, e Rio do Maranhão, uzando de todos os Poderes, que ao dito cargo são concedidos, e assim dos que se declarão do dito Regimento, que lhe mandei dar, não excedendo cousa alguma delles:

« E mando a todas as pessoas de qualquer qua-

lidade e condição, cargo e preeminencia, que sejão, Officiaes, Soldados, e Ministros assim da Guerra, como da Fazenda da dita Conquista, que durante ella conheçáo, e hajão o dito Jeronymo d'Albuquerque por seu Capitão na maneira sobredita, e lhe obedeção, e guardem suas ordens, e mandados com a observancia devida, por assim cumprir ao serviço de Sua Magestade; com o qual Cargo haverá o dito Capitão de seu Ordenado em cada hum anno 200$, a metade em dinheiro, a metade em fazendas pagas no Almoxarifado da dita Conquista, os quaes começará a vencer do primeiro de Maio proximo passado; e me fará outro si o dito Jeronymo d'Albuquerque, preito, e menagem em Nome de Sua Magestade, segundo o uzo deste Reino de Portugal pela Capitania, e Descobrimento da dita Conquista, e terras della: de que hora o encarrego, de que se fará assento nas costas desta, a qual se registrará nos Livros da Fazenda desta Capitania, e da dita Conquista.

« Dada nesta Villa de Olinda, Capitania de Pernambuco, em 17 de Junho. Francisco Fragozo, meu Secretario, a fez em 1614 annos.—O Governador, *Gaspar de Souza.* »

A Provisão do Capitão, e Sargento-Mór do Estado dizia desta sorte:

« Eu El-Rey, Faço saber aos que este Alvará virem, que por eu ter mandado tratar da Conquista das Terras, e Rio do Maranhão no Estado do Brazil, e confiar de Diogo de Campos, Sargento-Mór delle, que hora serve, e está neste Reino, aonde veio por minha licença, que me servirá na dita Conquista como se deve esperar da muita experiencia, que tem daquellas partes, e pelas de sua pessoa, hei por bem, e me praz, que torne a ellas a me servir na dita Conquista do Maranhão, no dito cargo de Sargento-Mór, o que nella sómente uze, e execute todas as Prerogativas, e Preeminencias do dito Cargo, e emquanto durar a dita Conquista, e depois de acabada,

emquanto eu não mandar o contrario, tenha e haja de ordenado com o dito Cargo 300$ em cada hum anno, entrando nessa quantia o que até agora tinha com o mesmo Cargo, e os começará a vencer no dia que partir desta cidade de Lisboa em diante, o que justificará no Brazil pelos Officiáes, e Pessoas do navio em que fôr elle, e serão pagos no mesmo Estado do Brazil, por virtude deste sómente, sem para isso ser necessario outra Provisão minha, ou Carta, e nas porque até agora se lhes pagava o Ordenado, que lhe estava taxado, e em seus Registros se porão Verbas, de como por ellas não ha de haver pagamento algum, de que se fará declaração nas costas deste.

« Notifico-o assim, etc. Manoel do Rego a fez em Lisboa a 19 de Dezembro de 1615—O Secretario Antonio Villes de Simas a fez escrever.—*Rey.* »

« Gaspar de Souza, do Conselho de Sua Magestade, seu Gentil-Homem da boca, Governador e Capitão Geral deste Estado do Brazil, que por especial ordem, e mandado do dito Senhor mando fazer a Jornada, e Conquista do Maranhão, etc.

« Faço saber, que Sua Magestade manda hora a Diogo de Campos Moreno, Sargento-Mór do dito Estado para que na dita Conquista faça, e execute o dito officio com todas as Preeminencias delle: e pela confiança que tenho da pessoa do dito Diogo de Campos Moreno, e sua sufficiencia, e partes; e assim por alguns respeitos, que a isso me movem, entendendo ficar Sua Magestade melhor servido, hei por bem que exercitando elle o dito Officio de Sargento-Mór na fórma sobredita, vá juntamente por Adjunto, e Collateral de Jeronymo d'Albuquerque, Capitão que he da dita Conquista com igual voto nas cousas com declaração, que as Ordens, e Resoluções se publicarão em nome do dito Jeronymo d'Albuquerque, como Capitão que he da dita Conquista: e estando encontrados nos pareceres, se porão os negocios em Conselho, seguindo-se os mais votos, e

estando iguaes, se seguirá a parte, onde o dito Jeronymo d'Albuquerque acostar.

« Notifico-o assim ao Capitão, Officiaes, e Soldados da dita Conquista, e lhes mando, que guardem esta minha Provisão, como se nella contém, e ao dito Diogo de Campos dei juramento, que bem, e verdadeiramente servirá o dito Cargo, fazendo, e aconselhando sem respeitos tudo o que entender ser mais serviço de Sua Magestade, e bem da dita Conquista.

« Dada em Olinda, sob meu signal e sello de minhas armas, em 30 de Julho. Francisco Fragozo, meu Secretario, a fez de 1614. — O Governador, *Gaspar de Souza.* »

« Fica registrada no Livro dos Registros desta Conquista a fls. 45, por mim Luiz Moniz, Escrivão da Fazenda de Sua Magestade da dita Conquista.— *Luiz Moniz.* »

Da vista destes Papeis entendeu o Sr. de la Ravardière as veras, com que Sua Magestade tomava as cousas do Maranhão; e como o dito Senhor premiava as Pessoas, que nella o servião, e como estava fundado o dinheiro da despeza em parte, que não podia faltar; e fallando muito nestas cousas se foi para as suas embarcações, sendo de todo o presidio acompanhado até os bateis, que ao despedir forão festejados com Salvas Militares.

Ao outro dia, que forão 29, com toda a sua Armada se fez á vela, salvando primeiro a Capitania, e logo todos os demais navios ao forte Santa Maria, do qual tambem lhes fizerão a devida resposta: e assim se desoccupou o mar, e a terra, e os Francezes se recolhêrão na Ilha, e nos seus fortes, e os Portuguezes entendêrão em fazer a sua Igreja, e cazas do alojamento, e os Indios fóra do Forte, tomando sitio conveniente, se alargárão fazendo suas Aldéas, e roçando para mantimento, e começárão huns, e outros a sahir buscar de comer; e finalmente as gentes até então opprimidas louvárão a Deos de Mizericordia com Procissão solemne, todos com as armas

na mão, que bem podesse a devoção militar parecer em toda a parte!

O altar da nova Igreja de Nossa Senhora d'Ajuda se guarneceu de hum frontal, e cazula, que mandou aos Padres Portuguezes o Padre Fr. Archangelo, certificando ser lavrado o dito ornamento pelas mãos da Duqueza de Guisa.

Era todo broslado, e lavrado de seda de côres sobre branco, fazendo cruzes de Jerusalém, contrapostas todas de fructas, e rosas, e ramos.

Obra bem vistosa, e curiosa, e mais de estimar por vir donde vinha.

Juntamente mandou o dito Padre com o ornamento trez Retabolos pequenos de excellente illuminação, guarnecidos de setim carmezim, tudo broslado descarchado de ouro fino, portas e pavimento.

D'alli a dous dias mandou o Sr. de la Ravardière ao Capitão Mattheu Malharte, com o seu Cirurgião, e mezinhas para curar os feridos, que se perdião á falta de remedio; e assim mais mandou avisar aos Capitães Portuguezes, que era tempo de se embarcar a Pessoa, que havia de ir a França, porque se partia a náo *Regente;* e assim os que se havião de ir a Portugal, que se fizessem prestes: tambem mandou advertir, que todos os Indios da Ilha andavão desejosos de fugir á terra firme, porque havia passado a palavra entre elles, que os concertos dos brancos erão para os captivarem a todos, e partirem entre si para os venderem, como havia feito Pedro Coelho na Serra de Buapava, quando teve a guerra com o *Mel Redondo*, e fez a paz com os Francezes, que alli se achárão; e que para aquietar esta novella, pedia ao Sargento-Mór do Estado, que passasse á outra banda, e levasse ao Padre Fr. Manoel comsigo para fallar aos Indios, e para que vissem, que os Acórdos erão firmes, e por outros respeitos de maior consideração feitos.

Neste tempo com toda a diligencia estavão acabando de aprestar hum Caravelão os Portuguezes,

para mandar a Pernambuco com trez Avisos ao Governador Gaspar de Souza, para que com as novas da victoria recuperasse a falta de gosto, que havia de ter de não saber da gente, e da Jornada, e para que mandasse com melhor aviso, e animo o conveniente soccorro.

Elegeo-se para essa ida o Capitão Manoel de Souza d'Eça, para que como testemunha de vista désse conta do que passava.

Tambem o Capitão Francisco de Frias havendo acabado com a obrigação do forte, que desenhado, e em defensa deixava, se embarcou para dar conta ao Governador destes, e de outros particulares, que todos realmente se podião fiar de sua pessoa: emfim sendo prestes tudo o que convinha á partida desta embarcação, o Sargento-Mór do Estado, e o Padre Fr. Manoel Tavares se partirão para a Ilha, e o Ajudante Simão Nunes Corrêa, e entrárão nella a 3 de Dezembro, pela banda do forte de Itampari, que está Leste-Oeste com o forte Santa-Maria: nesta parte estava o *Lingoa-Mór* dos Indios, Francez, por nome *Hibacon*, pelo qual forão agazalhados os hospedes aquella noite, que com parte do dia se gastou em fazer o Padre Fr. Manoel da Piedade fallar aos Indios em seus ajustamentos, e assim forão até o forte S. Luiz, que são nove leguas deste Posto, sempre por Aldêas de Indios tão povoadas, que a cada passo havia milhares delles daquella Costa Tupinambás; e em cada Aldêa assistia hum Francez Nobre com quatro, e seis Soldados, como por salvaguardas dos Indios, ou seus Encommendarios; e estes tinhão obrigação de se ajuntarem, havendo rebate, com todos Principaes, e Frecheiros da sua Aldêa; e elles com suas armas no forte S. Luiz, ou donde se lhes assignalava a praça d'armas.

Passadas estas Aldêas, navegarão por hum braço d'agoa salgada em huma chalupa até chegarem ao dito Forte de S. Luiz, donde forão recebidos dos Srs. Francezes com toda a demonstração de alegria, e

honra, que foi possivel fazer-se; estando toda a gente, até fóra da ponte levadiça do dito Forte, com as armas na mão até á porta da caza do Sr. de la Ravardière, donde com apparato estava adereçado o aposento do Sargento-Mór do Estado, ao qual por mostrar o Sr. de la Ravardière, que não ficava atraz nos modos de cortezia, mandou, em Nome de Sua Magestade d'El-Rey Catholico de Hespanha, cuja Pessoa em aquelle acto o dito Diogo de Campos representava, e como a tal se recebia, e honrava naquelle Forte, que nelle désse a Ordem, e o Nome, porque se não havia de dar outro.

Sobre isto houve muitas escusas justas, e cortezes; porém dellas passando a porfias, foi forçoso obedecer o Sargento-Mór, por ser cousa mandada em Nome do seu Rey, e Senhor, e dedicada em sua absencia a seu Réal Culto: e assim deu por Nome *D. Felippe.*

Com isto se forão ao aposento do Sr. de la Ravardière, donde não faltárão globos, livros, e planisferios, quadrantes, e muitas armas, com que parecia estar naquelle deserto gente de valor, e de sciencia.

Ao outro dia se foi o dito Capitão Sargento-Mor a ver o novo Convento dos Capuchos, e nelle ao Rev. Padre Archangelo, e seus Companheiros; o qual depois de dizer Missa, lhe mostrou o sitio do seu Mosteiro, refectorio, e cellas, e huma fonte d'agoa viva, que tinhão descoberto, a qual antes de sua vinda não tinha aquelle sitio; e assim mais lhe mostrárão o Seminario dos Moços Francezes, e Indios da terra, donde se aprendião as lingoas huns dos outros, para o qual disserão que o Cardeal de la Joyeuse tinha offerecido huma grande cópia de dinheiro, e a Rainha Regente huma grande ajuda: assim mais lhe mostrárão ao dito Sargento-Mór grande cópia de ornamentos, calices, e cousas de Igreja, das quaes o segurou o dito Padre Archangelo, que tinha mais de 20.000 cruzados alli, e em Pariz em cofres, que

estavão para vir, quando se ordenasse a volta destas cousas.

Tratou o dito Padre largamente da grande diligencia, que elle, e os mais Religiosos fizerão para que os Francezes não fossem a fazer guerra aos Portuguezes á outra parte, e que elle em pessoa estivera em Itamparí trez dias para estorvar a Jornada; mas que não podendo mais, se tornára para o seu Convento tão desconsolado, que logo dissera aos seus Religiosos:

« A nossa gente virá ao que entendo com a cabeça rota, pois commettem a quem os não busca, e não tomão o meu conselho. »

Pelo que depois do successo ficou tão desconsolado com a morte de tantos Nobres, em particular a de Monsieur de Pisiaus, Catholico, e de grande Caza, e grandes esperanças, que realmente não via já a hora, em que deixar tal terra, donde todos vierão enganados a estar debaixo da mão de hum Hereje, que ainda que era bom Companheiro, e governava com quietação, que todavia era mal soante, e como tal estava ordenado, que Ravardière se fosse a França, e em seu lugar ficasse o dito defunto de Pisiaus, porém que já Deos mostrava haver-se servido de outra cousa.

Pelo que, e pelas cousas, que tinha visto, se partiria sem falta com o Sr. du Prat a dar conta a Rainha Regente, que particularmente lhe tinha mandado, que o fizesse, e dado prendas de devoção, que tinha áquelle habito, e de como de outrem não faria o crédito daquellas materias: e assim determinava levar todos os seus Frades, dos quaes deixaria sómente dous para remedio daquelles Catholicos, que alli ficavão, e de mais de 20.000 almas de Indios, que havião feito Christãos; porém que seria com tal condição, que vindo ordem para se os Francezes retirarem, que os Padres Portuguezes tomassem a cargo o favorece-los, tendo-os conventualmente comsigo até lhes mandarem á França, porque a isto não

ser, que os não deixaria; porque no tocante a outros proveitos, mais que os das almas, elle não havia visto entre os seus cousa de substancia, mais que andarem todos embaraçados em trabalhos, e esperanças, as quaes mal se lograrião havendo de haver guerra.

Nisto entrou o Senhor de la Ravardière, com o qual, mudando-se a pratica, se forão para o Forte, donde acabada a comida vierão muitos Principaes da Ilha Tupinambás, vestidos de roupas Francezas azues de panno fino coalhado de flammas de veludo, folha morta broslada de troçaes de seda, e nos vazios Cruzes do mesmo veludo, como as do monteza, e entre elles vinhão dois Indios vestidos á Franceza de calções, e casacas curtas de veludo carmesim, guarnecidas de passamanes de ouro fino, e gibões de tela de ouro fino, leonado, e suas espadas douradas, e dargas com talabartes de veludo carmezim lavrados de ouro, sapatos, meias de seda, e ligas com ouro, e tudo o demais nesta conformidade, até chapeos de castôr com muitas plumas brancas, e bandas de Paris de resplandôr de prata lavradas, e Cruzes de ouro fino ao pescoço como homens do habito de S. Luiz.

Trasião comsigo suas mulheres moças, Francezas brancas vestidas de Damas com taes cotas, vestidos, e adereços, que tudo era seda, guarnições, e ouro, em que se manifestava a tenção, com que estas despezas ditas erão feitas: e assim depois de fazerem seus comedimentos, disse o Senhor de la Ravardière ao Sargento-Mór:

«Estes dois Indios, e outro que falleceu Tupinambás são desta Ilha, os quaes Monsieur de Rasilli, meu companheiro, levou a França, e os apresentou a Suas Magestades da Rainha Regente e d'El-Rei Luiz, meu Senhor, os quaes lhe fizerão tantas mercês, e honras, que vos não saberei dizer o número dellas: sómente digo, que custarão mais de dez mil cruzados os favores, vestidos, Baptismo, ca-

samentos, até os fazerem Cavalheiros, dando-lhes habitos da nova Ordem de S. Luiz, que agora instituio este Rey; os demais Indios das roupas azues, são Principaes desta Ilha, a saber, o *Brazil*, e o *Xapiasú*, homens, que para Indios acho de grande entendimento; e assim elles como os demais vos vem ver como a homens, que nos feitos lhes haveis parecido serpentes, e assim ainda hoje se não asseguraõ, e temem de vós. »

« Esse temor he mui de atraz, respondeo o do Estado; porque tem já tantas vezes fugido de nossas armas, que hoje não pódem buscar mais desengano, que na Buapava hontem, e na Praiva, e no Rio Grande, donde os levava a sua ignorancia, e a malicia dos que os acaudilhavão, dos quaes todos tem seu castigo como o *Mingão*, que havendo quatorze vezes escapado das mãos dos Portuguezes, veio a morrer na batalha de Guaxinduba; porem agora somos, e seremos seus amigos, se forem bons, e fizerem o que devem, porque tempo de captivar, e vender Indios he já passado, e Sua Magestade d'El-Rey Catholico nosso Senhor, em tempo, e a instancia do Governador Geral D. Diogo de Menezes, passou huma Lei o anno de 610, que nenhum Indio do Brazil fosse captivo, antes mandou, que os usurpados fossem postos em sua liberdade, e levados as suas terras á despeza de sua Real Fazenda; e isto se fez por amor da desordem, que succedeu com estes, de que tratamos na Buapava. »

Acabada esta pratica, que os Lingoas declaravão aos Indios, se fôrão ver o sitio da Ilha, e o porto, artilharia, e navios, e Aldêa dos *Pedras-Verdes*, Indios, assim chamados, que havião feito vir de varias partes povoar ao longo do dito forte S. Luiz, para ajuda de sustentarem os Soldados do presidio, e assistirem a defesa, quando importasse.

Ao outro dia levou o Senhor de la Ravardière ao Sargento-Mór, e seus Companheiros a vêr a náo *Regente*, que estava no porto de *Guarapary* á vista

do forte S. Luiz, e debaixo de outro forte, em que havia quatro peças grossas de ferro coado.

Na Náo estava ordenado grande recebimento, e demonstrações navaes de artilharia, e bandeiras ricas de seda, que certificou o Francez haverem custado mais de quinhentos cruzados a fóra o Estandarte Real, que dera a Rainha Regente, que de pinturas, e ouro tinha muito custo.

Depois que estiverão na Náo se fôrão a ver a terra, e conhecenças da entrada da grande barra de Arasajú, e virão a terra de Tapitapera, e de Comat; da outra banda de Loeste, e assim as Ilhas, que jasem sobre o Porto de S. Luiz, fortes em sitio, e povoadas de mato, mas sem agua.

Todas estas coisas, com permissão do Senhor de la Ravardière, o Sargento-Mór notava, e desenhava em seu livro de memoria.

Pelo que la Ravardière disse:

« Vejo-vos tão curioso, que me parece para vos livrar de trabalho, que vos hei de dar o desenho, que fiz de tudo isto até o Pará, em que me aventurei, e trabalhei muito, e se não fôra a vinda do vosso sobrinho Martim Soares, que me inquietou, e fez acudir a este Forte, cuidando serdes já todos vindos, certo tivera feito grandes descobertas; mas espero que Monsieur de la Blanjartierá, que deixei em meu lugar, me trará grandes novas, e mostras de coisas estranhas, de que á vossa vinda de Hespanha vos mostrarei tudo: com este Fidalgo ficarão quarenta soldados Francezes para melhor seguirem nossos bons intentos. »

O Sargento-Mór lhe deu as graças do desenho, que lhe promettia, e assim tratando de diversas coisas, se tornarão ao forte S. Luiz, donde assentarão, que o dito Sargento-Mór se fosse ao outro dia com o Reverendo Padre Fr. Manoel, e que viesse logo o Capitão, que havia de ir a França, e para a viagem de Portugal; assentarão que os Soldados Francezes darião por resgate a caravela, que havião tomado

na guerra passada aos Portuguezes, como fica contado; visto que para a viagem era o melhor navio, que os Francezes tinhão, e os Portuguezes nem peor, nem melhor não possuião coisa, em que aventurarse podessem.

E assim se deu pela caravela algum resgate de coisas do Armazem; e o demais, que se pagaria em Portugal ao Capitão Malharte, que em nome de todos estava elegido para ir com o Sargento-Mór.

E prometteu o Senhor de la Ravardière de mandar concertar e apparelhar a caravela de novo, e dar duas peças de artilharia, e o mantimento necessario, e assim toda a gente do mar Portuguezes, que tinhão em sua companhia tomados em varios navios, e por varios Cossarios, que ali os havião trazido, e os havião deixado captivos, com este assento, e com muitos feijões, e milho, e favas para plantarem, e comerem os do Forte de Santa Maria, se partio o Sargento-Mór do Estado, e em chegando ao Forte se avisou o Capitão Gregorio Fragoso de Albuquerque, e se veio ao Forte S. Luiz, donde partiu na Não *Regente* em companhia de Monsieur du Prat á 13 da Dezembro de 1614, levando além dos Avisos, e Ordens de palavra, a Carta para o Senhor Embaixador de Hespanha em França, que se segue, e assim mais o Regimento, que se verá adiante.

Carta ao Embaixador de Hespanha em França.

«Su Magestad d'El-Rey Catholico nuestro Sñor entendiendo ser cosa mui conveniente á su servicio me embió el año passado de 613 por ordem del Governador General destas Provincias Gaspar de Souza a que lhe descubriesse, poblasse, y conquistasse esta Costa del Brazil, que llamamos de Leste Oeste, teniendose por cierto, que en ella se fortificavan para damnar al Perú algunos Cossarios de las Naciones del Norte.

« Partiendo yo pues con pequeña assistencia de las cosas necessarias, solo hize, y reparé algunos presidios en la dicha Costa, haziendo pax con aquellos Selvajes.

« Este año de 614 aviendoseme dado alguna más assistencia, y dandoseme por Collegua al Capitan, y Sargento Maior de todo este Estado Dieguo de Campos, Soldado viejo de Flandres, que Su Magestad para esta Conquista embiò dende España, venímos à nos alojar en el Rio Marañon, que divide el Perú del Brazil, por la parte del Norte, y porque tuviemos nuevas, que avia Francezes, nos fortifiquamos, y tratamos de occupar por Su Magestad Catholica en sus tierras, lo que nos pareciò à su servicio conveniente.

« Pero fuimos de subito cercados de grandes naus, patachos, y lanchas Francezes, con tanto aparato de guerra, que quasi perdimos la esperança de poder ser soccorridos, y más que sciendo de subito accommettidos nuestros navios mancos, que sin gente, ni artillaria estavan vazios para bolverse, nos tomaron tres, de que quedamos lastimados, y más impossibilitados de ningun soccorro.

« Pero los Señores Francezes juntando las fuerças del Estado de los Indios de una Isla, que tienen occupada en este rio con quatro ò cinco fortalezas, venieron en 19 de Noviembre passado con mas de 2,200 Indios Flecheros em 50 canoas, que son como bergantines, y con mas de 400 Soldados, y Cavalleros de Francia en siete embarcaciones de alto bordo, con artillaria de bronye y de hierro collado para batirnos nuestro fuerte; en que, como diguo, estavamos en tierra de Su Magestade, y con su orden, y banderas menos de 200 Soldados Portuguezes, y muchos menos de 200 Indios de guerra nuestros amigos.

« Pero como era fuerça acudir á lo que tanto convenía, guarneciendo el Fuerte, como se pude, salimos em campaña, y los dimos la batalla, en que

Dios se serviò mirar por nuestra justicia, de que le damos infinitas gracias, quedando Señores del campo, y del sitio, y de todas las embarcaciones de remo que fueron quarenta y seis, à que dimos fuego.

« Muriò Monsieur de Pisiaus, y otros muchos Nobles, y Soldados en numero de mas de 115, de los nuestros tambien murieron algunos, pero como della buena guerra succede la buena pax, veniendo los Francezes con orden de Mons. de la Ravardière a pedir sus muertos para darles sepultura, lo que yá por nos otros estava hecho; tras este trato se conseguió, que supimos, que Su Magestade Christianissima d'El-Rey de Francia sin dar parte a V. S., y Monsieur de Momoransi, Almirante desse Reino, avian embiado à hazer esta Conquista, ò Colonia dizen, que à persuasion de Mons. de Rasilli, vezino de Loudun, y Chinun, y del Sñor de Sansi Nicolàs de Harley del Consejo d'Estado desse Reino, de quien el dicho Ravardière se nombra fator, ò compañero, y como de ambas partes tuvimos precisa necessidad, de que los tratos fuesen adelante: pareciò que se diesse aviso à Sus Magestades, aviendo hasta su Real repuesta, suspension de armas, que durará has el mez de Diciembre de 615, ordenando que un Cavallero Portuguez, y un Francez, vaya à Francia, otro tal à España, e assi fué elegido para esse Reyno, y para el servicio de V. S. mi sobrino el Capitan Gregorio Fragozo d'Albuquerque, y para España mi compañero el Capitan, y Sargento Maior Dieguo de Campos, que con Su Magestad sabrà en España tratar lo que conveniere.

« Supplico à V. S., que en esse lugar oiga à mi sobrino, pues son materias tan importantes al servicio de Su Magestad, y de V. S., y de todos tan desamparadas; y en lo que se offereciere, V. S. se sirva mandarlo encaminar para que todos acertemos, porque es hombre destas partes, y tiene poca pratica dessas; mas el, y todos nos otros tenemos mucha confiança, que V. S. nos harà la merced que

merecemos, para que con respuesta breve seamos favorecidos.

« Los Francezes llevan los papeles, y acuerdos de una via, el Capitan de Campos lleva la otra à Portugal, y à España, donde V. S. serà mas largamente advertido, que esta solamente sirve de aviso.

« Dios guarde a V. S., del rio Marañon, en el fuerte Santa Maria de los Portuguezes a 13 de Diciembre 1614.--*Hieronymo d'Albuquerque.* »

O Regimento que juntamente se deu ao dito Gregorio Fragozo foi o seguinte:

Cousas que por serviço de Sua Magestade ha de advertir o Capitão Gregorio Fragozo d'Albuquerque, em o Reino de França, ao Sr. Embaixador de Hespanha.

« Primeiramente continuará a caza do dito Sr. Embaixador, sempre servindo, e acompanhando a S. S. até com effeito ser respondido, e fará todas as diligencias, que pelo dito Senhor lhe forem mandadas sobre os negocios desta Conquista.

« Advertirá a S. S., que o Maranhão, e suas terras, e assim as de Tapitapera, Comat, e Pará, e todas as demais de aquestas Costas são á parte do Norte do Perú, e do Brazil; as quaes Provincias hoje não são desertas, mas desoccupadas de Portuguezes, ou Castelhanos por infortunios notaveis, e perdas de navios, e gentes, como as Chronicas estão cheias; porque neste Maranhão estão os fundamentos dos primeiros Portuguezes, que aqui povoárão, a saber:

« Os filhos de João de Barros, e os Mellos, e outros, a que, pelos trabalhos de Portugal, se não pôde dar soccorro, e que não são despovoadas; pois o Brazil tem mais de 30,000 Portuguezes, e tantas Cidades, e Villas, somo se sabe, e o Perú, o que he notorio, sendo o Imperio do Novo Mundo de Sua Magestade; de modo, que se por não ter moradores huma

terra, se ha de tomar a seu dono, Silves no Algarve, Algisiras junto a Gibraltar estão sem moradores no coração de Hespanha, e aqui nesta parte, que he do Perú, se fórma huma nova França, ou está já formada com vinte Capuchos, de que he Commissario Fr. Archangelo de Pembroc da dita Ordem, do qual S. S. póde saber muitas cousas; e que estavão 800 Francezes mettidos nesta Colonia com mulheres, e custo incrivel, e com pouco proveito até agora, segundo disem, que o Sr. de la Ravardière tem dado terras, e Indios a Fidalgos, e Soldados seus; os quaes vivem fazendo fazendas, e as possuem como suas na terra d'El-Rey de Hespanha, cousas, que denotão mais fundamento, do que se póde dizer neste negocio.

« Que temos entendido, que se não forão as liançàs de Hespanha, e França, estiverão já nesta Colonia mais de dois mil homens Francezes.

« Que na cidade de Paris em carros triumphaes forão levados os Indios Tupinambás, e os padrinhos o Senhor de Guiza, e Sua Magestade d'El-Rey de França lhes deu mulheres Francezas, e muitos vestidos, e dadivas, com que os tornou a mandar ao Maranhão por seus vassallos, sendo d'El-Rey nosso Senhor, e além destes, e outros muitos liados, que tem, trazem *Lingoas* Francezes em todas estas Provincias, com que nos tem feito, e fazem muito damno.

« Que o Cardeal de la Joyeuse tinha offerecido para esta Colonia a despeza de hum Seminario, como o dirá o P. Archangelo, e assim a Rainha Christianissima Regente huma grande ajuda, que tudo com capa de Religião Christã, vem a ser em damno do serviço de Deos, e destas Provincias: nas quaes dizem, que tem descoberto minas de Lapislazur, e nova pescaria de perolas, e tem achado pedraria de valor, sobre que ha preitos entre elles, e que cada dia de novas madeiras e tintas dos Indios, tratão de tirar a substancia, com que levar avante estes principios; acolhendo aqui da mesma maneira aos Cos-

sarios, que de roubar as terras do Brazil, e da Mina vem aqui desgarrados a buscar mantimento, e remedio a suas viagens.

« Que resgatão por machados, e fouces, e outras coisas de pouca substancia muitos escravos dos mesmos Indios, que huns a outros se comem, e se captivão, e com elles se vão engrossando em modo de fazer fazendas: e que tratão de mandar ao mar de Angola a tomar os navios, que vem com escravos ao Brazil, e ás Indias, para metter nesta Colonia, e fazerem sem despeza mais, que a agencia dos Cossarios, hum riquissimo Reino, e que achámos aqui seus captivos, com ferros nos pés, muitos Portuguezes nossos de trez annos de escravos, que como taes lhes roçavão, e plantavão, e servião no campo.

« Os quaes para sempre estavão condemnados a esta vida, cousa, que nem em Barbaria se usa.

« E isto, porque não dessem noticia do que havião visto nesta Colonia, na qual tem mettido tanto cabedal, que seguramente entendemos, e sabemos, que pedem favor a Inglaterra offerecendo-lhe o feudo, e menajem, e em caso que de França lhes falte assistencia, por quanto o Senhor de la Ravardière, além de ser da Religião, he cunhado do Conde de Mongomeri, que tem em Inglaterra mil parentes, e cunhados, homens de substancia, poderosos, e ricos.

« Tambem por sua natural inclinação de conquistar, e povoar coisas estranhas, e novos descobrimentos, he de arrecear, que não viverá quieto, se a força o não obriga, ou beneficios.

« Pelo que parecendo a Sua Senhoria, que os pobres Francezes Catholicos, e mecanicos, que aqui estão casados com suas mulheres, e filhos, que de França trouxerão, e alguns solteiros, e dos Nobres accommodados na terra, que fiquem os que quizerem possuindo o que tem, como vassallos de El-Rey Catholico nosso Senhor, e aos que não tiverem terras, que possão dar-se-lhes, sem embargo da prohibição feita, que trata dos Estrangeiros, estes taes sempre

serão de grandissimo effeito, porque como tão praticos em todas as coisas de aquella Conquista, e nas execuções dos desenhos de seus maiores, e juntamente liados, e vindos com os Indios, de que não temos ainda hoje noticia alguma, ficarão entre nós outros fasendo hum effeito maravilhoso, e os Indios que dependem de suas linguagens, e promessas, não terão alteração alguma; e por este meio mais breve, e mais quietamente, e com menos despezas seremos senhores do que á Sua Magestade tanto importa, e lançaremos os Hollandezes do Cabo do Norte nesta Costa, donde se fortificão na bocca do Rio das Amazonas, sem que de Hespanha seja necessario buscarem-se, e mandarem-se homens a grande custo, ignorantes do que estes sabem, e nisto não ha duvida ser mui conveniente tomar-se hum bom assento.

« Ha-se de notar, e entender além destas cousas com grande diligencia, e todo o segredo, o que tratão, e machinão os Srs. de Sansi e de Rasilli, e se juntão gente, e se tornão a mandar a sua não *Regente*, que he de 400 toneladas, e leva 300 a 400 homens, e he sua; e dedicada a esta Colonia: porque se assim fôr, convém qualquer cousa por pequena que seja, que se souber disto, avisar a Hespanha para prevenir Sua Magestade, o que convém, e que nos não tomem desapercebidos, donde com Altares, e Mosteiros de Capuchos, e Clerigos, Curas d'almas se vai continuando com a obrigação do Santo Evangelho prégando-se em todo este barbarismo.

« Isto que aqui se adverte ao Sr. Embaixador, he o mesmo que em Hespanha se ha de tratar pelo Capitão e Sargento-Mór deste Estado, com Sua Magestade, que Deos muitos annos guarde, e sempre engrandeça: a 13 de Dezembro 614. »

Neste mesmo dia foi com o dito Gregorio Fragozo para a Ilha, Mathias de Albuquerque, filho segundo do Capitão Jeronymo de Albuquerque, para assistir com os Francezes, emquanto no Forte Santa Maria

dos Portuguezes assistia Mons. de Lastre, Cirurgião Maior dos Francezes, que curava os feridos Portuguezes, nos quaes fez notaveis curas sem algum interesse.

Porque ainda que quizessem não tinhão com que pagar taes beneficios, mais que acudirem todos a Deos, a quem se devem as graças.

Pois (*dedit salutem ex inimicis nostris, et de manu omnium, qui oderunt nos*).

A 16 do dito Dezembro partio a náo *Regente* para França com Mons. du Prat, e o Padre Archangelo com dezesete Religiosos da sua Ordem, ficando na Colonia dous sómente, e hum Clerigo de Missa.

Tambem se embarcou Mons. de Canon-Ville, e outros até numero de cem pessoas, em que entrou Gregorio Fragozo, que ia com Mons. du Prat, como está dito.

Ao largar a vela, a náo *Regente* salvou ao Forte S. Luiz, do qual fazendo-se a devida resposta, arrebentou huma peça grande de ferro coado Ingleza, e matou cinco homens nobres, e o Condestabre, e estropeou dous; toda esta gente éra da obrigação do Sr. de la Ravardière, o qual mostrou sentir tanto esta desgraça, como a passada da rota, que lhe derão.

Partida a náo *Regente*, logo se pôz com diligencia mão no concerto da caravéla, e em se prevenir algum mantimento de farinha, e agoa para o Sargento-Mór, a quem seu companheiro, Jeronymo d'Albuquerque dava huma notavel pressa, a que se partisse; ou por se vêr sem que lhe podesse ir á mão, ou porque esperasse desta ida mais remedio, que de todas as dos outros, de que tinha pouco conceito.

Finalmente sendo já todas as cousas reduzidas ao estado melhor, que o tempo dava lugar, e feitos todos os Assentos, e Papeis necessarios em como Jeronymo d'Albuquerque ficava quieto de posse de sua Fortaleza acabada sobre o Maranhão, com Religiosos, Igreja, cazas de vivenda, roças, plantas, dous

barcos, e dous bateis, que hum dos barcos se havia comprado aos Francezes por haver na Fortaleza mais serviço, e assim redes para pescar, e mais de quarenta jangadas feitas para as pescarias, e mantimentos dos Indios; veio o Capitão Maillarte, ao qual se derão pela caravéla 500 cruzados, a saber em cousas de resgate 130$, e em hum Escripto a pagar em Lisboa o resto, com o mais, que custou o mantimento para a viagem, de que se fez Assento ser tudo por conta da fazenda de Sua Magestade; pois a caravéla não se tomava para mais, que para seu serviço, e assim feitas estas cousas, se despedio o Sargento-Mór do Estado dos Soldados, e seu companheiro, e com a benção dos Revs. Padres Capuchos, partio do Forte Santa Maria á terça-feira, depois da derradeira Oitava do Natal, e se veio por mar reconhecendo os baixos, e barras até o Forte S. Luiz, pela grande barra de Arasajú.

Depois de embarcado o Sargento-Mór na caravéla se deteve dous dias a respeito das vazilhas para agoa, que se não achava ordem de as accommodar; e porque nesta parte havia mais commodo de mantimentos, que no Forte dos Portuguezes.

Neste tempo houve ordem de se tratarem algumas cousas do serviço de Sua Magestade com alguns daquelles Particulares; os quaes derão ao dito Sargento-Mór as mostras de todas as cousas, que achado tinhão naquellas partes, e o Sr. de la Ravardière lhe deu hum traslado da *Relação*, que mandava a França de seus successos com os Indios, a qual traduzida diz esta sorte:

SUMMARIO DO QUE FIZ NESTAS TERRAS DO BRAZIL.

« Primeiramente tenho assegurado aos povos dos Gentios, tanto da Ilha, como da terra firme, ajuntando-os, e unindo huns com os outros debaixo da obediencia do meu Rey; estorvando-os, que não fu-

jão de medo dos Portuguezes, e reduzindo-os á tal obediencia dos Francezes, qual desejar se pode.

« Porque além de que já não comem mais carne humana em todas estas Comarcas até duzentas legoas de aqui, donde fenece a dos Tupinambás, e nenhum Principal destes não emprehenderão guerra contra outros seus contrarios, chamados *Tapuias*, sem primeiro lhes pedirem licença, para o que lhes mandão seus Agentes, ou vem elles mesmos a pedir-me a dita licença, e de proximo oito dias antes, que chegassem os Portuguezes, aqui vierão trez *Principaes* do Pará, e de *Cajeté* a me pedirem licença para irem fazer guerra a huma Nação a quatro centas legoas de aqui, chamada *Camarapi* sobre hum rio chamado *Pacajari*.

« Logo que a Náo *Regente* foi partida, que foi em oito de Dezembro de 1612, no mez seguinte mandei ao Meari, rio aqui visinho, quarenta Francezes buscar aos *Tabajares*, Nação de Indios inimigos, que estavão duzentas leguas de aqui sem haver delles alguma noticia.

« Nesta primeira viagem deixarão os meus dois Indios nossos escravos da dita Nação; os quaes, ficando no mato com mantimento para os irem buscar, porém feita diligencia, se tornarão sem achar nada, e isto tenho advertido em outras *Memorias* minhas, que esta Nação havia sido muito maltratada dos outros nossos Tupinambás.

« E finalmente depois de sete, ou oito mezes, havendo feita muita mais diligencia com quatro viagens, que ali fizerão os Francezes, dorão com esta gente, e disserão logo que havia duas Castas delles desta mesma Nação *Tabajares*, que vivião em guerra, e comião huns a outros cruelmente; e como se ajuntarão a mim, vivem hoje nesta Ilha em paz, e todos juntos com os Tupinambás naturaes, que antes de huns, e outros erão inimigos.

« Depois tendo aviso que havia outra Nação dos *Tabajares* mesmos em hum rio, que a sua barra he

daqui cem legoas, mandei ao meu Lugar-Tenente General Monsieur de Pisiaus com 35 Francezes, os quaes achárão a dita Nação mais de duzentas legoas pelo rio acima, a qual se chama *Vuarpi*; e deixando alguns Francezes para os trazerem, vierão até as terras de Comat, e serão desta parte em entrando as chuvas, porque já os *Principaes* estão comigo, e desta mesma tenho aviso de outra Nação Tapuia, chamados *Igaran Uvanvá*, que estavão nas terras defronte de *Pacuripanam*, os quaes não desejão mais, que chegar-se á nós outros pela noticia, que tem de alguns escravos nossos de sua Nação, os quaes lhes mandamos livres para que entendessem, que queriamos paz com todos os Naturaes; e sobre este aviso mandei com outros escravos alguns Francezes com hum Lingua por nome o *Mingão*, o qual os fez vir até ás terras de *Pacuripanam*, e estão hoje de paz, e mistura com os Tupinambás, e fazem roças de mantimentos, em toda a paz, e amisade com os quaes pouco antes havia tal guerra, que se comião huns aos outros.

« Depois disto feito mandei Monsieur du Prat a hum rio chamado *Guajabug* a 200 legoas de aqui com 30 Francezes, e alguns escravos de huma Nação de Tapuias, que fica sobre este rio.

« A qual gente havendo navegado com imaginação certa de os achar, ou perto, ou longe, tanta diligencia fizerão até que os nossos *Lingoas* os descobrirão, e lhes derão a entender como os queriamos por amigos perto de nós outros; e assim os obrigárão a trabalhar em fazer canôas para se virem, e nas que tinhão se embarcarão logo trez, ou quatro Aldeias, e se vierão a esta Ilha, e depois delles os demais com o dito Senhor du Prat.

« O qual os trouxe aqui, com que me achei bem embaraçado pelos accommodar, e sustentar juntos, que nunca quizerão dividir-se pelas Aldeias dos outros, de medo de que os não comessem, como tinhão de costume.

« Entonces me resolvi de largar huma Aldeia, que tinha de minha gente a huma legoa daqui, e os mandei aposentar nella, fazendo sahir os meus; e lhes dei todas as roças de mandioca para seu sustento, e elles me promettêrão fazer-me outras, e ainda que já por este anno he tarde, será ao outro com o favor de Deos, se a terra nos fica como èspero.

« De mais disto tenho mandado vinte e cinco Francezes com hum de meus escravos, *Principal* de sua Nação, a buscar huma de Tapuias 250 legoas dentro do Rio Pará, que são em tanta quantidade, que me offerecem cem canôas grandes, como os Principaes me tem promettido, aos quaes eu fallei em *Parijob*, sobre a terra dos *Pacajazes*, quando fui ás Almazonas: aguardo por esta gente no mez de Maio, se não tiverem algum estorvo, esperando recado meu. Pois hão de saber, que estão já aqui os Portuguezes.

« Os quaes se tardarem mais hum ou dois annos, já tinha dado ordem, para que se ajuntassem aqui comnosco mais de dez outras Nações, que entre ellas ha huma sobre hum rio da nossa bahia, que he maior Nação, que toda a dos *Tupinambás*.

« Não digo o número das viagens, e caminhos, que tenho feito, e mandado fazer em estas terras, e rios pelos meus, nem digo da minha viagem, que quiz fazer ás Almazonas; porque ficou imperfeito pela vinda a esta terra de Martim Soares Moreno, Portuguez, que veio a descobrir estas terras, e bahias do Maranhão no mez de Agosto de 613 de parte de Jeronymo d'Albuquerque, que em ella está presente, como parece em nossos *Artigos de paz*.

« De mais disto tenho mandado fazer quatro Fortes sobre as principaes partes, e portos desta Ilha, donde em todos tenho artilheria, principalmente em este de S. Luiz, donde tenho muita quantidade: não ponho aqui minhas penas, e trabalhos, e perdas, que tenho corrido indo, e vindo 300 legoas desta Costa dentro em huma canôa, atravessando as barras, e bahias, e dobrando as pontas de todas ellas no tempo

das brigas, nem fállo em trez crueis, e compridas enfermidades, que me causárão estes trabalhos; porque quem quizer considerar tudo isto, e julgar com igualdade, regará a Deos, que o gratifique, e nos sustente em paz dentro do nosso Mundo arctico.

« Feito no Forte de S. Luiz no Maranhão, a 29 de Dezembro de 1614.—*La Ravardière.* »

Além destas Informações, e Papeis, vio o dito Sargento-Mór as terras da Ilha, e roças de algodão, de que os Francezes tirão algum proveito, e o tabaco, ou herva santa, do qual fazem quantidade com tão boa tempera, que val huma livra em França hum escudo de ouro.

Tambem vio a canafistola do rio Meari, da qual levão a França quantidade em conserva, e secca.

Tambem vio as perolas, que Mons. de Pisiaus trouxe do rio *Zouarpi*, que são maiores, que grãos, e da feição de cabacinhas algumas, em que vio huma mui grossa.

Tambem trouxe Mons. de Pisiaus desta sua Jornada enxofre mineral, o qual assegurão que se não acha, senão donde ha minas de ouro, ou prata, e para isto fizerão vir de França na Nau *Regente* hum Capucho, grande Mineiro, chamado *F. Hivo*, o qual adoeceu de sorte na Ilha do Maranhão, que não pôde ir ás Minas, antes, por não perder a vida, se tornou a França.

O Cavalheiro de Rasilli, da Ordem de S. João, e seu irmão Mons. de Lone, e o Sr. de Blanjartiere, e outros Fidalgos aprendem, e fallão a lingoa dos Indios, obrigados de esperanças, que ninguem declara, e todos as confessão; e assim vão lançando mão de todas as miudezas, que achar podem, fazendo cazo da tinta vermelha do *Orucú*, e da outra mais fina chamada *Carajoru*, e do páo amarello chamado *Tatajuba*, e de todas as madeiras, que de diversas côres achão para se poder fazer obra ou tinta.

Tambem no Rio Meari tem descoberto *salitre*, com que já hoje refinão sua polvora, e isto de mi-

nas, e terra salitrosa, que o dá em grande abundancia: tem da mesma maneira descoberto marinhas naturaes de sal mui perfeito em quantidade, que podem carregar quantos navios quizerem, o qual está quarenta legoas do Forte S. Luiz, da outra banda da terra firme de Loeste.

Tem estas terras muita almecega, de que se valem muito, e mui fino incenso, do qual ha huma especie de arvores, que dão tanto que breão com elles os navios e canoas.

Tem infinito oleo de Copahyba em toda esta Costa, de que os Francezes tirão a quinta essencia para suas mezinhas, e fica como agoa.

Tambem nestas partes dizem, que a temporadas achão muito *ambargris*, e o anno de 1610 achou hum Francez, Soldado de la Ravardière, por nome Mons. de Bault, na terra dos *Pacajares*, da banda do Pará duas pedras, huma como hum ovo de pomba, outra menor: pela qual dizem, que dá El-Rey de Inglaterra 20:000 libras sterlinas; huns dizem ser *balais*, outros lhe dão differentes nomes.

As aves, e animaes silvestres desta terra são innumeraveis, e estranhos, de que se toma grande abundancia para sustento das gentes; e assim no mar, e nos rios são infinitas as sortes, e quantidades de peixes, os quaes se tomão ás mãos muitas vezes, e ás pancadas, e de *peixes bois*, cuja carne he como de vacca da mesma côr, sabor e cheiro, e he tão abundante este sitio, que só de hum rio tinhão os Francezes tirado 250; e com estas, e outras cousas, que vio, e entendeo o dito Diogo de Campos, se partio do Forte S. Luiz, a 4 de Janeiro de 1615, trazendo comsigo ao Capitão Mattheu Maillarte Francez, com o qual para refem, e testemunho do que dito fica, se apresentou diante do Sr. Arcebispo, Vice-Rey de Portugal, em 5 de Março do dito anno, sendo o primeiro portuguez, que do Maranhão em direitura veio a esta terra, de quantos intentárão aquella empreza.

FIM.